

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA POLÍTICA
INTERNACIONAL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**ENTRE O REAL E O VIRTUAL:
CULTURA, PODER E INFORMAÇÃO NA INTEGRAÇÃO
SUL AMERICANA**

GRAZIELE OLIVEIRA SARAIVA

ORIENTADOR: PROF. DR. FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA

Rio de Janeiro, RJ. Brasil

Outubro, 2012.



**ENTRE O REAL E O VIRTUAL:
CULTURA, PODER E INFORMAÇÃO NA INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA**

Graziele Oliveira Saraiva

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia / Núcleo de Estudos Internacionais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

Orientador: **Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira**

Rio de Janeiro, RJ. Brasil

Outubro, 2012.

**ENTRE O REAL E O VIRTUAL:
CULTURA, PODER E INFORMAÇÃO NA INTEGRAÇÃO SUL-
AMERICANA**

Graziele Oliveira Saraiva

Orientador: Prof. Dr. Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia / Núcleo de Estudos Internacionais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

Aprovada por:

Presidente da Banca Prof. Dr. **Francisco Carlos Teixeira**

Prof. Dr. Raphael Padula

Prof. Dr. Raquel Paz

Rio de Janeiro
Outubro, 2012.

FICHA CATALOGRÁFICA

Saraiva, Grazielle

Entre o real e o virtual: Cultura, poder e informação na integração sul-americana / Grazielle Oliveira Saraiva. - Rio de Janeiro: UFRJ/ IE / NEI, 2012.

182f: 31 cm.

Orientador: Francisco Carlos Teixeira

Dissertação– UFRJ/ IE / NEI / Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, 2012.

Referências Bibliográficas: f. 156-167.

1. Integração Cultural 2. Redes de Cultura. I. Teixeira, Francisco. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional. .III. Título.

DEDICATÓRIA

À meu avô, **Ismar Fagundes Saraiva**, gaúcho maragato, por ter me apresentado a política e mostrado que só ela é capaz de transformar a luta cotidiana em uma realização social. Pela sua simplicidade alegre em ver o mundo. Pelo seu exemplo de coragem, dignidade e amor para toda nossa família.

“Eis o Homem

Brotei do ventre da Pampa, que é Pátria na minha terra.
Sou resumo de uma guerra que ainda tem importância.
Diante de tal circunstância, segui os clarins farroupilhas
e, devorando coxilhas, me transformei em distância.
Sou tipo que, numa estrada, só existe quando está só.
Sou muito de barro e pó. Sou tapera, fui morada.(...)

Caminho como quem anda na direção de si mesmo. E,
de tanto andar a esmo, fui de uma a outra banda; Se a
inspiração me comanda, da trilha logo me afasto
e até sementes de pasto replanto pelas vermelhas
estradas velhas, parelhas, ao repisar no meu rastro.

Sou a alma longa e tão cheia como os caminhos que
voltam quando as saudades rebrotam substituindo os
espinhos que, à perda de alguns carinhos antigos, velhos
aprontes, nasceram muitos, aos montes, desta minha
vida aragana, nesta andança veterana de ir destampando
horizontes. (...)

Trago o silêncio, guardado, do pago dentro de mim.
Sou o Sepé Tiarajú, o Uruguai, rio-mar azul. Sou o
cruzeiro do sul, luz e guia do índio cru. Cresci juntando
pedaços de brasileiras coragens. Sou, enfim, o sabiá que
canta, alegre embora sozinho. Sou gemido de moinho
num tom tristonho que encanta. Sou o pó que se levanta.
Sou terra, sangue, sou verso. (...)

Marco Aurélio Campos

AGRADECIMENTOS

Aos professores membros da Banca Examinadora, agradeço a cordialidade e disponibilidade. À Professora Raquel Paz pela atenção sempre dispensada e contribuição dada ao resgate histórico dos temas culturais nas relações bilaterais entre Argentina e Brasil. Ao Professor Raphael Padula pela amizade, alegria e apoio desde o início da preparação para ingresso ao Programa de Economia Política Internacional. Ao Professor Darc Costa pelo acolhimento e atenção sempre dispensados. E um agradecimento especial ao professor orientador Francisco Carlos Teixeira, grande historiador e intelectual destacado dentro das pesquisas no âmbito da História Contemporânea e Relações Internacionais.

Ao Professor José Luis Fiori e à Professora Maria da Conceição Tavares, pela grandiosidade de suas obras, fôlego e persistência para a criação e consolidação do PEPI, representando a vanguarda da Economia Política Internacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro e no Brasil, e, sobretudo, pelas brilhantes e inesquecíveis lições em sala de aula.

Aos colegas do Mestrado e Doutorado pela parceria, amizade e aos engajados, ao mesmo tempo, divertidos, debates. Com um *saludo* especial à Luciano Severo, camarada conterrâneo que esteve sempre presente durante esta jornada. Ao amigo franco-colombiano, Joaquim, que tive o prazer de reencontrar em um Seminário realizado pelo PEPI, cujas impressões que um olhar estrangeiro podem dar, me ajudaram no encaminhamento deste.

À André Paz pela parceria profissional e afetiva, pelas conversas filosóficas, projetos, idéias e ideais compartilhados, pela orientação crítica e companheirismo que só fazem aumentar meu carinho e admiração.

E fundamentalmente a minha família, repousada na pessoa do meu avô Ismar a quem dedico este trabalho. Com menção especial aos meus pais Ernesto e Vera, que sempre apoiaram minhas escolhas, influenciaram meu caráter e mesmo de longe não estiveram ausentes um só dia nesses meus anos de Rio de Janeiro. Por fim, aos meus irmãos, Tiago e Guga, cuja amizade e cumplicidade, foram o maior presente que ganhei na vida.

RESUMO

ENTRE O REAL E O VIRTUAL: CULTURA, PODER E INFORMAÇÃO NA INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA

Graziele Oliveira Saraiva

Orientador: Prof. Dr. Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira

Resumo da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia / Núcleo de Estudos Internacionais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

As inovações tecnológicas e a internet projetaram novos atores no sistema internacional e nas disputas de poder interestatais. A presente dissertação apresenta um mapeamento das iniciativas que promovem o processo de integração cultural da América do Sul, baseado nas discussões sobre poder, informação e cultura nas relações internacionais. Estas iniciativas estarão subdivididas em três grupos de análise: 1) Institucional, onde será proferida a dimensão cultural da integração atrelada à prática da diplomacia cultural no interior do Mercosul; 2) Redes de Cultura, apresentando os modelos de articulação independente; e 3) Iniciativas consideradas mistas, por apresentarem cruzamentos entre sociedade civil, empresas e Estados. O trabalho pretende contribuir para trazer a cultura para os debates e buscar uma compreensão mais ampla da integração sul-americana

Palavras Chaves: Integração Cultural; Mercosul Cultural; Revolução da Informação; Redes de Cultura; Diplomacia Cultural; Soft Power.

ABSTRACT

ENTRE O REAL E O VIRTUAL: CULTURA, PODER E INFORMAÇÃO NA INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA

Graziele Oliveira Saraiva

Orientador: Prof. Dr. Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira

Abstract da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia / Núcleo de Estudos Internacionais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

Internet and technological innovations projected new actors in the international system and power disputes between states. This dissertation presents a mapping of initiatives that promote cultural integration process in South America, based on the discussions about power, information and culture in international relations. These initiatives are subdivide into three groups for analysis: 1) Institutional, where you will be given the cultural dimension of integration linked to the practice of cultural diplomacy inside the Mercosul; 2) Culture Networks, presenting models of articulation independent; e 3) Initiatives considered mixed because they have crosses between civil society, companies and states. The work aims to contribute to bring culture to the debates and to seek a broader understanding of South American integration.

Key Words: Cultural integration, Mercosur Cultural, Information Revolution, Culture Networks, Cultural Diplomacy, Soft Power.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 13 |
| | |
| CAPÍTULO I: | |
| A GLOBALIZAÇÃO E A INTEGRAÇÃO REGIONAL | 22 |
| 1.1 - O processo de integração em marcha na América do Sul | 33 |
| 1.2 - As perspectivas de inserção internacional do Mercosul..... | 39 |
| 1.3 – O protagonismo das Cidades: Nós de Rede conectando a América do Sul | 44 |
| 1.3.1 – São Paulo – América do Sul | 50 |
| 1.3.2 – Corumbá – Bolívia | 52 |
| 1.3.3 – Porto Alegre – Bacia do Prata | 53 |
| | |
| CAPÍTULO II: | |
| A REVOLUÇÃO DA INFORMAÇÃO: CULTURA, ESTADO E PODER..... | 56 |
| 2.1- O advento da virtualidade: A Sociedade, a Economia e a Informação em Rede..... | 62 |
| 2.2 - O livre fluxo das informações e a nova sociedade civil..... | 65 |
| 2.3- A Cultura na Agenda Internacional | 69 |
| 2.4 - Conceituando Cultura | 79 |
| 2.5- A revalorização do <i>soft power</i> e da diplomacia cultural na política mundial..... | 84 |
| | |
| CAPÍTULO III: | |
| REDES E INICIATIVAS | |
| NA INTEGRAÇÃO CULTURAL DA AMÉRICA DO SUL..... | 98 |
| 3.1 – As iniciativas Institucionais: Diplomacia e a dimensão cultural da Integração..... | 102 |
| 3.1.1– O Mercosul Cultural | 104 |
| 3.1.1.1 – Fundo Mercosul Cultural..... | 110 |
| 3.1.1.2 – SICSUR..... | 111 |
| 3.1.1.3 – Selo Cultural Mercosul..... | 114 |
| 3.1.1.4 – RECAM..... | 114 |
| 3.1.2 – UNILA: A Universidade da Integração Latino-Americana | 117 |
| 3.1.3 – A Rede Mercocidades | 120 |

| | |
|--|------------|
| 3.2 – As Redes de Cultura: Modelos de articulação independente..... | 126 |
| 3.2.1 – Rede Cultural Mercosul..... | 131 |
| 3.2.2 – Cultura de Rede..... | 133 |
| 3.2.3 – Loco Por Ti | 138 |
| 3.3 – As iniciativas Mistas: O cruzamento entre sociedade civil, empresas e Estados..... | 141 |
| 3.3.1 - Bienal do Mercosul..... | 142 |
| 3.3.2 - TAL – Televisão América Latina..... | 145 |
| 3.3.3 - Raia – Red Audiovisual Ibero América..... | 148 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 149 |

REFERÊNCIAS

| | |
|---|------------|
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS..... | 156 |
| REFERÊNCIAS MUSICAIS | 167 |
| LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES..... | 168 |
| LISTA DE SITES..... | 169 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 01- As três idades da Humanidade segundo Debray | 59 |
| Tabela 02- Principais diferenças entre <i>noopolitik e realpolitik</i> | 93 |
| Tabela 03- Quadro Organizacional - Tipos de Iniciativas e Redes | 101 |
| Tabela 04- Projetos do Mercosul Cultural | 110 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 01- Logomarca do Mercosul Cultural | 104 |
| Figura 02 - PIB Cultural da América do Sul | 113 |
| Figura 03- Mapa Mercocidades | 121 |
| Figura 04 – Organograma Estruturas Verticais e Horizontais | 127 |

ÍNDICE DE ANEXOS

| | |
|--|-----|
| Anexo 1: Reunião Especializada de Cultura / Memorando de Entendimento | 171 |
| Anexo 2: Protocolo de Integração Cultural do Mercosul / 1996 | 174 |
| Anexo 3: <i>La Red Cultural Mercosur en 10 puntos</i> | 178 |
| Anexo 4: <i>Cultura de Red “Carta de Quito”</i> | 180 |

*“Sí, continúo creyendo que hay que ser puente y no sólo camino.
El puente nos ayuda a abrazar las travesías y las discordancias.
Pretexto cómplice, vaso comunicante, boceto
para que el sendero se vuelva diestro o,
al menos, transitable”.*

*Noel Bonilla-Chongo
La Habana, Cuba*

INTRODUÇÃO

Eu quero mapear novos terrenos e não cartografar velhas fronteiras.

Marshall McLuhan

No século em que vivenciamos a aceleração do tempo histórico, temos a integração dos países sul-americanos refletindo as transformações deste novo tempo, trazendo consigo modificações na dinâmica das relações tanto do poder, quanto culturais. Sob esta perspectiva, desenvolver-se-á este estudo inter-relacionando o poder, a informação e a cultura na América do Sul da atual conjuntura, focalizando temporalmente o estudo de caso entre os anos 1990 a 2012.

Analisaremos a integração e todas as variáveis que a compõe, sob a égide do plano internacional, e sendo assim, nos propusemos a refletir sobre o papel da integração num mundo globalizado, onde integrar vai além da promoção do desenvolvimento, é agente de um processo maior de aproximação social e cultural, que vem promovendo uma mudança no posicionamento dos próprios Estados. Diretamente inserido na dinâmica organizacional norteadada pelo processo de globalização, o Bloco Comum do Sul, estrutura e cria instituições que fomentem o processo de integração político, econômico e cultural, consolidando desta maneira sua participação no sistema internacional de estruturas cada vez mais globais. Trazendo ao debate conceitos como Diplomacia Cultural, *Soft Power*, *Noopolitik*, dentre outros.

Neste contexto que tem como pano de fundo a revolução tecnológica da informação, observamos uma série de mudanças nas dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais, assim, buscaremos apresentar de que maneira estas diretrizes convergem ou não, com a política internacional. Procurando identificar com qual intensidade estas novas dinâmicas costuram o continente sul-americano, que intrinsecamente inserido no contexto mundial sofre as benesses e os danos decorrentes desta paulatina modificação histórica de modelo.

A nova economia política global vai muito além do referencial teórico proposto pelo paradigma realista¹ ou neorealista, onde a problemática inter-relacionando guerra, poder

¹ Neste que é ainda se apresenta como o paradigma dominante das Relações Internacionais são privilegiados os aspectos políticos, econômicos e militares nas relações de poder entre os Estados, sendo a paz a sua preocupação central. Teoria das Relações Internacionais, de Nissar Messari e João Pontes Nogueira, Editora Elsevier, 2005.

e economia pautavam os estudos das relações internacionais. Hoje, para a compreensão dos fenômenos e desafios do mundo contemporâneo é necessário que sejam consideradas outras variáveis. Dado o momento em que presenciamos a mais um reordenamento mundial, com novas práticas de exercício do poder, novas manifestações de força, novos exercícios diplomáticos, o que gera implicações na forma como se faz a política, na forma como se posicionam os Estados no tabuleiro internacional, e, sobretudo, na forma como se analisa esta nova conjuntura.

Consideraremos, como um dos referenciais teóricos, as reflexões propostas pela Teoria Crítica das Relações Internacionais, onde a corrente do Construtivismo² é uma das únicas dentro do *mainstream* da área a considerar a temática cultural, ao investigar a convergência dos temas culturais na política internacional, defendendo e valorizando a dimensão de tal abordagem. Na mesma linha, o pensamento crítico assim como valoriza as Relações Culturais, abre precedente para análise da Comunicação Internacional, considerando o fenômeno da comunicação em massa e a internacionalização da produção fatores essenciais ao surgimento da sociedade globalizada com preocupações transnacionais. Tendo como argumento central o fato de o poder hoje ser constituído, sobretudo, por ideias, e que em virtude disso, juntos permeiam a conjuntura cultural e informacional presente nas sociedades contemporâneas, de tal forma que, as ideias compartilhadas, das quais se originam as normas, as intuições e os valores, dão significado à distribuição do poder através das percepções ou identidades de interesses.

Resumidamente, o foco do construtivismo está na construção social da política internacional e em sua base está a ideia de que a realidade é ‘socialmente construída’. As estruturas são definidas, principalmente, por ideias compartilhadas e não apenas por forças materiais, o que torna esta condição uma das mais valiosas à proposta que nos dispusemos aqui, de analisar como o fluxo das informações é importante ao processo de integração da América do Sul. Assim, as identidades e os interesses dos atores sociais são constituídos por estas ideias compartilhadas. Isso significa que ideias e normas têm um papel fundamental tanto na constituição da realidade e dos agentes, quanto na definição de identidades e interesses.

² Algumas ideias do Construtivismo já estavam presentes no campo das Relações Internacionais desde a década de 1960, principalmente no legado da Escola Inglesa. Porém, somente em meados da década de 1980 e início de 1990 que o Construtivismo Social passa a ser efetivamente considerado. O grande responsável por este reconhecimento foi Alexander Wendt, com a publicação da obra *Social Theory of International Politics*.

Os atores estão imersos numa estrutura social que os constitui e que, por sua vez, é constituída, também, por esses atores no processo de interação. Desta amplitude de partícipes advém a importância que damos à conjunção de análises, não restringindo o presente estudo a um campo restrito do conhecimento, propondo uma interlocução entre cultura, política, economia, história, comunicação e ciências sociais. A ênfase dada à dimensão cultural não significa isolamento analítico, pelo contrário se propõe interlocutora, ao mesmo tempo em que se faz parte ativa dos processos sociopolíticos contemporâneos.

Centrar el análisis en los aspectos culturales o de producción de sentido no supone adoptar posiciones “culturalistas”, sino examinar con especial atención los aspectos culturales, sin por ello perder de vista que los procesos sociales son complejos y que las divisiones entre “lo económico”, “lo político”, “lo cultural”, “lo comunicacional”, etc. son sólo recursos analíticos que deben manejarse con perspectivas integradoras, ensayando maneras de articular los conocimientos producidos respecto de las distintas dimensiones analíticas de esos procesos³.

Difícilmente encontraremos apenas uma só fórmula que explique a gama de questões envoltas nos processos econômicos, políticos, sociais e culturais contemporâneos. Nem sequer a “modernidade”, ou a sua etapa pós, como prefere Jameson (2010) ao referir-se à “pós modernidade”, ou em termos mais processuais a “modernização”, ou a “globalização” como conceitos abarcadores, nos permitem esgotar a interpretação de tudo o que acontece no mundo, de tal forma inter-relacionado e interdependente ao mesmo tempo em que fragmentado e excludente.

O ponto de partida, o capítulo primeiro: *A Globalização e a Integração Regional* constituirá na análise dos impactos da globalização no processo em curso de integração regional. Apresentando como se comportam os atores da política internacional sul-americana frente a estas novas formas de relacionamento promovidas em decorrência direta deste novo contexto mundial. Consequentemente para se lograr um bloco integrado ao mundo global é preciso deixar de lado lógicas exclusivamente econômicas e construir um espaço cultural comum. E isso supõe avanços na institucionalização regional da educação, da ciência e tecnologia, na arte e nas indústrias culturais, trazer subsídios que contribuam a este debate, entendido como uma parte do processo histórico que vive, tanto a América do Sul, como o mundo, é um dos objetivos deste estudo.

A partir dos anos 1980 com o fim da Guerra Fria e do período de bipolaridade que a caracterizou, se desintegra a lógica organizacional até então vigente no sistema

³ MATO, 2007, pg: 14.

internacional, dando lugar a chamada nova ordem mundial. Com ela, uma onda de incertezas quanto as novas perspectivas forçaram um reordenamento do poder mundial, tendo agora os Estados Unidos como líder indiscutível e principal ator do “tabuleiro de xadrez mundial”, como comumente é considerada a arena internacional. Atreladas a estas modificações, novas formas de posicionamentos dos Estados, aumento a participação de atores não governamentais e transacionais no processo político e econômico, e maior importância às iniciativas de cooperação internacional e integração regional, e desta maneira, a relação entre os Estados cada vez mais viriam a ser delineadas pelos fenômenos da incipiente globalização.

Entender a globalização como econômica, comunicacional e cultural, permeando as diversas sociedades nacionais, como uma realidade atual e futura, e acima de tudo a distinguir conceitualmente de neoliberalismo, evitando o reducionismo de seus efeitos a consolidação deste modelo econômico. Ainda que a globalização seja uma consequência direta das prerrogativas impostas pela atual fase do capitalismo, o processo em curso se estende em distintas direções, fomentando uma interconexão ampla e irreversível tanto das economias nacionais, como das sociedades - com a disseminação dilatada de seus valores, frutos e produtos. A globalização expande sua área de atuação para além da economia e suas transações financeiras, estende-se a todas as esferas, entrelaça política e cultura, moldando as relações sociais contemporâneas.

A globalização, sem dúvida, é a etapa atual do longo desenvolvimento histórico do capitalismo. Caracterizada pela profunda inteconectividade da sociedade, entrelaçada em todas as suas esferas por redes e fluxos de comércio, de capital, de transações financeiras, de pessoas, de informação e de cultura, tudo isso facilitados pelo avanço das comunicações e eletrônica, parecendo suprimir as distancias e o tempo na organização e interação social.

O fenômeno da globalização ao completar seu ciclo no século XX ainda inaugurou, em várias partes do globo, uma configuração geopolítica: a formação dos chamados blocos regionais. Apresentados como possíveis respostas às supostas ameaças que o novo cenário internacional representaria para os Estados Nacionais, indiscriminadamente, a Constituição da União Europeia, do Mercosul e do Nafta teria sido motivada por ideais solidários contra os efeitos colaterais da nova ordem internacional. (...) Neste sentido a cultura não é mais uma “expressão relativamente autônoma da organização social” mas a “própria lógica” do capitalismo tardio aponta para a necessidade de se repensar o lugar da cultura a partir de 1945, articulado com as expectativas, perspectivas e as disputas travadas em seu nome⁴.

⁴ JAMESON, 2000, pg: 74.

Analisar os impactos destas inter-relações proporcionadas pela globalização na atual conjuntura sul-americana é o escopo desta pesquisa. Dada a complexa realidade da América do Sul, colonizada pelos países ibéricos de culturas semelhantes, e composta por nações com tradição, histórias e pretensões distintas. E mesmo com todas as disparidades, conflitos e diferentes graus de desenvolvimento, estas nações se uniram em prol de um processo de integração conjunto, formando o Mercosul, visando manter sua personalidade enquanto ator internacional e interlocutor frente a outros blocos. Muitos são os modelos e projeções sobre os limites e os alcances do processo de integração, porém é inegável o sólido avanço e interesse em consolidá-lo. O Mercosul, como processo de integração, combina a globalização com a regionalização e implica um cambio nos níveis de determinação local, regional e nacional⁵.

O histórico político dos países sul-americanos em muito nos aproxima, de forma genérica, sofremos a mesma reprodução dos padrões europeus de exploração. Durante séculos seguidos às colonizações, escoamos nossas riquezas minerais e deixamos explorar nossa mão de obra. No século XIX permitimos a reprodução do paradigma liberal-conservador extrair nossos excedentes industriais, capitais e serviços. No século XX após um longo período de restrição das atividades democráticas, imposto pelas Ditaduras Militares apoiadas pelo governo norte-americano, o neoliberalismo se instaurou, obrigando-nos a endividamentos, privatizações e transferência de nossos capitais excedentes, tecnologias, produtos e empresas. Seguindo a cartilha imposta pelo centro, os países periféricos - como no caso sul-americano, fomos promotores do desequilíbrio da organização social e endividamento econômico.

As crises internacionais, seguidas de substanciais aumentos dos preços do petróleo em 1973 e 1979, promoveram grandes desequilíbrios nas contas externas latino-americanas. Segundo Fiori, houve uma impressionante queda da taxa média anual de crescimento do PIB. Em sua fase de “recessão” (1980-1985), a taxa anual do PIB desta região crescia em média 0,6%, já em sua fase de “recuperação” (1985-1990), ela subiu não mais que 1,9%. Dados que concederam à década de 1980 o título de década perdida, sinônimo de estagnação econômica, crises em todos os setores da Economia, altos níveis de desemprego e endividamento estatal, agitações populares e continuidade de governos militares na América latina⁶.

Os anos 90 foram marcados pela implementação e consequente consolidação do modelo neoliberal, causando reajustes estruturais nas economias e nas sociedades. Década em

⁵ ALVARES, 1999, pg: 165.

⁶ FIORI, 1999.

que é fundado o Mercado Comum do Sul, o Mercosul, período em que podemos situar um aumento com a preocupação em se afirmar uma avultada inserção internacional. Questão que definiria o sucesso ou não do comércio exterior e que deixava de ser tema somente dos Estados Nacionais, passando a ser considerado também em conjunto, o que tornava cada vez mais necessária uma unidade constitucional que lhes lograsse fôlego para o enfrentamento das novas diretrizes nas quais estavam pautadas as questões globais.

É o Mercosul que, por muitos motivos, deve contribuir, com outros blocos, para contestar o esquema da globalização unipolar consolidado depois de 11 de setembro de 2001; que tem de atuar como bloco no âmbito internacional e multilateral, na busca de acesso efetivo a mercados externos sob condições favoráveis, a partir do reconhecimento externo da sua personalidade internacional – como um bloco que pode falar com outros blocos. E em um contexto de disputa assimétrica entre unilateralismo imposto e a difícil possibilidade de um multilateralismo alternativo, a emergência de um novo bloco, que se projeta, por outro lado, para a América do Sul e a América Latina, adquire uma dimensão vigorosa de presença internacional⁷.

O Mercosul nasce com dois desafios: O primeiro é econômico - reorganizar as atividades comerciais e aduaneiras, fomentar o aumento das exportações intra-bloco, diminuir as assimetrias entre os seus membros e sobretudo reduzir os conflitos comerciais entre as suas duas principais economias: Brasil e Argentina - para desta maneira, proporcionar uma inserção internacional mais equilibrada do bloco à economia mundial globalizada; O segundo, como não podia deixar de ser, é político - trata de reverter o histórico de desconfiança e ameaças à democracia⁸ entre os Estados partes, consolidando, de maneira estável esta nova etapa política democrática.

A força motriz da criação do Bloco incontestavelmente é gerada pelo fator econômico. Porém com o passar do tempo a integração dos países merosurenhos começa a ser considerada além do comércio e da inserção internacional mais equilibrada. A pauta dos países que compõe o bloco do sul passa a considerar uma agenda extra comercial, visando também a melhor organização administrativa, reformulação de questões agrárias e educacionais, minimização das mazelas geradas pela pobreza, melhoramento na distribuição de renda e geração de maiores oportunidades de ascensão social, mas, sobretudo, como já mensurado acima o fortalecimento da democracia na região.

⁷ CAETANO, 2007, pg: 148.

⁸ Um temor comum dado os resquícios ainda recentes, do período de ditaduras militares, que foram comuns a todos os países do bloco entre as décadas de 1960 a meados de 1980.

A prática do chamado regionalismo aberto⁹, com a busca de novos mercados, ratifica o amadurecimento do bloco frente à nova agenda global, melhorando a sua articulação com os organismos internacionais e consequentemente influenciando as decisões governamentais no plano das políticas nacionais, como por exemplo, amenizar e estruturar questões importantes como o tema da propriedade intelectual e a discussão acerca dos subsídios e barreiras agrícolas.

Nações, regiões, blocos, governos e empresas, assim como a sociedade civil, estão interconectados graças a estes avanços tecnológicos em termos de informação e comunicação. Como não poderia ser diferente as cidades, o local também se comunica com o global de maneira singular, participando da economia política internacional como agentes locais, como será apresentado no exemplo das Mercocidades do Mercosul.

Não se pode mais ignorar o poder das dinâmicas tecnológicas, uma vez que este fluxo comunicacional traz consigo uma série de modificações estruturais e serão estes os impactos que serão analisados no segundo capítulo: *A Revolução da Informação: Cultura, Estado e Poder*, pretende uma reflexão teórica acerca das novas tecnologias da informação, suas implicações na sociedade civil e no processo que culmina na irreversível interconectividade da organização social. Especificamente, como as novas tecnologias comunicacionais, que emergiram no fim da década de 1990 do século XX, estão redesenhando as relações de poder entre nações, organizações e indivíduos. Desde a revolução tecnológica da informação e da comunicação do pós Guerra Fria, se amplificaram os circuitos globais de notícias, explicitando a ausência de fronteiras para a informação.

Apresentando as questões culturais na agenda internacional dos Estados e organismos multilaterais, com destaque a convergência entre a cultura e a política internacional. Abordando o papel dos Estados, perante o processo em curso de novas práticas de relacionamento e diretrizes diplomáticas, emergindo uma nova forma de fazer política, que traz consigo questões pertinentes aos meios internacionais de comunicação e a nova opinião pública, manifestadas na diplomacia midiática e na diplomacia cultural. Concomitantemente, a crescente participação de atores não estatais permitiu que se rompessem os paradigmas tradicionais de estudo, forçando a inclusão de novos atores a análise do contexto internacional, que não somente os Estados e os agentes econômicos. As organizações não

⁹ O conceito de regionalismo aberto foi elaborado pela CEPAL no decorrer da década de 1990, para pensar a inserção da América Latina no processo de globalização da economia mundial. No segundo volume do livro *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL*, organizado por Ricardo Bielschowsky, encontra-se o artigo referência sobre o tema: *O regionalismo aberto na América Latina e no Caribe: a integração econômica a serviço da transformação produtiva com equidade* (CEPAL).

governamentais nos seus mais diversos segmentos, os atores transnacionais, a complexa teia de circulação cultural, e a plena informatização de todos os setores representam alguns destes novos elementos.

Con la globalización, tanto la de arriba (corporaciones transnacionales) como la de abajo (redes de movilizaciones de base), ya no es viable una comprensión tradicional de la acción política, lo cual no quiere decir que debe abandonarse del todo la idea de una esfera política sino que hay que prestarse mayor atención a los efectos políticos de acciones que se suponen culturales, formales o presupuestas, en cualquier análisis de los movimientos sociales¹⁰.

A dimensão cultural provê as bases simbólicas do projeto de integração e considerando isso o capítulo terceiro e último desta dissertação, *Redes e iniciativas na Integração Cultural da América do Sul* tem a pretensão articular os três tópicos motores da análise que estarão expostos até aqui - o poder, a cultura e a informação - como frutos da ação do conhecimento e consciência humanos no processo político de fazer história, pretendemos encontrar subsídios que nos auxiliem na construção do caminho para o amplo desenvolvimento e integração de nossas gerações futuras.

Bem sabemos o poder inconsciente das imagens profundas de conspiração e desconfiança entre vizinhos platinos. A história já nos ensinou isso. Sua modificação nem sempre acompanha o ritmo da vontade política e a lógica econômica de uma década e pouco mais de Mercosul. O requerimento econômico nem sempre foi capaz de superar as invenções imaginárias construídas na memória coletiva dos povos¹¹.

Considerando a dimensão cultural da integração reconhecemos, sobretudo, a sua capacidade de promoção das bases de reconhecimento e respeito entre os diferentes povos e culturas que constituem historicamente as sociedades sul-americanas. Tendo como objetivo central a identificação das seguintes premissas: O continente sul-americano realmente se encontra em diálogo? Se há conexões, estas se restringem as estruturas produtivas, ou aproximam atividades e produções culturais, estruturas políticas e práticas sociais? Qual o papel da cultura dentro do processo de integração em curso? É possível se mensurar a dimensão cultural do Mercosul?

Este que o capítulo final, constituirá em um estudo de casos, na elaboração de um mapeamento das principais iniciativas e redes de integração cultural, numa espécie de ilustração do que vem sendo realizado na prática, seja na organização por vezes informal do

¹⁰ PEREZ, 1997, pg: 306.

¹¹ SARAIVA, 2003.

ambiente de atuação estritamente da internet, seja no campo institucional, com a elaboração de documentos, o fomento de congressos, planos de trabalho ou produções audiovisuais. Subdividido em três segmentos organizacionais de análise: 1) O primeiro apresentará as iniciativas Estatais e Institucionais, numa clara manifestação das práticas diplomáticas na dimensão cultural da integração. Neste tópico, o Mercosul Cultural ganha destaque e dentro dele estarão intrínsecas as ações e projetos desenvolvidos através do seu fomento, como o Sistema Informação Cultural do Mercosul, o SICSUR, a RECAM e o Selo Mercosul. Somadas as iniciativas de cunho institucional exploraremos os exemplos da UNILA, a Universidade da Integração Latino-Americana, um esforço do governo brasileiro em promover uma educação integratória na tríplice fronteira e, o exemplo de organização local da Rede Mercocidades, formado por mais de 260 cidades da região mercosurena; 2) No segundo estarão as Redes de Cultura, iniciativas de cunho independente, espécie de coletivos, que organizam-se e articulam-se basicamente através da internet, refletindo uma forma de articulação informal, independentes que brotam no seio da sociedade civil e envolve desde gestores, produtores culturais como o público interessado em geral; 3) E para finalizar serão elencadas algumas das principais iniciativas que consideramos como mistas, dado o caráter miscigenado, que aglutina: fomento Estatal, com incentivo capital de empresas privadas somados à ação de profissionais de cultura, numa espécie de parceria público privada.

Esta perspectiva de análise articulada das ações tem por finalidade substancial dar sentido ao título desta dissertação, considerando as iniciativas no âmbito da cultura que estão em curso na América do Sul, mostrando como as ações concretas e as iniciativas geridas via internet são capazes de juntas atuar em prol da integração cultural, reproduzindo o paradigma que dá a diretriz deste estudo: *“Entre o Real e o Virtual”*.

Por fim, nas considerações finais, iremos retomar os esforços teóricos e analíticos que visitamos ao mostrar a convergência entre a cultura, o poder e a informação na América do Sul do século XXI. Apresentando uma perspectiva de integração que vai além de uma agenda comercial, que é ativa e abrangente, feita por pessoas comuns, instituições e governos que trabalham, mesmo que de maneira desconexa, em prol de um antigo sonho de nossos povos, a integração do continente. Um relacionamento integrado que considere a cultura um elemento vivo, colorido e cheio de perspectivas de reconhecimento social e desenvolvimento econômico de nossas nações.

CAPÍTULO I

OS EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO NA INTEGRAÇÃO REGIONAL

O escopo deste capítulo inicial é servir de base a toda a análise proposta por esta dissertação. Fornecendo subsídios ao argumento que releva as modificações geradas no âmago da organização estatal, nas suas estruturas, manifestações de poder a partir da mudança de paradigma que se consolida com a globalização. Apresentando o processo histórico de desenvolvimento da globalização, condicionada em sua maioria aos fatores de ordem essencialmente econômica, mas que em realidade afeta todos os seguimentos da vida política, social e cultural das sociedades modernas. Contribuições importantes para a compreensão da influencia direta que este processo implica na gama de assuntos relacionados aos Estados, com a constituição dos blocos econômicos, a consolidação de vínculos que permitam uma inserção mais equilibrada dos países periféricos, especificamente o no caso dos sul-americanos, ao sistema internacional.

A globalização tal qual a concebemos não se constitui uma novidade histórica, é reflexo do longo processo histórico de desenvolvimento capitalista e em especial da expansão da civilização ocidental, na corrente e interrupta exportação de valores, influencia de bens econômicos e culturais que tem caracterizado as relações internacionais de poder através dos séculos, se intensificando recentemente dada a informatização da sociedade contemporânea. Pela ótica de uma perspectiva de análise de longo prazo, a *longue durée*, como a proposta pelo historiador francês Fernand Braudel (1984), a inserção e articulação assimétrica da América Latina ao sistema mundial em processo de formação, não teria começado com a televisão, com as novas tecnologias de comunicação, ou com a internet, senão com a chegada de Cristovão Colombo. No fim do “longo século XVI”, conforme argumentou Immanuel Wallerstein (1976), com a expansão do capitalismo comercial que se configura historicamente o “moderno sistema mundo”. Considerando este ponto de vista de longo prazo, o processo globalizador, cujo motor principal tem sido a internacionalização-globalização do capital¹², mas que não se explica por fatores simplesmente econômicos e sim, vêm acompanhado de uma série de transformações, históricas e sociais. O mundo, a economia e os processos

¹² EICHENGREEN, 2000. Indicação de leitura para compreensão dos desafios da nova economia globalizada: “*A globalização do capital: Uma história do Sistema Monetário Mundial*”, obra que analisa os 150 anos de história monetária internacional, desde a adoção do padrão ouro, no último quarto do século XIX, até a crise asiática, no fim dos anos 1990.

produtivos, dada a divisão internacional do trabalho estão cada vez mais interligados e interdependentes.

(...) compramos un coche Ford montado en España, con vidrios hechos en Canadá, carburador italiano, radiador austriaco, cilindros y batería ingleses y el eje de transmisión francés. Enciendo mi televisor fabricado en Japón y lo que veo es un film-mundo, producido en Hollywood, dirigido por un cineasta polaco con asistentes franceses, actores y actrices de diez nacionalidades, y escenas filmadas en los cuatro países que pusieran financiamiento para hacerlo. Las grandes empresas que nos suministran alimentos e ropa, nos hacen viajar y embotellarnos en autopistas idénticas en todo el planeta, fragmentan el proceso de producción fabricando cada parte de los bienes en los países donde el costo es menor. Los objetos pierden la relación de fidelidad con los territorios originarios, La cultura es un proceso de ensamblado multinacional, una articulación flexible de partes, un montaje de rasgos que cualquier ciudadano de cualquier país, religión o ideología, puede leer y usar¹³.

Nas últimas décadas poucos conceitos foram tão utilizados e debatidos quanto a “globalização”. Presente em todas as arenas de discussão internacional, ela é recorrentemente aclamada tanto na mídia quanto no meio acadêmico, sendo perceptível até mesmo nas prateleiras dos supermercados. A internet sem dúvida teve um papel fundamental no auxílio à plena expansão deste senso comum chamado globalização, que da mesma forma e mais ou menos ao mesmo tempo, tornaram-se fenômenos dos nossos tempos. Sobretudo, significam uma transformação, uma ampliação das capacidades de conexão entre sociedades, mercados e culturas.

A globalização tem um aspecto inegavelmente material, na medida em que é possível identificar, por exemplo, fluxos de comércio, capital e pessoas em todo o globo. (...) Mas o conceito de globalização denota muito mais do que a ampliação de relações e atividades sociais atravessando regiões e fronteiras. É que ele sugere uma magnitude ou intensidade crescente de fluxos globais, de tal monta que os Estados e sociedades ficam cada vez mais enredados em sistema mundiais e redes de interação. Em consequência disso, ocorrências e fenômenos distantes podem passar a ter sérios impactos internos, enquanto os acontecimentos locais podem gerar repercussões globais de peso. Em outras palavras, a globalização representa uma mudança significativa no alcance espacial da ação e da organização sociais, que passa para uma escala inter-regional ou intercontinental¹⁴.

Desde fins do século XX e agora no início do XXI, o contexto sócio-histórico em curso nos mostra a consolidação da globalização econômica refletida diretamente no processo político, social e cultural. A necessidade de expansão dos mercados ampliou as economias para além das fronteiras nacionais, interligando o mundo, facilitando as transações financeiras e promovendo a expansão dos valores, culturas e hábitos ocidentais. Como já analisado, a

¹³ CANCLINI, 1995.

¹⁴ HELD e MCGREW, 2001, pg: 12 e 13.

globalização afeta todas as áreas da sociedade, principalmente as comunicação, o comércio internacional e a liberdade de movimentação, com diferente intensidade dependendo do nível de desenvolvimento e integração das nações. E no que tange a globalização das comunicações, a sua face mais visível esta no advento da internet, a rede mundial de computadores.

Para muitos estudiosos, o processo de globalização econômica, configurado na sua fase neoliberal na década de 90 apresentava tanto a vitória do modo de produção capitalista, pós-embates da Guerra Fria, com a chegada de uma nova e prospera ordem social, econômica, política e cultural, na qual o mercado e a democracia estariam logrando o sonho do desenvolvimento justo, equilibrado e pleno para a humanidade.

Nesta linha de pensamento foram produzidas teses como a do “Fim da História” apresentada por Francis Fukuyama¹⁵, quando os sinais – até então simplesmente anunciadores – do fim do conflito entre EUA e URSS, tinham à democracia de mercado como o mote do sistema econômico e do regime político a partir de então, numa clara alusão ao caráter incontornável do sistema liberal ocidental como sendo uma espécie de horizonte insuperável de nossa época. Submetia assim, o “fim da História” compreendido não no sentido de que o mundo estaria a ponto de se tornar um porto tranquilo para o exercício da democracia política, mas no do término da busca dos princípios fundamentais que devam reger a organização da sociedade. Em resumo, Fukuyama defendia que, com o fim da Guerra Fria, o Ocidente e seu ideário liberal haviam triunfado, encerrando a marcha ideológica da humanidade.

Porém, constatamos justamente o contrário das prerrogativas defendidas por Fukuyama. Muitas foram as análises do sistema internacional, muita crises econômicas se sucederam, os conflitos armados continuaram, e os fatos e desdobramentos envolvidos nos ajustes, reestruturações e mudanças do próprio sistema político e econômico mundial demonstraram o quão vivas e mutáveis ainda estão nossas estruturas. E nem mesmo as altas autoridades dos organismos financeiros internacionais, como o Fundo Monetário Internacional, ou o Banco Mundial, podem negar o aumento da pobreza no mundo e o crescimento das assimetrias entre os países ricos e pobres, da mesma forma que os abismos econômicos criados no seio das sociedades nacionais, configurando a opulência para poucos e a escassez para muitos.

Ideologicamente associada ao neoliberalismo à globalização em sua face econômica mostra-se competitiva e arraigada aos valores expansivos do capital.

¹⁵ FUKUYAMA, 1992.

Desenvolvendo-se de maneira progressiva e até mesmo irreversível pelo ponto de vista da inter-relação global, o que não significa que seja prenúncio de uma harmoniosa relação social global, pelo contrário mostra-se excludente, desigual. Distanciando-se cada vez mais da utópica “Aldeia Global¹⁶”, proposta pelo filósofo canadense Marshall McLuhan em meados da década de 60.

Naquele contexto, anos 1970, as ideias de McLuhan foram vanguarda do que hoje conhecemos como sociedade da informação, imbuído de uma previsibilidade muitas vezes considerada utópica e revolucionária, sobretudo quando as questões em foco referiam-se ao comportamento humano diante das tecnologias presentes e futuras. Para o autor a tecnologia é apropriada pelo homem, não no sentido de puramente apropriação de seus benefícios, e sim na forma que os meios de comunicação e as tecnologias viriam a ser extensões do corpo humano. Associando o progresso das tecnologias ao declínio biológico e cultural dos homens, de maneira a desacreditar na capacidade dos indivíduos de aproveitar o potencial de expressão dessas inovações.

De tal maneira que a “aldeia global” defendida por McLuhan não previu o grau de complexidade a que chegariam as tecnologias e as cidades. Embora, sua visão destacasse o potencial de interconexão que possuía a tecnologia, se configurando diretamente como a consequência gerada pela necessidade de se criar um espaço comum, típico dos dias atuais, onde a interconectividade dos povos se faz possível graças às modernas tecnologias de informação e comunicação, facilitando fluxos e acelerando os meios de transporte. Segundo seu idealizador, a informação transmitida virtualmente aboliria as fronteiras geográficas entre os centros decisórios, produtivos e distributivos em escala mundial, fomentando a comunicação à distância, permitindo a ampliação dos poderes de organização da população, abolindo em grande medida a fragmentação espacial, formando uma espécie de comunidade de aldeia, onde a interligação entre todas as regiões do globo geraria uma teia interdependente, promotora de um sentimento mundial de solidariedade e defesa por interesses comuns.

O mundo - embora distante de viver esta harmoniosa rede de interesses, valores e solidariedades comuns, nos moldes de uma *aldeia* comunitária – esta de forma virtual irreversivelmente interconectado. A vivência prática no chamado ciberespaço e sua influência na vida social são inquestionáveis e desencadeiam uma série de novos padrões de

¹⁶ MCLUHAN, 1971.

comportamento, relacionamento, ética e condutas. Na mesma proporção que integram, globalizam e amplificam padrões, modismos e culturas.

Em termos culturais, a constituição histórica da “modernidade-mundo” significa uma tendência à ocidentalização de culturas e civilizações, em alguns casos como reflexo da dominação por uma conquista armada, em outras por influencia (*soft power*) ou até mesmo imitação, mas a maioria das vezes por uma subordinação econômica, numa espiral de homogeneizadora típica das tendências hegemônicas propostas por este tipo de dinâmica globalizadora. Considerando que existem forças contra-hegemônicas como abordaremos mais adiante, na esfera cultural isso não poderia ser diferente, por mais que ocorram com frequência mestiçagens, hibridismos, sempre germinando novas versões.

Neste contexto a América Latina representa bem esta mescla do genuíno com as influências estrangeiras, que hoje é refletida na riqueza de sua diversidade cultural, que ao longo do seu desenvolvimento histórico esteve subordinada a domínios externos, ora coloniais, ora econômicos, ora midiáticos.

Los procesos de regionalización jurídica, reforzados por factores políticos y culturales, pueden acompañarse de procesos de integración más profundos, que den lugar a la construcción de nuevas identidades, o lo que podría denominarse un nuevo nivel de integración y debe ser entendido a partir de fenómenos políticos, económicos y culturales que posibilitan que el Mercosur se construya como proceso político centrípeto, susceptible de cristalizar como una referencia que re-orienta el sistema de identidades nacionales¹⁷.

Frente a toda a diversidade que nos compõe será que é possível se definir: o que é ser latino-americano? Ou melhor, sul-americano, repetindo a delimitação de nossa abordagem. Para Nestor Canclini a questão central a se abordar não é esta, não devemos centrar o foco na busca da identificação da nossa identidade, e sim se perguntar quais os projetos que poderiam dar certo, visto a realidade que vivemos? O que poderíamos fazer juntos para lograr o sucesso em termos econômicos e comunicacionais, nos intercâmbios financeiros multinacionais e, principalmente no “repertório de imagens e informação distribuídos a todo o planeta pelos meios de comunicação”. Outra questão seria a possibilidade de construirmos na América Latina “tal como na União Europeia, programas continentais de desenvolvimento econômico e cultural, uma economia latino-americana¹⁸”.

¹⁷ ALVAREZ, 1999, pg: 166. "Integración regional e industrias culturales en el Mercosur: situación actual y perspectivas". In García Canclini y Carlos Moneta (org.). *Las industrias culturales en la integración latinoamericana*.

¹⁸ CANCLINI, 2005, pg: 165 e 173.

O debate do global *versus* o local conseqüentemente vem à tona quando se discute as questões da inserção sul-americana no contexto internacional, ou o papel das cidades no processo de integração regional, e principalmente nas capacidades do Estado em manter sua soberania dentro do processo de consolidação e atual crise do modelo proposto pelos blocos econômicos. Ao invés de antagônicos, o local, o regional e o global são processos interdependentes, a dialética: globalização e regionalização; internacionalização e soberania nacional devem ser interpretadas como elementos controversos, porém, ao mesmo tempo complementares. O atual cenário internacional disperso, incerto, ambíguo, complexo, difuso e multidimensional, pode induzir a tese de erosão das capacidades do Estado e o advento de uma etapa de caos e recomposição da hierarquia e natureza das relações entre os distintos atores, que seguem esta nova ordem.

A disputa por espaços estratégicos é indissociável da histórica política e econômica mundial. Geopoliticamente falando, estes territórios ou nichos de mercado quando ocupados, asseguram um rol de relevância no sistema internacional. A interdependência global nos mostra que todas as facetas da realidade, a política, a econômica, a social, a cultural se encontram mais do que nunca unidas, entrelaçadas e suas estruturas e funcionamentos refletidas na imagem e realidade da *World Wide Web*, a rede mundial de computadores.

Nossa análise do sistema internacional se concentrará na configuração política e econômica do mundo posterior aos anos 1960, momento histórico posterior a Segunda Guerra Mundial e fortemente marcado pela corrida armamentista da Guerra Fria. A década de 1980 inaugurava a chamada nova ordem mundial, com o término do período de bipolaridade instaurado durante a disputa pela hegemonia internacional entre Estados Unidos e União Soviética. Esta modificação estrutural no jogo de poder mundial trouxe consigo uma série de incertezas quanto ao equilíbrio do sistema e o papel dos Estados nesta nova configuração política. Com o fim do acirramento ideológico, os Estados Unidos alçam definitivamente a bandeira do capitalismo e do livre mercado como lógica vencedora, as organizações internacionais ganharam espaço e importância e a cooperação entre os países, dentre elas os processos de integração regional.

Neste contexto que se davam os primeiros passos na direção do processo de institucionalização da integração sul-americana. A tendência à organização dos Estados em blocos econômicos representa, acima de tudo, o reflexo da necessidade de organização dos países de se fortalecerem frente às modificações impostas pelo novo modelo.

O debate sobre a regionalização da economia global denota, contudo, uma questão importantíssima: o papel dos governos e das instituições internacionais no processo de globalização. As redes de empresas, negociando no mercado global, são apenas uma parte da história¹⁹. (...)

Na nova ordem mundial, os países, a princípio, geograficamente próximos, e com interesses políticos convergentes, se unem em prol de soluções e alternativas sociais e econômicas frente às assimetrias traçadas pelo processo de globalização financeira. Desta maneira os processos que convergem na formação dos blocos econômicos são reflexos da necessidade de uniões aduaneiras, institucionalização de políticas comuns e fortalecimento dos vínculos regionais no momento histórico concomitante ao processo de globalização econômica, propagado pelo modelo de Estado neoliberal a partir de 1980, que impulsionou um aumento da competitividade e pressão interestatal.

O sistema internacional compreende as relações entre os Estados e economias nacionais integrados, que se relacionam entre si, dentro do sistema mundial, ou sistema interestatal capitalista. Dada a multiplicidade de atores, torna-se cada vez mais complexo, assim como o relacionamento entre as partes. Dos 190 Estados soberanos do mundo hoje, sua grande maioria é composta de Estados jovens, que enfrentaram ocupações e colonialismos. No último século as fronteiras nacionais se multiplicaram e se articulou uma nova forma de organização interestatal.

... a “internacionalização” não começou com um mercado financeiro global ou com a CNN e sua transmissão mundial. O próprio nacionalismo, a despeito de sua evolução, de seu caráter aparentemente individual e de sua celebração do específico, é um processo internacional, um produto da mudança intelectual, social e econômica compartilhada pelas sociedades e estimulada por sua interação nos últimos dois séculos. Na verdade, pode-se argumentar que longe do “internacional” nascer do nacional e de uma expansão gradual dos laços entre entidades distintas, o processo real se deu de maneira inversa: a história do sistema moderno é a da internacionalização e da quebra, em partes separadas, dos fluxos pré-existentes de pessoas, religião, comércio; a precondição para a formação do Estado-nação moderno foi o desenvolvimento de uma economia e cultura internacional, dentro da qual eles se reuniram depois²⁰.

O desenvolvimento do capitalismo atinge, com as transformações desencadeadas pelo processo de globalização e pela implementação do Estado neoliberal, um patamar onde a noção de soberania e nacionalidade se confundem. Neste contexto globalizado o Estado-nação

¹⁹ CASTELLS, 2010, pg: 157.

²⁰ HALLIDAY, 1999, pg: 16.

ganha novos contornos e os conceitos de soberania e legitimidade adquirem novos significados, uma vez que o Estado não mais responde isoladamente aos desafios do sistema internacional, assim como necessita da cooperação internacional para o sucesso de suas atividades e práticas nacionais, internas.

Considerando ainda as empresas, que cada vez mais transacionais²¹, muitas vezes chegam a ter um poderio econômico superior ao de alguns países. Este fenômeno chamado transnacionalização representa o novo contexto empresarial-mundial, que emerge a partir da intensificação das operações de natureza econômico-comercial no período do pós-guerra, e tem como característica primordial a desterritorialização, expansão capitalista, enfraquecimento da soberania e emergência de ordenamento jurídico gerado à margem do monopólio estatal. Configurando mais uma das mudanças significativas desencadeadas pelo processo de globalização econômica, que dada a sua proporção, podem significar uma ameaça à soberania nacional de Estados não tão desenvolvidos dentro do sistema mundial. Esta sociedade transnacional manifesta-se pelo intercâmbio comercial, pelos movimentos de pessoas, pelas crenças comuns, pelas organizações que ultrapassam as fronteiras nacionais, pelas cerimônias e competições abertas aos membros de todas as unidades políticas. Ela é tanto mais viva quanto maior é a liberdade de comércio, de movimentação e de comunicação; e quanto mais fortes forem as crenças comuns, mais numerosas serão as organizações não nacionais²².

Com o término da Guerra Fria assistimos a um reordenamento do poder mundial, refletindo as novas tendências do sistema internacional, agora sob a liderança única da potência ideologicamente vencedora do processo anterior, os Estados Unidos. Favorecidos por sua superioridade bélica e pelos trunfos de sua economia próspera foram os americanos os impulsionadores do processo de expansão do sistema financeiro, baseado em princípios liberais de livre comércio e transnacionalização do seu capital. Esse movimento de financeirização do capital sintetizará as novas articulações entre o poder e a economia.

Identifica-se duas das principais contradições do sistema interestatal moderno, o movimento de internacionalização versus o de nacionalização, com a ameaça a diminuição das soberanias nacionais, e para alguns autores até mesmo o fim das fronteiras nacionais, numa espécie de superação dialética do sistema, somado ao o fato de que o poder nunca

²¹ Para uma discussão mais detalhada acerca dos princípios da “transnacionalidade” buscar HALLIDAY (1999), pg:116 a 120.

²² ARON, 1979, pg: 103.

esteve tão fragmentado e ao mesmo tempo tão universalizado. Arelado a estas transformações de paradigma, tivemos a evolução do conceito de poder internacional:

La derrota del bipolarismo como ideología internacional, el desarrollo extraordinario de algunos Estados y bloques de Estados sin poder político-militar y el auge del poder transnacional, son acontecimientos que se producen concomitantemente con transformaciones en la forma de estimar el poder de los países, donde el componente científico-económico-financiero se impone al político-diplomático-militar y también en la forma de considerar el poder económico. En este último aspecto, asistimos al desarrollo sin precedentes de la economía simbólica (los activos y las transnacionales financieras) sobre la economía real (producción de bienes)²³.

O movimento de unificação dos Estados em torno de Blocos Econômicos se iniciou efetivamente na virada do século XX para o XXI, coincidindo com o período de efervescência do nascente processo de globalização, enraizado na mundialização do capital²⁴. Junto a essa internacionalização complexa do capital financeiro e dos fluxos de capitais, os Estados tenderam a perder o controle financeiro de suas economias, cada vez mais vinculadas às oscilações do mercado internacional, e ao padrão monetário dólar-flexível ditado pelo FED²⁵.

O fenômeno da globalização tem uma relação diretamente atrelada com a lógica da regionalização, a partir do momento em que transforma o contexto e as condições da interação e da organização social, conduzindo a novas formas de ordenamento entre território e espaço. A globalização enquanto acontecimento econômico, fruto das mudanças tecnológicas e extensão dos mercados, imbuído de um sentido especialmente político e ideológico, uma vez que a idéia de globalização tornou-se, uma espécie de sinônimo, positivo, de uma ampla gama de benefícios ao alcance de todos. Modificações econômicas e nas comunicações que foram observadas na maioria das nações. Marcadas por um processo de integração econômica realizado sob a égide do neoliberalismo, caracterizado pelo predomínio dos interesses financeiros, pela desregulamentação dos mercados, pelas privatizações das empresas estatais, e pelo abandono do Estado de bem-estar social.

Os processos de globalização, facilitados pela rápida evolução das tecnologias e informação, apesar de proporcionarem condições para que se intensifique a interação entre culturas, constituem também um desafio para a diversidade cultural,

²³ GINESTA, 1999, pg: 11

²⁴ Para um melhor entendimento do processo de mundialização do capital, buscar obra de mesmo título de François Chesnais, para ele o processo de globalização só é perceptível a partir de meados do século XX. “A Mundialização do Capital”. São Paulo: Xamã, 1996.

²⁵ *Federal Reserve*, o Banco Central Americano.

especialmente no que diz respeito aos riscos de desequilíbrios entre os países ricos e pobres²⁶.

O modelo de Estado neoliberal caracteriza-se basicamente pelo enxugamento do Estado e transferência à iniciativa privada de serviços públicos, que até então eram de responsabilidade do Poder Público, restringe direitos trabalhistas e incentiva a concentração de renda nas mãos de poucos, aumentando conseqüentemente as assimetrias no sistema internacional. Não se configura como um processo historicamente novo, mas que ganhou força nas últimas décadas é inegável, se caracterizando como inacabado, em plena marcha e expansão. A diversificação dos atores que compõe a configuração política atual das Relações Internacionais, que em princípio eram apenas os Estados, aponta outra modificação, cada vez mais, temos a inserção de capital estrangeiro no Estado, e a aliança entre Estado e multinacionais.

Apesar de la emergencia de otros actores internacionales, como las transnacionales económicas y financieras y los bloques económicos (las Comunidades Europeas), los protagonistas del orden internacional existente eran los Estados y, fundamentalmente, los superestados, siendo para muchos autores los únicos protagonistas reales.²⁷

O sistema internacional hoje nos mostra que as opções nacionais são mais realizáveis sobre bases integradas, e neste contexto o papel do Estado dentro do processo de integração regional e ao mesmo tempo inserido no mundo globalizado, é somado a incidência de perspectivas supranacionais²⁸, consistindo em uma das mais desafiantes questões a se definir e estudar, que é essa dicotomia nacional – internacional, que tem marcado o sistema internacional contemporâneo. Como argumenta Fred Halliday: O Estado como ator doméstico e internacional, uma vez que como Estado compete com os outros Estados para mobilizar recursos internamente e usa o seu papel internacional para consolidar a sua posição domesticamente²⁹.

Necessidades de ordem econômica foram elementos motivadores a estruturação destes blocos econômicos regionais, que se desenvolveram entre erros e acertos, rompendo resistências movidas por rivalidades históricas e nacionalismos inerentes a história dos povos envolvidos. A União Européia é sem dúvida o mais maduro e eficiente bloco econômico,

²⁶ Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224por.pdf> Acessado em 27/08/10.

²⁷ GINESTA, 1999 pg: 09.

²⁸ O significado do termo supranacional expressa um poder de mando superior aos Estados, resultando da transferência de soberania operada pelas unidades estatais em benefício da organização comunitária, permitindo-lhe a orientação e a regulação de certas matérias, sempre tendo em vista anseios integracionistas. STELZER, Joana. União Européia e supranacionalidade: Desafio ou realidade? Pg: 67 e 68.

²⁹ HALLIDAY, 1999, pg: 98.

embora não viva seu melhor momento nos dias de hoje, devido às grandes crises econômicas enfrentadas por grande parte dos de seus países membros, é detentora de um peso histórico e corpo político sem precedentes.

A concentração dos países em blocos econômicos, como no caso da União Europeia e no caso de nossa análise, o Mercosul, é favorável ao fortalecimento das relações comerciais de seus países membros, assim como é estrategicamente funcional ao contexto internacional. A partir do momento em que as negociações, não somente de ordem comercial, começam a se dar em grupo, o peso das decisões e consequências é muito superior e mais eficaz. Entende-se a formação em Blocos Econômicos como um grande passo na direção da integração não só econômica, mas também social, política e cultural dos povos envolvidos, e uma análise mais dedicada a este entendimento, focando no caso do Mercosul, se dará no tópico a seguir.

1.1 – O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO EM MARCHA NA AMÉRICA DO SUL

Um desenvolvimento bem sucedido deste processo de integração dos países em blocos econômicos, em tese, acarreta em um maior desenvolvimento dos Estados membros, além de facilitar as relações comerciais entre o Mercosul com os demais blocos econômicos. Desta forma, o fortalecimento do bloco sul-americano é fundamental ao desenvolvimento dos países que o compõe. Em consonância à União Européia e ao Nafta, o Mercado Comum do Sul (Mercosul) vê a integração econômica como peça fundamental ao desenvolvimento e inserção dos países que o compõe na acirrada competitividade internacional.

O Mercosul³⁰ formado por Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela³¹ foi criado em 1991, dando corpo um antigo sonho dos povos do nosso continente - a integração sul-americana – consolidando um processo histórico já secular, que teve início com as independências, lado a lado com a formação dos Estados Nacionais latino-americanos. Os vínculos comerciais mais fortes até então já eram entre Argentina e Brasil, que desde meados da década de 1940 já operavam em parceria e que acabou dando o fôlego que o continente precisava para iniciar efetivamente sua marcha integratória.

O Tratado de Assunção³², no Paraguai, estabeleceu a personalidade jurídica internacional do bloco econômico, quando da sua constituição em 26/03/1991. No ano de 1995 foi instaurada a área de livre comércio entre os países membros, prevendo a comercialização das mercadorias produzidas sem tarifas comerciais. Embora, em tese, esta não seja uma regra unânime, alguns produtos, por serem considerados estratégicos, ou pelo fato de sofrerem tarifação específica, não entraram nesse acordo. Em 1999 se estabelece um plano de uniformização da taxa de juros, um importante passo para a integração econômica, em prol de um futuro estabelecimento de uma moeda única, a exemplo do que se constituiu com o Euro na Comunidade Européia.

Através do Mercosul, os países membros passam a ter um maior peso nas negociações comerciais com os outros blocos econômicos e países, passando a concorrer de

³⁰ Não temos a pretensão, nem tampouco o fôlego para dar conta de fazer uma análise da evolução do bloco como um todo, vamos sim, pincelar alguns dos marcos que consideramos pertinentes à análise que nos propusemos inicialmente. Muitos são os estudiosos que se debruçaram sobre o tema, o que nos tranquiliza com relação à variedade e seriedade de fontes editadas disponíveis, como por exemplo VAZ (2004) e GINESTA (1999).

³¹ A entrada da Venezuela no Mercosul ocorreu em 2006, porém permaneceu até meados de 2012 no aguardo da aprovação efetiva, como analisaremos pontualmente a seguir.

³² O Tratado de Assunção pode ser acessado na página Mercosul do Ministério das Relações Exteriores do Governo Brasileiro, no link: <http://www.mercosul.gov.br/tratados-e-protocolos/tratado-de-assuncao-1>

uma forma mais equilibrada no disputado mercado internacional. A partir do momento da criação do Mercosul, muitos foram os acordos comerciais com União Européia, países vizinhos, e com a consolidação de parcerias, como a adesão de Estados associados ao bloco: a Bolívia (desde 1996), o Chile (desde 1996), o Peru (desde 2003), a Colômbia e o Equador (desde 2004).

A década de 1990, que pode ser considerada como a fase de gestação ao mesmo tempo em que de grandes desafios aos países membros. De igual maneira, o contexto internacional se via forçado a uma readaptação de modelo, pois com o fim do conflito entre EUA e URSS, as relações de poder mundiais necessitavam se redesenhar. As economias do mundo todo começavam a se reorganizar em torno de um novo fenômeno: a globalização, e com ela uma guinada em direção às políticas neoliberais. E dadas estas transformações, nossos Estados se reorganizavam internamente, e adaptavam-se internacionalmente ao novo contexto.

A partir de 1994 podemos chamar de período de consolidação do bloco. Ele segue o período de transição que iniciou em 1991 e se estendeu até 1994 quando da assinatura do Protocolo de Ouro Preto³³, considerado um protocolo adicional ao Tratado de Assunção, que efetivamente estabeleceu a estrutura institucional ao Mercosul, configurando sua personalidade jurídica. Esta opção institucional demonstra claramente a preocupação das duas maiores economias do bloco, Brasil e Argentina em manter sua autonomia quanto as decisões econômicas nacionais, da mesma forma que estruturar a coordenação dos órgãos de ordem técnica e administrativa na condução dos assuntos pertinentes ao grupo.

A parte dos momentos pontuais que constituíram e trouxeram o Mercosul até aqui, com os avanços e retrocessos pertinentes a este tipo de processo, podemos afirmar, que, mesmo frente a “crise³⁴” que hoje vive com a suspensão do Paraguai, o Mercosul encontra-se mais forte do que nunca no ponto de vista econômico. A entrada da Venezuela sem dúvidas trouxe um abono financeiro adicional.

Somado a isto, é de sobremaneira importante destacar que a América do Sul tem importância estratégica na geopolítica do tabuleiro mundial, tanto por sua extensão territorial, seu potencial mercado consumidor, como por seus recursos naturais (hídricos, minerais e vegetais). A constante busca por fontes de energia encontra na região sul-americana um

³³ Disponível em: <http://www.mercosul.gov.br/tratados-e-protocolos/protocolo-de-ouro-preto-1>

³⁴ Colocamos o termo crise entre aspas, pois o período institucional em que vive o Mercosul, pode também ser encarado como um momento de oportunidade. Uma vez que, dado o fato de a morosidade com que as questões pertinentes à entrada da Venezuela no Mercosul, tivessem esbarrado nos entraves políticos do Congresso paraguaio, sua suspensão do Bloco abriu as portas para a formalização efetiva do ingresso do país caribenho.

terreno muito mais seguro e estável do que no Oriente Médio, o atual principal fornecedor de gás e petróleo, e neste ponto, as recentes descobertas da Petrobrás na costa brasileira devem ser consideradas. Da mesma forma, como o potencial hídrico da Amazônia e as grandes reservas de Urânio, a 6ª maior do mundo³⁵.

Na última década, no plano político, o continente sul-americano, elegeu democraticamente governos de orientação mais de centro-esquerda, ensaiando um processo de integração regional com perspectivas de autonomia, o que conflita diretamente com os objetivos dos principais atores globais, principalmente os Estados Unidos. O projeto de integração sul-americano encontra-se em um momento único de expansão, citamos como exemplo a subordinação à Unasul de projetos como a IIRSA³⁶ - a Iniciativa para a Integração da Infra-Estrutura Regional da América do Sul - que visa contemplar projetos nas áreas de transportes, energia e comunicações, promovendo a integração física do continente.

Não há dúvidas que a constituição política da União das Nações Sul-Americanas, a UNASUL, formada por doze países sul-americanos: Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Chile, Guiana, Suriname e Venezuela, representa o maior veículo continental em prol da integração política regional.

A UNASUL tem como objetivo construir, de maneira participativa e consensual, um espaço de articulação no âmbito cultural, social, econômico e político entre seus povos. Prioriza o diálogo político, as políticas sociais, a educação, a energia, a infraestrutura, o financiamento e o meio ambiente, entre outros, com vistas a criar a paz e a segurança, eliminar a desigualdade socioeconômica, alcançar a inclusão social e a participação cidadã, fortalecer a democracia e reduzir as assimetrias no marco do fortalecimento da soberania e independência dos Estados³⁷.

Não obstante, a UNASUL vem se tornando uma estratégia política dos governantes da região para a sua incorporação soberana no sistema internacional, através do fortalecimento dos vínculos de complementaridade regional. Sua constituição visa fortalecer a democracia e os interesses dos povos sul-americanos, na busca do aprofundamento de seus laços históricos, incluindo aqui a solução pacífica para os conflitos e restabelecimento das relações diplomáticas. Embora, teoricamente, os preceitos de fomento ao intercâmbio cultural

³⁵ FIORI, 2010. “Brasil e América do Sul: O desafio da inserção internacional soberana.” Publicado em <http://www.rumosdobrasil.org.br/2010/03/12/brasil-e-america-do-sul-o-desafio-da-intercao-internacional-soberana/>

³⁶ La Iniciativa para la Integración de la Infraestructura Regional Suramericana (IIRSA) es un foro de diálogo entre las autoridades responsables de la infraestructura de transporte, energía y comunicaciones en los doce países suramericanos. IIRSA tiene por objeto promover el desarrollo de la infraestructura bajo una visión regional, procurando la integración física de los países de Suramérica y el logro de un patrón de desarrollo territorial equitativo y sustentable. Site Oficial: http://www.iirsa.org/index_POR.asp?CodIdioma=POR

³⁷ Fonte Itamaraty, link acessado em 05/06/2012: <http://www.itamaraty.gov.br/temas/america-do-sul-e-integracao-regional/unasul/>

estejam sendo retomados hoje com o projeto de integração em curso, tanto com o amadurecimento institucional do Bloco Econômico Mercosul, que nos últimos anos logrou de maior respeitabilidade internacional e maior coesão interna, quanto pelo impulso dado pela constituição da UNASUL, representando a união intergovernamental dos 12 países do continente, integrando as duas uniões aduaneiras da região o MERCOSUL e a Comunidade Andina de Nações, a CAN.

A UNASUL tem como objetivo construir, de maneira participativa e consensual, um espaço de articulação no âmbito cultural, social, econômico e político entre seus povos. Prioriza o diálogo político, as políticas sociais, a educação, a energia, a infraestrutura, o financiamento e o meio ambiente, entre outros, com vistas a criar a paz e a segurança, eliminar a desigualdade socioeconômica, alcançar a inclusão social e a participação cidadã, fortalecer a democracia e reduzir as assimetrias no marco do fortalecimento da soberania e independência dos Estados; Entendendo que a integração sul-americana deve ser alcançada através de um processo inovador, que inclua todas as conquistas e avanços obtidos pelo MERCOSUL e pela CAN, assim como a experiência de Chile, Guiana e Suriname, indo além da convergência desses processos³⁸.

Esta opção pelo comércio e uma maior integração política com os vizinhos sul-americanos, embora tenha sido colocada em prática de forma mais ativa na última década, está prevista na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o parágrafo único do art. 4º formaliza que o Governo brasileiro trabalharia de encontro à integração do continente: A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações³⁹.

Se até então, historicamente, o Brasil manteve o distanciamento cultural, somado ao abismo representado pela questão linguística, se comportando como um gigante de costas para o continente, hoje é um dos elos mais fortes desta corrente. O processo de integração regional se viu fortemente impulsionado pela política “sul-sul⁴⁰” da diplomacia brasileira nos dois últimos governos. E sem dúvida, o Brasil é um dos países mais fortes e prósperos do bloco, logo, o apoio incondicional do Governo e do seu Ministério de Relações Exteriores ao

³⁸ O Tratado Constitutivo da UNASUL foi assinado em 2008, e esta disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/temas/america-do-sul-e-integracao-regional/unasul/tratado-constitutivo-da-unasul>

³⁹ Presidência da República – Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos: Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao_compilado.htm

⁴⁰ Diplomacia “Sul-Sul” praticada e solidificada pelo Itamaraty durante os 8 anos do Governo Lula, e fincado como um dos objetivos centrais do Ministério das Relações Exteriores do Governo da Presidenta Dilma Rousseff. Política de relacionamento que visa o estabelecimento de relações comerciais, políticas e de investimentos, com os países do Eixo Sul, ou seja, América Latina e África.

processo político e integração sul-americana, incentiva o esforço dos demais países membros à mesma direção. Tal postura, responde tanto a critérios de expansão dos interesses brasileiros no plano internacional, como a uma motivação de ordem ideológica de integrar o continente. Sob esta orientação, iniciativas como a IIRSA e a UNASUL só vêm a somar ao processo.

Como argumenta José Luis Fiori em seu artigo intitulado “*Brasil e América do Sul: O desafio da inserção internacional soberana*”⁴¹, o Brasil historicamente nunca teve pretensões expansivas, e na primeira década do século XXI mudou sua estratégia de inserção internacional, dando uma guinada em direção ao continente sul-americano. Hoje o Brasil tem uma grande responsabilidade no destino do continente, e acima de tudo no projeto de integração sul-americana, uma vez que o destino da América do Sul esta cada vez mais dependente das escolhas e decisões brasileiras.

O aumento da projeção internacional do Brasil é uma das grandes novidades do sistema internacional nesta primeira década do século XXI e essa visibilidade mundial, teve duas frentes principais, uma econômica, dada ao crescimento do Brasil como exportador de Commodities⁴², o bom desempenho de políticas de inclusão internas que ocasionaram mais empregos e maior poder de compra dos brasileiros, mas principalmente por não diminuir este crescimento com a crise econômica mundial de 2008. Fatores que somados ao destaque, reconhecimento e respeitabilidade internacional do país, tiveram em grande medida favorecimento pela imagem carismática de seu líder, o Presidente Lula.

O golpe no Paraguai em junho de 2012 trouxe a urgência do fortalecimento das estruturas jurídico institucionais tanto da UNASUL como do Mercosul. A fragilidade e, sobretudo, incapacidade institucional de interferência quanto ao movimento da oposição paraguaia que implicou no “*impeachment*” do presidente paraguaio, Fernando Lugo, em 22 de junho do corrente ano, demonstrou o quanto ainda é necessário se desenvolver estruturas capazes de reagir a estas ameaças à democracia ainda recorrentes em nosso continente em pleno século XXI. Tal feito levou a suspensão do Paraguai, tanto da UNASUL como do Mercosul, com o conseqüente não reconhecimento do novo presidente por parte dos demais países membros. Sem dúvidas que um acontecimento de tal envergadura, abala estruturalmente a composição administrativa e a própria imagem de coesão política do bloco.

⁴¹ FIORI, 2010. Brasil e América do Sul: O desafio da inserção internacional soberana.

⁴² Commodities são bens naturais sem transformação: minerais e alimentos, como petróleo, cobre, ferro, carvão, gás, soja, arroz, café, carne etc. A China se tornou a segunda maior economia do mundo, e não é possível não destacar seu papel neste processo de alavancagem das exportações, não só brasileiras, mas do continente como um todo. A necessidade chinesa por matérias primas serviu de motor ao desenvolvimento da maioria dos países do mundo na última década.

Porém tal incidente político, foi sucedido por um acontecimento de grande valia para o crescimento econômico e geopolítico do bloco: a entrada da Venezuela.

Com destaque ao protagonismo brasileiro na direção de uma efetiva integração do continente, as políticas empregadas pelos dois Governos Lula, e até agora conduzidos pela equipe de governo da presidenta Dilma Roussef, mostram que o Brasil tem grande interesse em fortalecer os laços de cooperação e reciprocidade com os países do bloco, explicitando desde então o interesse em expandi-lo, como o fez com o apoio dado a entrada da Venezuela no Mercosul em 2006, mas que somente se consolidou agora, pós suspensão do Paraguai, e com efetivação da anexação do vizinho caribenho. Em respeito à premissa de unanimidade nas decisões do Bloco, os presidentes de Brasil, Argentina e Uruguai aprovaram a entrada do país liderado por Hugo Chávez ao bloco em 31/07/2012.

A entrada da Venezuela torna o Mercosul a quinta maior economia do mundo. Segundo Dilma, inicia-se uma nova etapa: “Considerando os quatro países mais ricos do mundo, EUA, China, Alemanha e Japão, o Mercosul somado é a 5º força”, destacou. De acordo com dados do Itamaraty, entre 2001 e 2010, o comércio da Venezuela com os países do Mercosul aumentou mais de 7 vezes, passando de cerca de US\$ 1 bilhão para US\$ 7,5 bilhões. Com a entrada do país caribenho, o Mercosul representará 70% da população da América do Sul (270 milhões de habitantes), 83,2% de seu PIB (US\$ 3,3 trilhões) e 72% de seu território (12,7 milhões de km²)⁴³.

A somar a força econômica que o Mercosul passa a ter com a entrada da Venezuela como estado membro, deve-se considerar toda a capacidade estratégica que isso representa no campo energético. Como exportador de petróleo, o único americano e não árabe da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) a Venezuela traz ao Mercosul uma clara possibilidade de autossuficiência energética e capacidade exportadora ímpar para o continente. Ainda analisando tal fato sob o viés geopolítico, a extensão do bloco, agora dilatado da Patagônia argentina (ponto mais ao sul do continente) ao mar do caribe, torna o Mercosul geograficamente um gigante.

⁴³ Um passo histórico para a integração continental, artigo de Vinicius Mansur para a Carta Maior. Acessado em 01/08/2012: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=20642

1.2 – AS PERSPECTIVAS DE INSERÇÃO INTERNACIONAL DO MERCOSUL

Passados 20 anos da fundação do Mercado Comum do Sul, o bloco avançou e ganhou influência entre os países sul-americanos, marcando sua presença internacional. Muitas foram as etapas superadas, erros e acertos e o Mercosul permanece em busca de sua maturidade, e para tal, o aperfeiçoamento institucional e jurídico é fundamental, de acordo com documento do Ministério das Relações Exteriores do Brasil:

O aperfeiçoamento institucional do Bloco e o fortalecimento de sua dimensão jurídico-institucional também têm papel fundamental na agenda. Em consonância com esses objetivos, foi aprovado, em 2002, o Protocolo de Olivos para a Solução de Controvérsias entre os Estados partes. A partir da aprovação desse Protocolo, foi criado o Tribunal Permanente de Revisão com o objetivo de garantir a correta interpretação, aplicação e cumprimento do conjunto normativo do Bloco. Ainda no âmbito institucional, o Parlamento do MERCOSUL, constituído em dezembro de 2006, representa importante avanço, conferindo maior representatividade e transparência ao processo de integração⁴⁴.

Representatividade, transparência, aperfeiçoamento institucional e fortalecimento jurídico são premissas fundamentais a uma inserção organizada do bloco ao sistema internacional. Sem estruturas claramente definidas, assim como propósitos, objetivos e regras condizentes com a realidade do mundo globalizado, dificilmente um bloco econômico tenha chances de lograr o sucesso. A flexibilidade, acima de tudo, deve ser considerada, uma vez que as flutuações do mercado mostram a necessidade constante de reavaliação e adaptação as novas demandas e regras.

Mesmo envoltos nesta multiplicidade de novos atores, e em muitos casos, perdendo a exclusividade do poder, os Estados se mantêm como os principais atores deste cenário, e no eixo central de qualquer análise dentro das teorias de relações internacionais. A integração regional entra neste contexto como uma possível resposta à fragmentação do sistema internacional e a globalização. O reforço da estrutura internacional, através da integração regional e da cooperação internacional, pode vir a ser uma solução para os problemas causados pela acentuada globalização, que ultrapassam as fronteiras nacionais e causam o aparente caos da ordem econômica internacional, dando a esse processo pouca estabilidade.

Partindo de uma análise acerca da concepção de sociedade internacional como homogeneidade, onde “sociedade internacional” indicaria um conjunto de normas

⁴⁴ Fonte Ministério das Relações Exteriores: <http://www.itamaraty.gov.br/temas/america-do-sul-e-integracao-regional/mercosul>

compartilhadas por diferentes sociedades, promovido pela competição internacional. Nesta suposição haveria uma igualdade intersocietal e interestal, que dada às semelhanças de valores domésticos e de organização, configurariam uma homogeneidade. Exemplificando a relação entre a estrutura interna das sociedades e o internacional, os Estados são compelidos a conformar seus arranjos internos aos demais. Assim, a comparação entre os Estados é uma parte importante do seu processo formativo, considerando a competição como fator impulsionador destas mudanças. Esta conceituação foi a partida de Fred Halliday, para tentar entender como:

(...) as relações sociais, políticas e econômicas dentro dos Estados são afetadas pelo internacional. A aplicação destes resultados permitirá que as relações internacionais se tornem não somente o estudo dos Estados (apesar de sua importância hoje e sempre), mas também o estudo teórico e histórico dos processos internacionais e de suas contribuições: o funcionamento interno dos Estados tanto influencia, como é influenciado pelos processos internacionais⁴⁵.

E justamente no intuito de compreender as dinâmicas dos processos internacionais, onde estão inerentes as assimetrias entre os países ricos e pobres, que trazemos ao debate esta abordagem histórica da globalização sua relação com a integração regional. De acordo com José Luis Fiori, em sua obra, Poder Global, esse complicado xadrez mundial denota a rapidez com que foi soterrada a utopia da globalização e o fim das fronteiras nacionais. E principalmente, refletiu a retomada do sistema mundial à velha geopolítica das nações, com o fortalecimento das fronteiras nacionais, da competição econômica mercantilista e com o aumento da luta pelas hegemonias regionais⁴⁶.

O interno e o internacional se mesclam constantemente e um equilíbrio saudável entre estas duas demandas que garantirá a permanência no jogo internacional. A interconectividade das relações sociais e principalmente da imprensa, não mais permite que consigamos nos manter a parte dos acontecimentos e mudanças mundiais. E com os atores centrais do sistema internacional, os Estados, tal fluência não se dá em menor medida. O conjunto de normas e regras que regem a sociedade interestatal, leva aos Estados a se adaptarem ao circuito para que desta maneira estejam aptos à competição permanente.

A segurança nacional e internacional é um dos maiores desafios à estabilidade mundial. Presente no discurso do governo norte-americano há décadas, está a constante inquietude devido ao quase que permanente estado de alerta frente às ameaças externas e internas. O que leva, não somente os americanos, mas grande parte da opinião pública

⁴⁵ HALLIDAY, 1999, pg: 108 - 109.

⁴⁶ FIORI, 2007.

mundial a uma paranoia coletiva, envolvendo sociedade, mercados, Estados e organizações internacionais. Na linha argumentativa que dá respaldo às guerras travadas pelos EUA, estão listadas como as principais ameaças a tão almejada estabilidade do sistema internacional: o narcotráfico, o terrorismo e as constantes inconstâncias ocasionadas por ameaças de conflitos étnicos e por disputas fronteiriças ao redor do globo.

Neste ponto, dado casos isolados, onde o narcotráfico impõe suas regras, o continente sul-americano tem sua peculiaridade, embora viva em constante estado de alerta devido à pobreza de sua maior parte da população e todas as mazelas sociais inerentes a este status, em termos de guerras propriamente ditas, não vivemos disputas hegemônicas nos últimos séculos, que viessem a representar um movimento armamentista de grandes proporções e envolvimento dos exércitos nacionais.

Quando analisamos os conflitos armados na América do Sul nos últimos dois séculos, observamos que o combustível em sua maioria foi disputa territorial. Um dos mais marcantes e sangrentos, dado a dizimação de três quartos da população local foi a Guerra do Paraguai (1864 – 1870), que colocou Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai. Outro embate, porém de ordem territorial muito mais evidente, foi a Guerra do Pacífico entre Chile e Bolívia (1879 – 1883), onde o Chile tomou o porto boliviano de Antofagasta, única saída do país para o mar, o conflito provoca tensões até hoje. Dando sequência a cronologia dos conflitos, temos a Guerra do Chaco (1932 – 1935) entre a Bolívia e o Paraguai, que se confrontaram em disputa pela região do Chaco Boreal, em vista da possível existência de petróleo na região, o conflito acabou sem vencedores, com a região partilhada entre os dois países, porém calcula-se que as baixas tenham chegado a 100 mil. Retomando uma disputa territorial iniciada em meados do século XIX, Peru e Equador voltam a se contrapor, conhecida como a Guerra Peru – Equador (1941 – 1942), mantém viva a tensão entre as fronteiras dos dois países.

Este breve levantamento é importante para lembrar o histórico da instabilidade política que perpassaram nossas fronteiras continentais. Parêntese que abona, de certa maneira, a conhecida postura de desconfiança entre os povos sul-americanos. Embora não tenhamos perspectivas explícitas de conflitos bélicos (considerando novos e até mesmo resgate de antigas rivalidades), tensões existem. Assim, consideremos valoroso o avanço nas negociações de ordem diplomática e o ingresso dos países sul-americanos em blocos econômicos e, sobretudo após a constituição da UNASUL. Fatores que somados contribuem em uma perspectiva abrangente à aparente, ou até mesmo relativa, tranquilidade geopolítica

do continente, o que torna a América do Sul um terreno muito mais seguro e estável do que o Oriente Médio e a África. Ao mesmo tempo, dada a crescente e constante busca por fontes de energia, atual motores da economia mundial, encontra-se na região sul-americana um oásis de recursos, abundância e oportunidades.

O aproveitamento racional das oportunidades, a capacidade de aplicar os rendimentos em prol da ampliação da integração continental e especialização das bases produtivas e tecnológicas será o grande desafio das próximas décadas. Assim como a extração positiva destas vantagens geográficas e naturais serão fatores determinantes para a prosperidade da América do Sul, embora tenha se consolidado nas últimas décadas como economia periférica exportadora, é preciso ultrapassar a barreira de meros exportadores de commodities e importadores de produtos industrializados. Mantendo a direção no caminho da ampliação das redes e parceiros de comércio, a diversificação e a interligação das cadeias produtivas, uma matriz energética comum, a integração e a manutenção do cenário de estabilidade política e a união em torno da Unasul, facilitarão a inserção do bloco sul-americano de forma muito mais segura e assertiva no sistema internacional.

Desde la creación del Mercosul se han ido acotando las posibilidades y las vías de inserción de este grupo subregional en el sistema internacional. En teoría, sería más favorable a los intereses del sistema de integración, constituir un núcleo fuerte en una estructura de acuerdos flexibles que permitieran relacionarse con otros bloques regionales, sin perder la necesaria autonomía de decisión⁴⁷.

Sobretudo, é preciso que se mantenha a vontade política de todos os Estados envolvidos neste processo de integração regional. E o caminho para a constituição de um Parlamento do Mercosul, parece ser um eficiente mecanismo para a implementação do imprescindível ordenamento e aperfeiçoamento institucional. A clareza na confluência de interesses, onde todos os países membros estejam voltados à mesma direção de desenvolvimento e integração, ajudará na superação da barreira de mera expectativa, para uma prática real. Desta maneira, conflitos comerciais - como os recorrentes entre Brasil e Argentina, ou os mais recentes em torno da concessão da energia gerada na binacional Itaipu entre Paraguai e Brasil - venham a atrapalhar o bom relacionamento entre os países membros, e muito menos, venham a configurar perda, ou retrocesso no avanço das negociações em geral enquanto bloco econômico.

⁴⁷ GINESTA, 1999, pg: 144.

A relação nacional e internacional esta presente nas próprias relações comerciais entre os blocos econômicos. Se por um lado é benéfico para um país negociar em grupo, em bloco as negociações se efetivam com uma maior facilidade, e maior será a vantagem competitiva se o fizer diretamente com outro bloco. Desta forma, se encadeia a engrenagem favorecendo ao mesmo tempo, a acumulação em escala nacional, ao bloco econômico, e movimentando de forma articulada os agentes da própria globalização. Não vemos a eliminação das fronteiras nacionais como elemento necessário ao processo de integração, o que pode sim é haver uma adequação no poder dos Estados no sentido de adesão a um projeto maior, por exemplo, com a necessidade de revisões constitucionais internas, em prol da realização de objetivos coletivos.

A busca por consolidar parcerias para além do binômio comércio-indústria, estendendo os objetivos para áreas de cooperação na educação, cultura, ciência e tecnologia, de forma a proporcionar as suas populações tanto um maior conhecimento das diferentes culturas dos que nos compõe, como um nascente sentimento de reciprocidade, solidariedade e cumplicidade, livre dos pré-conceitos e desavenças antigas. Onde as aspirações coletivas sobressaiam aos interesses individuais, da mesma forma como devem ser respeitadas as realidades regionais, trabalhando na direção da diminuição das assimetrias entre os países partes, buscando sempre o desenvolvimento em conjunto, combinando os fatores positivos e os conjugando equilibradamente, desenvolvendo a necessária reestruturação dos fatores e dos sistemas produtivos. Assim, não seria saudável ao processo de integração a primazia de um país sobre os outros, mesmo no caso de o Brasil como a “promessa” do continente, se seu crescimento se der unilateralmente, o sonho da integração sul-americana será engavetado novamente.

1.3 – O PROTAGONISMO DAS CIDADES: NÓS DE REDE CONECTANDO A AMÉRICA DO SUL

O importante não é a identificação nacional ou local do agente, mas seu poder dentro da rede, que deriva da força simbólica acumulada em seu interior⁴⁸.

Pautaremos aqui o papel de protagonista que as cidades exercem no plano nacional, regional e internacional simultaneamente, como peça inerente ao debate do global *versus* o local, que inevitavelmente vem à tona quando se discutem as questões da inserção sul-americana ao contexto internacional. O atual cenário internacional disperso, incerto, ambíguo, complexo, difuso e multidimensional, pode induzir a tese de erosão das capacidades do Estado e o advento de uma etapa de caos e recomposição da hierarquia e natureza das relações entre os distintos atores, que seguem esta nova ordem. De igual maneira, o papel exercido pelas cidades no processo de integração regional, com a emergência dos atores locais como também atores do plano global, ao invés de antagonicos, devem também ser interpretados como processos interdependentes. O campo de atuação local (incidência das cidades), assim como o regional (exercido pelos países dentro do contexto de atuação dos blocos econômicos), não se anulam mutuamente, e sim, operaram na integração de suas ações e parcerias.

As cidades nasceram da concentração de pessoas, da centralização das funções de comando e controle, da coordenação, da troca de bens e serviços que fomentou o desenvolvimento do comércio, das moedas⁴⁹, da vida social diversa e interativa, se configurando, desde sempre, como sistemas integrados de comunicação. Muitas foram as mudanças que as cidades enfrentaram, sempre se adaptando aos novos tempos, assim o foi na Era Industrial, assim transita para a Era da Informação. Portanto, a infraestrutura tecnológica que constrói a rede, define o novo espaço; como as ferrovias definiam as regiões econômicas e os mercados nacionais na economia industrial; ou as regras institucionais de cidadania específicas das fronteiras (e seus exércitos tecnologicamente avançados) definiam cidades nas

⁴⁸ BUENO, 1999, pg: 220.

⁴⁹ Para um melhor entendimento do processo de desenvolvimento das cidades, indicamos “*Estados e moedas no desenvolvimento das nações*” obra organizada por José Luis Fiori.

origens mercantis do capitalismo e da democracia⁵⁰. Hoje, todos os espaços são transformados a partir das inovações tecnológicas e pelos fluxos constantes das comunicações.

Defendendo a ideia de que essas transformações geram uma nova forma espacial, característica das práticas sociais que dominam e moldam a sociedade em rede, o sociólogo catalão Manuel Castells (1999), inicia o debate em torno de sua teoria do urbanismo na Era da Informação. Este sistema de comunicação integrado propicia, dada a sua estrutura em forma de rede digitalizada baseada em múltiplos modelos de comunicação, uma incrível capacidade em incluir e abranger as mais variadas formas de expressões culturais. Esse novo sistema comunicacional é agente transformador do espaço e tempo, dimensões fundamentais da vida humana. Nesta nova realidade comunicacional as cidades ficam despojadas do seu sentido cultural, histórico e geográfico, passando a incorporar também dinâmicas virtuais, ocasionando um espaço de fluxos que por sua vez substitui o espaço dos lugares. Da mesma maneira, o tempo, vai tornando-se intemporal, dada a capacidade de interação virtual entre passado, presente e futuro.

As cidades enquanto pontos de comunicação para os quais converge grande parte destes fluxos têm como característica o fenômeno da conexão em rede, ligando diretamente o local ao global. Esta arquitetura mundial de redes globais conecta seletivamente os lugares, de acordo com seu valor relativo para a rede. O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado, que funcionam por meio de seus cursos. Por fluxos, Castells (1999) entende as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade. Estes fluxos são ativos e nos ajudam a entender as dinâmicas pelas quais os centros urbanos estão passando atualmente. Assim como as finanças são geridas por fluxos de capital de diferentes pontos, conectadas através de redes financeiras, as cidades modernas estão permeadas pela constância de trocas apontadas para distantes conexões. Intercâmbio e interação constantes são duas das características mais palpáveis desta fluência, e estes fluxos somente ocorrem com a abundância e abrangência tecnológica.

Logo, as cidades, principalmente as que exercem centralidade política e econômica em seus países, se apresentam como signo do seu fortalecimento regional, fruto da existência de um trânsito simbólico de bens culturais entre elas, muitas vezes exercido na forma de cooperação cultural. Constituindo espaços importantes de interação social, focos de

⁵⁰ CASTELLS, 1999.

disseminação de conhecimento, polos de aglutinação de organizações independentes e administrativas, participantes políticos, representantes ativos das aspirações locais que não devem ser alijados ao processo globalização.

O espaço de fluxos inclui a conexão simbólica da arquitetura homogênea nos lugares que constituem os nós de cada rede pelo mundo. Desse modo, a arquitetura escapa da história e cultura de cada sociedade e torna-se refém do novo e admirável mundo imaginário das possibilidades ilimitadas que embasam a lógica transmitida pela multimídia: a cultura do *surfing* eletrônico, como se pudéssemos reinventar todas as formas em qualquer lugar, apenas sob a condição de mergulhar na indefinição cultural dos fluxos do poder. O encerramento da arquitetura em uma abstração histórica é a fronteira formal do espaço de fluxos⁵¹.

Nesta linha de análise ainda baseada em Castells (1999), a facilitação destes espaços de fluxo estão diretamente relacionados à existência de pólos, “nós” que representam o desenvolvimento de determinadas localidades como eixos centralizadores, ou melhor, aglutinadores. Constituindo redes de comunicação e conectividade de atividades localizadas nesses nós por meio de redes de transporte rápido operadas por fluxos de informação. Esta nova arquitetura espacial é em síntese, constituída por redes globais que conectam grandes regiões metropolitanas e suas áreas de influência. E assim define o espaço dos fluxos como a combinação de três camadas: a primeira consistiria nos impulsos eletrônicos propriamente ditos, compreendendo grande parte das atividades comerciais de hoje, toda espécie de bytes, códigos e fins que formem informação. A segunda camada da teoria do espaço de fluxos seria os “nós”, nódulos de concentração definidos de acordo com as características do produto ou serviço a ser processado na rede. E por fim a terceira refere-se à organização espacial das elites gerenciais dominantes (não as classes), que são os responsáveis pelas funções direcionais em torno das quais o espaço é articulado.

A partir desta caracterização do espaço de fluxos a difere do espaço dos lugares onde se delineiam as cidades em si e que têm as chances e possibilidades de comunicação diretamente atreladas ao fator proximidade geográfica. Já o espaço dos fluxos, é fruto do desenvolvimento da comunicação digital baseada na microeletrônica, das redes avançadas de telecomunicação, dos sistemas de informação que transformou a espacialidade da interação social com a introdução da simultaneidade, ou de qualquer outro fator temporal, nas práticas sociais, a despeito da localização dos atores engajados no processo de comunicação. Com a inclusão digital as cidades tornaram-se cibercidades, que são cidades e espaço de fluxo nas

⁵¹ CASTELLS, 1999, pg: 507.

palavras de André Lemos (LEMOS 2003), em síntese polos urbanos que abrigam as mais diversas redes culturais, técnicas e sociais. Não significa que as cidades existentes deixaram de existir, mas sim de uma evolução quase que gradual de adensamento das relações entre homens e tecnologias, onde as velhas formas de organização urbana, pouco a pouco cederão espaço para a emergência das tecnologias da informação. As cidades em tempos de globalização estão e ficarão cada vez mais interconectadas por tecnologias sem fio, como *smart phones* e redes *Wi-Fi*. A informação torna-se recurso indispensável para o funcionamento dos espaços urbanos e das relações sociais (LEMOS 2007).

Em todas as acepções do termo, fica evidente que por cibercidades devemos compreender uma forte relação entre as cidades e as novas tecnologias da informação e comunicação. De forma mais genérica, e transcendendo a tipologia apresentada, cibercidades seriam as cidades para as quais as infraestruturas digitais já são uma realidade. Nesse sentido, todas as grandes metrópoles contemporâneas são cibercidades. Trata-se de um conceito que visa colocar o aceno nas novas tecnologias de comunicação e informação em interface com o espaço urbano, seja para promover vínculo social, inclusão digital, informações aos cidadãos, produção de dados para a gestão do espaço, aquecimento para as atividades políticas, culturais e econômicas. A cibercidade é a cidade da cibercultura⁵².

E neste contexto onde a convergência entre sociedade e tecnologia deu corpo ao ciberespaço, se proliferaram redes, pautadas na informatização, na realidade virtual e na multimídia. Consideramos como reconfiguração uma boa definição para o que estamos vivendo⁵³, redefinindo posturas frente a todas estas modificações estruturais promovidas pelas novas realidades comunicacionais. Um dos precursores no uso do conceito de cibercultura, Pierre Lévy, em seu livro homônimo debate acerca da questão se há ou não uma variável condicionante ou determinante na questão da influencia das tecnologias na vida humana.

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (*home banking*, cartões inteligentes, celulares, *palms*, *pages*, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna⁵⁴.

⁵² LEMOS, 2007, pg: 10.

⁵³ Uma análise coerente deste processo social deve livrar-se das abordagens que nos limitam e definem como fruto de um determinismo tecnológico. Sofremos, como cidadãos, todos os efeitos destas inovações, porém nossas posturas e escolhas não são pautadas exclusivamente por tais efeitos.

⁵⁴ LEMOS, 2007, pg: 11 e 12.

Numa tendência sociocultural, que compreende a relação entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias que florescem a partir desta convergência entre as telecomunicações e a informática em fins dos anos 70, numa soma de transformações que veem reestruturando as relações sociais e a forma se comunicar. Assim, posturas conceituais como identidade, integração regional, políticas culturais, narrativas, discursos e imaginários sociais operam como fatores essenciais nesta confluência de elementos de transformação social. As trazemos aqui com o objetivo de apresentar o exemplo de intercambio de bens culturais que afetam a cotidianidade urbana, estabelecendo relações entre cidadãos comuns de diferentes espaços geográficos.

Alguns lugares são intercambiadores e centros de comunicação desempenhando papel coordenador para a perfeita interação de todos os elementos integrados na rede. Outros lugares são nós ou centros de rede, isto é, a localização de funções estrategicamente importantes que constroem uma serie de atividades e organizações locais em torno de uma função chave na rede. A localização do nó conecta a localidade com toda a rede. Os nós e os centros de comunicação seguem uma hierarquia organizacional de acordo com seu peso relativo na rede⁵⁵.

Estas interconectividades entre as “Cidades Nós de Rede”, que mesmo sem esta intenção claramente definida, vem se configurando ao longo das últimas décadas como pontos de referência de trocas e intercâmbio culturais entre as nações sul-americanas, promovendo de forma prática e quase que natural, o processo de integração cultural do continente. Eventos Culturais ocorrem simultaneamente nestas cidades nós, assim como Festivais, Congressos e Encontros alocados, que além da frequência, movimentam recursos, aglutinam grupos, e fomentam, sobretudo, a troca de experiências e vivências.

Respeitando a premissa de que cada país tem seu(s) grande(s) nó(s) que o conecta(m) a redes globais estratégicas, atrelando ativamente o local ao global, consideramos algumas cidades do Mercosul, como os nós de rede da região. Pontos de conexão definidos não apenas por circunstâncias econômicas, mas também históricas e geográficas. Algumas são capitais ou grandes cidades, outras menores, porém localizadas em pontos geopoliticamente estratégicos. Reconhecendo a não homogeneidade na escolha, elencamos como nós desta rede, cidades que exercem papel de conexão cultural na América do Sul. Sendo assim, estes municípios, além de atuarem como “nós”, estabelecendo espaços de lugares e fluxos, operando como os “corredores geográfico-culturais⁵⁶”. A aproximação cultural nestes polos

⁵⁵ CASTELLS, 1999, pg: 502.

⁵⁶ A definição “corredores geográfico-culturais” será mais bem abordada na página 129, quando analisada a Rede de Cultura Mercosul.

conectores, nestes pontos que aqui chamamos de “nós”, não ignora as marcas que podem ser balizadas por elementos conflitivos, como disputas econômicas e políticas, seja por territoriais, agrárias ou até mesmo por busca a empregos, mas que dada à permanência dos aspectos culturais, são irreversíveis.

Não serão abordadas especificamente cidades como Buenos Aires e Córdoba na Argentina, assim como Montevideu, no Uruguai, ou Rio de Janeiro, no Brasil, apenas por uma questão de limitação da dentro da pesquisa. No entanto, a título de registro formalizamos a importância estratégica destas no eixo das artes do Mercosul, colaborando ativamente para o processo de integração cultural abordado aqui. A constar, como capital argentina, a província de Buenos Aires ocupa historicamente uma centralidade político, econômica, administrativa, demográfica e cultural na região mercosureña e fundamentalmente com relação ao restante da Argentina. Em seu espaço territorial inúmeras foram as manifestações artísticas, políticas e culturais que floresceram, num enriquecer constante do que chamamos de cultura portenha, argentina, e até mesmo sul-americana. Em proporções menores, a província de Córdoba, dada sua importância no cenário político nacional além de sede de uma das principais universidades nacionais, foi considerada polo cultural das artes visuais, a partir dos anos 1960 quando passa a abrigar a Bienal Americana de Artes, com caráter Internacionalista interamericanista, almejava a promoção de uma comunicação “para fora”, sonhando integrar num só evento, em pé de igualdade, todas as manifestações artísticas do continente, incluídas as dos Estados Unidos⁵⁷. E, Montevideu por sua vez, além de todas as vocações artísticas aglutinação enquanto capital do Uruguai teve no palco do seu Teatro Solís, a passagem certa de grande parte dos espetáculos teatrais, de dança e música que se apresentaram pelos demais palcos do continente.

Uma vez, considerando estes postulados apresentaremos algumas cidades e suas conexões regionais, expondo, embora superficialmente, como enquanto ponto de conexão local interage com o global ou regional, cumprindo este papel de *link*, fazendo a mescla cultural, por fim, aproximando os povos do continente.

A apresentação destes nós e o porquê desta definição, estará pautada em três cidades brasileiras e sua relação com outros pontos do continente iniciando pela conexão São Paulo - América do Sul, onde a capital paulista cumpre seu papel de interlocutora com o continente, dada sua força econômica e diversidade cultural, abriga um número considerável de nichos de comunidades estrangeiras. O eixo Corumbá - Santa Cruz, mas o interpretando

⁵⁷ GIUNTA, 2008, pg: 204.

de forma genérica como Bolívia, terá na cidade de Corumbá, como o exemplo de cidade menor, que não é capital, mas que dada à peculiaridade de fazer fronteira com a Bolívia, interage constantemente com o país vizinho e vem promovendo um destacado festival dentro das iniciativas de cunho integracionista. E por fim, Porto Alegre, que dada a triangulação com o sul do continente, quase que naturalmente, dados hábitos e cultura comuns, se inter-relaciona com as capitais do sul do continente, exerce o papel de nó da Bacia do Prata. Seguindo esta interpretação, estes três exemplos de conexão que serão apresentados, embora possam parecer superficiais, terão muito mais o intuito ilustrativo do debate acerca do papel das cidades⁵⁸ na conexão com o global e de que maneira estas poderiam ser consideradas pontos de destaque nos processos em prol da integração cultural dos países membros e associados do Mercosul.

1.3.1- SÃO PAULO/AMÉRICA DO SUL

A maior metrópole da América do Sul se configura um nó de conexão por si só. Sua magnitude enquanto cidade e principal polo econômico e industrial do país, com sua potencial e promissora geração de empregos, atrai mais do que turistas, se configura como nó de conexão empresarial. Exercendo esse papel de metrópole, a capital paulista é um palco para as principais apresentações, mostras e festivais culturais internacionais, abrangendo os mais variados segmentos das artes, música, fotografia, artes plásticas e cenográficas. Esta confluência de transações culturais e trocas financeiras, como não podiam ser diferentes, atuam como um ímã para a mão de obra imigrante, e este fator vem transformando a relação de paulistas e imigrantes vindos, sobretudo, dos países vizinhos.

Em termos econômicos, o maior polo industrial do país, além da fluência de negócios, congressos e reuniões de trabalho das corporações sul-americanas com sede nela estabelecidas, São Paulo abriga o circuito cultural das comunidades que imigraram, com festivais, comunidades, feiras, manifestações artísticas e festas regionais dos países vizinhos. Com destaque à crescente imigração boliviana dos últimos 20 anos.

⁵⁸ Poderíamos ainda somar a análise Foz do Iguaçu, outra cidade fronteiriça, mas como abordaremos o caso da UNILA em particular, optamos por não incluí-la neste capítulo.

Hoje a presença boliviana é um fato consolidado em São Paulo, tanto do ponto de vista espacial, já que está presente em praticamente todas as regiões da cidade, quanto do ponto de vista socioeconômico e cultural. Se, naquele momento⁵⁹ se começava a explicitar as contradições vivenciadas por eles no mercado de trabalho, nas suas relações familiares e formas de organização interna, por sinal ainda incipientes, agora o foco se volta para os canais de diálogo com o contexto sociocultural paulistano, tendo em vista a conquista de novos espaços de sociabilidade e visibilidade na cidade e, sobretudo, o reconhecimento enquanto grupo étnico⁶⁰.

A população boliviana em São Paulo ainda é vista sob o estigma do preconceito, fator que se disseminou dada a representatividade destes trabalhadores na indústria têxtil em submissão a parcas condições de trabalho, baixos salários, inclusive sob denúncias de condições análogas às escravidão⁶¹. A parte desta polêmica questão de ordem laboral, a comunidade boliviana em São Paulo, tem dois lugares que passaram a ser palcos de importantes manifestações culturais, em diferentes momentos do ano, como uma forma de veicular e negociar novas identidades. São elas a Praça Kantuta, no bairro Pari e o Memorial da América Latina, na Barra Funda (SILVA, 2012).

Assim como espaço aberto as artes e comunidades latinas, o Memorial da América Latina ocupa posição destacada. Localizado no coração da maior, senão segunda maior metrópole da América Latina, representa o sonho posto em prática do projeto do entusiasta da integração cultural do continente, o antropólogo Darcy Ribeiro e desde sua fundação em 1989 atua ativamente na propagação e divulgação das produções culturais do continente, estreitando as relações culturais, políticas, econômicas e sociais do Brasil com os demais países da América Latina. Sua sede no bairro da Barra Funda de São Paulo, contou com o projeto arquitetônico do célebre Oscar Niemeyer, têm em extensão mais de 84 mil metros quadrados. O Memorial fomenta a pesquisa e apóia a expressão da identidade latino-americana, incentivando seu desenvolvimento criativo. Coordena iniciativas de instituições científicas, artísticas e educacionais do Brasil e de outros países ibero-americanos. E difunde a história dos povos latino-americanos às novas gerações de estudantes, com exposições históricas culturais permanentes.

⁵⁹ Autor se refere a sua pesquisa anterior: *Costurando Sonhos, trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1997.

⁶⁰ SILVA, Sidnei. Em *Imigração Boliviana no Brasil* / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

⁶¹ De 2010 para cá, inúmeras foram as denúncias envolvendo exploração de mão de obra imigrante, em especial boliviana, na capital paulista. Os escândalos envolveram grandes redes varejistas, como no caso da brasileira Marisa e da espanhola Zara. Para ilustrar, link para reportagem que saiu no Jornal O Globo, em 10/02/2012: <http://oglobo.globo.com/economia/rede-de-lojas-marisa-fica-de-fora-do-pacto-contras-escravidao-6381584>

De igual maneira, poderíamos citar outras inúmeras iniciativas culturais que tem como berço São Paulo, mas o foco aqui se restringe a eleição de algumas características que ilustram os nós de conexão entre o continente, e a constância de atividades simultaneamente acontecendo cumpre este objetivo. E nesta análise o Memorial tem importância histórica no fomento ao processo de integração cultural da América Latina e sem duvidas se configura como uma iniciativa bem sucedida.

1.3.2 - CORUMBÁ/BRASIL E SANTA CRUZ/BOLÍVIA

A cidade fronteiriça de Corumbá (Mato Grosso do Sul), com sua posição geográfica privilegiada, justamente pelo fato de ser fronteira entre Brasil e Bolívia, a tornou uma cidade “nó” na região. Sua condição geopolítica estratégica se tornou de fato um fator determinante para o desenvolvimento político, econômico e, sobretudo cultural do município. Corumbá é a segunda mais importante cidade em termos econômicos, ficando atrás apenas da capital Campo Grande, é a primeira em cultura e a terceira em população, é uma cidade portuária, rica em reservas naturais e minerais, com destacado valor histórico local. A se somar à rede de trocas regional, o Mato Grosso do Sul ainda faz divisa com Paraguai, mais ao sul, dividindo o perímetro com o restante do estado. Dadas estas condicionantes, também recebe um grande número de imigrantes bolivianos⁶², respirando a mistura os idiomas e costumes dos dois países.

Essa forte polarização na zona de fronteira é característica da migração boliviana e, de certa forma, obedece às configurações territoriais das faixas de fronteira de cada país. O fraco povoamento da área, que corresponde à fronteira com a Bolívia, e as descontinuidades específicas da distribuição da população brasileira nessa região se reproduzem na repartição da imigração boliviana na localidade. Ou seja, no município de Corumbá, os bolivianos se concentram na área urbana, da mesma forma que os brasileiros. A imensidão da fronteira do Brasil com a Bolívia se caracteriza por descontinuidades importantes, que associam vastas áreas pouco ocupadas e integradas a lugares altamente integrados. (...) Em contraste, a cidade de Corumbá aparece como um ponto chave dentro das trocas e da dinâmica de integração no subcontinente (OLIVEIRA, 1998). A cidade é um lugar estratégico de articulação dos fluxos de bens, pessoas e informações, configurando o denominado corredor bi-oceânico, que agrega as duas margens litorâneas do continente, isto é, o

⁶² Para um aprofundamento no histórico de imigração boliviana para o Brasil, indicamos como leitura: SOUCHAUD, S.; FUSCO, W. Espaços migratórios e redes sociais da migração boliviana no Brasil: Corumbá e São Paulo. Campinas: Nepo/IRD, 2007 (Documentação da pesquisa).

sudeste brasileiro com os portos peruanos e chilenos do Pacífico, passando pelo eixo de concentração do povoamento boliviano Santa Cruz-Cochabamba-La Paz⁶³.

Deste constante fluxo de convivência e relações comerciais, é merecedor de destaque dentro do contexto da fronteira e das trocas culturais que dela naturalmente germinam - o FAS: Festival América do Sul. Encontro, na forma de festival de música realizado anualmente desde o ano de 2004, na cidade de Corumbá e também em Ladário e na Bolívia. Ao todo mais de 850 mil pessoas⁶⁴ participaram das edições anteriores, entre artistas, intelectuais, autoridades governamentais, estudantes, comunidades brasileiras e dos países sul-americanos, além de turistas vindos de diversos locais do país e do mundo. No ano de 2012 foi realizada a 9ª edição do Festival América do Sul, sob a marca “Soy loco por ti, Corumbá”. Reunindo, ao todo mais de 240 atrações artísticas, debates e seminários. Assim como as atrações principais, que são os grandes shows musicais, dança, teatro, circo, exposições de artes plásticas, mostras de artesanato e cinema, somadas a apresentações de artistas de rua. Dentre os países participantes estiveram além do Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela, promovendo a integração dos povos vizinhos e realizando o maior encontro de cultura do ano na região pantaneira.

1.3.3 - PORTO ALEGRE / BACIA DO PRATA

Outro exemplo de conectividade regional vem das principais capitais da Bacia do Prata, onde há a articulação especial entre Porto Alegre – Montevideu – Buenos Aires. Dadas as próprias pré-condições culturais, de matrizes em comum, que entrelaçam historicamente estas comunidades, que além de grande identificação de hábitos e costumes gaúchos, mantém a tradição de elementos considerados fundamentais as suas configurações sociais. O sul do Brasil - à parte do idioma - mantém laços comuns muito estreitos com seus vizinhos platinos. Por exemplo, os alimentares, no caso da abundância da cultura ganadeira- onde o churrasco, ou parrillada, se configuram como prato típico; da mesma forma, o hábito diário de consumo do chimarrão ou mate - bebida de herança indígena, que foi propagada inicialmente pelos

⁶³ SOUCHAUD e BAENINGER, 2008.

⁶⁴ Dados extraídos na página oficial do Evento: <http://www.festivalamericadosul.com.br/>.

indígenas guarani, quíchua e aimará, habitantes originários da região, representando acima de tudo, um momento de sociabilização entre os grupos que o apreciam.

Ao observar as condições climáticas, o sul do Brasil aproxima-se muito mais a média das temperaturas de seus vizinhos da Bacia do Prata, do que o restante do país. E esta aproximação de climas, acaba por se tornar um dos fatores que propiciam, podemos argumentar que, quase que naturalmente uma maior fluência de hábitos nessa conexão mais ao sul do continente. A própria “estética do frio⁶⁵”, expressão que ficou conhecida na voz e nas palavras do cantor e escritor gaúcho Vitor Ramil, que em busca desta definição, deparou-se com a convicção de que o Rio Grande do Sul não estava à margem do centro do Brasil, mas sim no centro de uma outra história, e seria esta outra história, a ligação estreita com os vizinhos do Prata. Em seu disco “Ramilonga – A Estética do Frio⁶⁶”, Vitor canta em forma de poesia as sete cidades da milonga⁶⁷: Rigor, Profundidade, Clareza, Concisão, Pureza, Leveza e Melancolia. Toda esta familiaridade cultural facilitou ao mesmo tempo em que promoveu a troca e o intercâmbio entre estas culturas contemporâneas. Tanto a música, como o teatro, danças e o cinema, encontram facilidade de trânsito entre estas três capitais.

Dentre os eventos culturais que ocorrem na da capital gaúcha, listamos como os principais a Bienal do Mercosul⁶⁸ – que ocorre desde o ano 1997 em Porto Alegre. Em 2011 completou sua 8ª edição, reunindo 186 trabalhos de 105 artistas de 31 países que desenvolvem obras relevantes para discutir noções de país, nação, identidade, território, mapeamento e fronteira sob os aspectos geográficos, políticos e culturais.

Outro evento de relevância na cena da integração cultural de que é palco a capital gaucha é o “Porto Alegre em Buenos Aires” - esta o evento artístico cultural que ocorre desde 1997 em intercâmbio nas duas capitais “*Buenos Aires em Porto Alegre*”, como um espaço concreto de intercâmbio e produção cultural. Surgiu de uma iniciativa de artistas de ambos os países, que em sintonia, desenvolveram o projeto de integração cultural entre as duas capitais. Procurando identificar se o evento teria alguma relação com o Mercosul Cultural, Pallini (2001) utilizou o evento, pautando na edição do ano 2000 como objeto de análise, chegando a conclusão de por ser baseado em condições microsociais específicas, tal evento cultural distanciava-se do proposto pela instancia formal do bloco. Considera que este direcionamento da capital gaúcha as vizinhas Buenos Aires e Montevideú, se dá em decorrência ao fato de

⁶⁵ RAMIL, 2004.

⁶⁶ RAMIL, 1997. *Ramilonga, A Estética do Frio*. Porto Alegre: Satolep Music.

⁶⁷ Ritmo musical comum ao Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina.

⁶⁸ Desenvolveremos mais adiante no tópico destinado as iniciativas em prol da integração cultural. Capítulo III – Redes e Iniciativas: Bienal do Mercosul, Pagina: 142.

estar localizada a margem do circuito cultural brasileiro, muito mais condensado nas metrópoles do sudeste do país. Assim Porto Alegre, numa estratégia que chama de circular, se aproxima das capitais da Bacia do Prata, tanto por uma necessidade de afirmação regional, como fatores identitários. Ressaltando que a integração promovida pelo evento cultural tem como mote central a aproximação entre Buenos Aires e Porto Alegre. Ou seja, uma aproximação de ordem local, muito mais do que regional – se considerarmos Argentina e Brasil.

CAPÍTULO II

A REVOLUÇÃO DA INFORMAÇÃO: CULTURA, ESTADO E PODER

Por volta de 700 a.C. ocorreu um importante invento na Grécia: o alfabeto. Essa tecnologia conceitual, (...), constituiu base para o desenvolvimento da filosofia ocidental e da ciência como a conhecemos hoje. (...) Uma transformação tecnológica de dimensões históricas similares esta ocorrendo 2700 anos depois, ou seja, a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa. Ou, em outras palavras, a formação de um hipertexto e uma metalinguagem que, pela primeira vez na historia, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. O espírito humano reúne suas dimensões em uma nova interação entre os dois lados do cérebro, máquinas e contextos sociais. (...) A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação. E a comunicação, decididamente, molda a cultura (...)⁶⁹.

O capítulo que desenvolveremos agora terá como questão central as modificações estruturais nas sociedades, culturas, economias e políticas contemporâneas, geradas pela revolução das comunicações. Conjetura que, permeada pelos avanços nas tecnologias da informação, desencadeou transformações significativas nas formas de viver, ser relacionar, produzir e, sobretudo se comunicar. Considerando esta “revolução” como processo abarcador de todo o conjunto de mídias contemporâneas, tão presentes no cotidiano da maioria das sociedades, envoltas irreversivelmente na atmosfera digital.

Um parêntese se faz necessário, pois em alguns momentos será utilizada a definição periódica: Era da Informação, e como sabemos o quanto é importante à formalização dos conceitos e suas delimitações, consideremos que as Eras Históricas são fundamentais para situar os movimentos de transformações e rupturas dentro do processo histórico. Através da limitação destas chamadas *Eras*, períodos fragmentados da história da humanidade foram organizadas, de maneira linear, a complexa evolução do homem político, social, econômico, histórico e cultural. Suas primeiras formas de sociabilidade e vivência em comunidade, os primeiros registros artísticos e religiosos, as longas e ainda intermináveis

⁶⁹ CASTELLS, 2010, pg: 414 e 415.

batalhas por território, a formação das cidades, o desenvolvimento das moedas, do comércio, da economia.

Considerando a importância analítica de tais periodizações é bastante delicado trabalhar com o conceito de *Eras* na História, primeiramente pelo fato de a transição de uma para outra não ocorrer da noite para o dia, e sim a partir da sucessão de fatos que vão modificando paulatinamente toda a sociedade. No entanto, com base em toda argumentação exposta até aqui, é perceptível que estamos vivenciando um momento de esboço de uma nova transição, e como uma forma de situar o atual contexto histórico – aonde, a revolução tecnológica vem permeando todas as esferas sociais - será temporariamente utilizado o conceito de Era da Informação. Especificamente para designar historicamente o período posterior à Era Industrial, considerada a síntese do mundo atual, permeando o cotidiano contemporâneo e refletindo os efeitos da veloz transformação e inovação constantes.

A Era da Informação modificou profundamente manifestações sociais e psicológicas, comportamentos coletivos e individuais. As novas tecnologias da comunicação, do rádio à internet e aos computadores de última geração, e a disseminação de um jornalismo e de produtos culturais globalizados fizeram com que as estruturas sociais passassem, e ainda passem, por modificações com rapidez e profundidade, nunca antes vistas na História. As distâncias se tornaram menores, a presença física é cada vez menos importante, a propagação de uma notícia ocorre cada vez mais rapidamente e é capaz de provocar reações em multidões de uma só vez (...)⁷⁰.

Final do século XX - mais ou menos no fim dos anos 60 e meados da década de 70, em plena Guerra Fria - localizamos a gestação da chamada Era da Informação. Marco que se desenvolveu na coincidência histórica de três processos independentes:

- 1) A evolução da tecnologia da informação: Com as invenções dos microprocessadores, da rede de computadores (internet), das redes de TV em nível global, da fibra óptica, dos computadores de uso pessoal, dos celulares e das incipientes redes de transmissão sem fio;
- 2) A crise econômica do capitalismo e na sua conseqüente reestruturação: Guerra do Vietnã, Choques do Petróleo, Fim do Padrão Dólar-Ouro; e
- 3) Transformações sociais: Com apogeu de movimentos sociais e culturais, tais como, direitos humanos, feminismo, pacifismo e ambientalismo.

⁷⁰ VALENTE, 2007, pg: 19 e 20.

As interações entre esses acontecimentos e as reações por eles desencadeadas fizeram emergir uma nova estrutura social dominante, não mais estritamente nacional, uma vez que a informação não cessa nas fronteiras do Estado Nação, são globais. Esta sociedade da informação pode ser definida como sociedade em rede, dotada de uma nova economia, a economia informacional e global; e uma nova cultura, a cultura da virtualidade real⁷¹. A lógica inserida nessa economia, nessa sociedade e nessa cultura está subjacente à ação e às instituições sociais em um mundo interdependente, constituído por redes em todas as dimensões fundamentais da organização e da prática social. Em sua gênese é moderna, veloz e interligada, composta de novos fluxos de comunicação, novos circuitos de transmissão, com interação e trocas online, em tempo real, o que acaba por modificar as formas sociais de espaço e de lugares, de fluxos e tempo.

Considerando estes postulados, a chamada Era da Informação apresenta-se como algo novo, modificando a relação que se estabelece entre ao social e o tecnológico, influenciando diretamente a forma de condução dos processos inerentes a fase atual do capitalismo, sobretudo no que diz respeito às dinâmicas econômicas, organizações sociais, mercado de trabalho, desenvolvimento científico e, incluso, relações interpessoais.

La transformación más obvia, y de mayores repercusiones sobre la cultura, la política y las políticas tiene que ver sin duda, con la aparición de la televisión y el desarrollo de una industria cultural de imágenes. Hasta la segunda postguerra la industria cultural era una industria de la palabra: de la palabra escrita, en el caso de la prensa; de la palabra oral, en el caso la radio⁷².

Inegavelmente foram muitas foram às etapas do desenvolvimento cultural humano e numa proposta dialética de incremento e oposição deste processo evolutivo, Debray (1993), propõe sua visão tripartida da experiência ocidental. Nesta abordagem que apresentaremos agora, foram três as idades da chamada Mídiasfera vividas até aqui, pensadas de acordo com as mudanças culturais na vida cotidiana, cada uma delas carregadas de seus valores e crenças. A primeira das idades da Mídiasfera, a Logosfera - equivale a Era Escrita, onde a palavra, o verbo que tinha importância era o de Deus, tendo a religião como pilar fundamental. Na segunda etapa, a Grafosfera - Era da Imprensa, a era de Gutemberg, do positivismo de Auguste Comte, os heróis eram as grandes autoridades. E a Videosfera – que pode ser vinculada à Era da Informação, assiste à imprensa ser abatida pela televisão e internet,

⁷¹ CASTELLS, 1999.

⁷² RONCAGLIOLO, 2009, pg: 50. Em CANCLINI organizador, 2009.

forçando a adaptação desta primeira as novas formas de transmissão do conhecimento. Para uma visão mais clara desta classificação proposta por Debray, elaboramos o quadro abaixo:

TABELA 01

As três idades da Humanidade segundo Debray:

| | Logosfera (escrito) | Grafosfera (imprensa) | Videosfera (Audiovisual) |
|-----------------------|--------------------------------|----------------------------------|-------------------------------------|
| Meio estratégico | A terra | O mar | Espaço |
| Figura do tempo | Círculo | Linha | Ponto |
| Paradigma de atração | Mitos | Logos | Imago |
| Idade canônica | Ancião | Adultos | Jovens |
| Organon simbólico | Religiões | Sistemas | Imago |
| Classe espiritual | Igreja | Intelligentsia laica | Mídia |
| Sacrossanto social | Dogma | Conhecimento | Informação |
| Referência legítima | Divino | Ideal | Performance |
| Motor de obediência | Fé | Lei | Opinião |
| Mito de identificação | Santo | Herói | Estrela |
| Meio de influência | Sermão | Publicação | Aparição |
| Estatuto do indivíduo | Sujeito | Cidadão | Consumidor |
| Dicção de autoridade | Deus me disse | Li no livro | Vi na TV/Internet |
| Autoridade simbólica | Invisível | Legível | Visível |
| Direção social | Rei | Chefe | Líder |
| Centro de gravidade | Alma | Consciência | Corpo |

Este paradigma elucidada bem a aceção das mudanças culturais da humanidade e acima de tudo, nos permite analisar como ao longo do tempo foram sendo alteradas as bases do alimento moral, político, religioso e social. Portanto, fica claro quando identificamos a “evolução” do estatuto do indivíduo de sujeito para cidadão, de cidadão para consumidor. Da mesma forma, no que é “venerado”, considerado, como no caso do dogma para o conhecimento, do conhecimento para a informação.

Neste ponto especificamente, avançamos no desenvolvimento da análise e abriremos o parêntese: “conhecimento não se compra, se compartilha”. Conhecimento não é o mesmo que informação. Conhecimento é produto de refinar a informação em viés da análise, a qual vem determinada por nossa percepção. A partir do momento em que nos apropriamos da temática das inovações tecnológicas no campo da informação, se faz necessária a ressalva de que as transformações por ela desencadeadas influenciam e não determinam

comportamentos e/ou relações sociais. E como bem nos apresenta Castells (2001), sociedade da informação, não equivale a sociedade informacional, uma vez que as sociedades da informação sempre existiram, desde o primeiro homo sapiens até o homem da era industrial. Porém o que vivenciamos hoje é algo inteiramente novo, a sociedade informacional, o que antes se aplicava como forma de conhecimento à tecnologia, agora é o contrário, é a tecnologia que se aplica ao conhecimento.

Relacionando às dinâmicas políticas estão o *soft power* e a *noopolitik*, que aqui podemos facilmente atrelar à diplomacia cultural no espaço da chamada “*noosfera*”. De acordo com Castells (2003, pg: 132) a *noosfera* nos reporta a um ambiente de informação global, que inclui o ciberespaço e todos os outros sistemas de informação – como as mídias contemporâneas, por exemplo, quanto que a *noopolitik* faz referência às questões políticas engendradas ou suscitadas pela noosfera comunicacional que se estabelece na atmosfera digital da web. A convergência das telecomunicações (o telefone, a comunicação via satélite, os telefones móveis) com as tecnologias da informação (os computadores e todos seus periféricos, dos de uso pessoal aos *tablets*) com as indústrias culturais, em particular as audiovisuais, foram enormemente responsáveis por estas transformações, propiciando a irreversível e criativa conectividade entre as sociedades contemporâneas.

De um veículo de intercambio de informação acadêmica e científica desenvolvido pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos - a internet voltou-se para o grande público tornando-se ao mesmo tempo diversão, informação e, sobretudo fluxo de comércio. E mediante esta confluência, essencialmente tecnológica e logo em seguida econômica, as indústrias culturais resultaram articuladas com alguns dos setores que movem o motor capitalista da sociedade atual, que são as telecomunicações e a tecnologia da informação.

Si la guerra es la continuación de la televisión por otros medios, diría Karl von Clausewitz, si el general resucitara, un siglo y medio después, y se pusiera a practicar el zapping. La realidad real imita la realidad virtual que imita la realidad real, en un mundo que transpira violencia por todos los poros. La violencia engendra violencia, como se sabe; pero también engendra ganancias para la industria de la violencia, que la vende como espectáculo y la convierte en objeto de consumo. Ya no es necesario que los fines justifiquen los medios. Ahora los medios, los medios masivos de comunicación, justifican los fines de un sistema de poder que impone sus valores en escala planetario. El Ministerio de Educación del gobierno mundial está en pocas manos. Nunca tantos habían sido comunicados por tan pocos⁷³.

⁷³ GALEANO, 2002, pg: 157.

A expansão do acesso à internet tem, ainda que timidamente, modificado esta homogeneização do conteúdo informativo divulgado. Com a expansão de blogs, micro blogs, e proliferação de páginas produtoras de conteúdo, a informação paulatinamente está sendo descentralizada. Muitas são as agências que atuam como agregadoras de conteúdo, produzindo informação para um grande número de leitores, consumidores. O mesmo vale para blogs e páginas independentes e o alcance atingido não significa necessariamente que se tenha uma empresa ou um grande financiador por trás. Uma das principais modificações deste novo cenário comunicacional é a descentralização, atualmente qualquer um pode redigir, veicular e reproduzir informações. Porém, como todo processo tem seus dois lados, o impacto negativo é que em alguns casos os conteúdos difundidos não tenham a veracidade que deveria ser proporcional a sua abrangência.

Como já mencionado anteriormente, todas as esferas do social acabam por modificar-se estruturalmente ao incorporarem estas novas dinâmicas informacionais e tecnológicas. Não poderia ser diferente na divisão internacional do trabalho, considerando o trabalho mecanicista e alienado⁷⁴, onde o trabalhador não participava do conjunto do processo e nem o entendia, paulatinamente vem dando lugar a uma nova relação, onde o labor é orientado pela informação e pelo conhecimento. A informação se torna um elemento estratégico para a tomada de decisões de instituições, empresas e pessoas. Encontramos-nos perante um sistema social e econômico em que se valorizam mais o capital financeiro e o talento da capacidade laboral intensiva, da mesma forma que a força de trabalho qualificada e criativa, o que pode ser definido como uma revalorização das capacidades. Em contraponto, a produção em massa de produtos continua a todo vapor, estendendo as fábricas de produção e montagem das grandes empresas multinacionais na busca de mão de obra numerosa e mais barata, e isso elas encontram em abundância na Ásia, Índia e América Latina⁷⁵.

No entanto, este processo expansivo do sistema capitalista mundial, cuja face vendida é a globalização e a informatização da sociedade, têm sua contrapartida no aumento das desigualdades entre os países, com ascensões econômicas e sociais desiguais e conflitivas, gerando assimetrias tanto nos mercados econômicos como no comércio de bens simbólicos internacionais, consolidando hegemonias e enraizando diferenças mundiais e regionais. E desta maneira, conseqüentemente, o acirramento da competição interestatal.

⁷⁴ MARX, Karl. Em O Capital.

⁷⁵ Este debate acerca da divisão internacional do trabalho em tempos de revolução tecnológica, assim como a questão da tirania das marcas em tempos de consumo voraz são interessantes imersões, mas dado o foco e objetivo deste infelizmente ficarão para uma posterior e mais detalhada análise.

2.1 – O ADVENTO DA VIRTUALIDADE:

A SOCIEDADE, A ECONOMIA E A INFORMAÇÃO EM REDE

A cultura contemporânea se vê constituída e perpassada, igualmente, por fluxos e estoques culturais de tipos diferenciados. De um lado, emerge um processo de globalização, conformando produtos culturais que, fabricados de acordo com padrões simbólicos desterritorializados, buscam se posicionar em um mercado mundial de imensas dimensões controlado por mega conglomerados, oriundos de gigantescas fusões de empresas, que associam cultura, comunicação, entretenimento e lazer. De outro lado, reagindo a este processo de globalização, brotam em vários lugares, manifestações confeccionadas por fluxos e estoques culturais diversificados. (...) A (re) localização cultural contemporânea tem sido a contrapartida da globalização cultural⁷⁶.

Na realidade atual somos bombardeados por imagens, por slogans, por produtos, o tempo todo, em todos lugares, mesmo que aparentemente de forma passiva. Somos interpretados socialmente muito mais como potenciais consumidores do que reais cidadãos. No mundo da convergência das mídias, toda história é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplos suportes de mídia (JENKINS, 2008). Nas argumentações que se seguirão pretende-se fundamentalmente apresentar os reflexos da revolução da informação na economia e na sociedade, como reverberam as modificações tecnológicas nos novos cenários que se desenham a partir dela. Dado isto, não podemos negar que vivemos em um contexto de globalização cultural, onde a força de atração que o mercado exerce, a partir do massivo investimento na circulação de conteúdos midiáticos acaba por balizar nossas escolhas de consumo, hábitos cotidianos e aspirações futuras.

A constante circulação de conteúdos, imagens e produtos, típicas deste movimento de inovação tecnológica permanente, perpassa intrinsecamente as produções e realizações culturais. Em contrapartida, há um crescente e resistente segmento social que representa um contraponto, uma “contracultura”, mas que dado o caráter independente de suas articulações, ainda timidamente se apresenta frente a este quase determinismo mercadológico a que estamos condicionados a nos adaptar, em maior ou menor grau. Seguindo esta tendência, cada vez são mais corriqueiras a referencia às indústrias culturais, podemos dizer que representam acima de tudo a mercantilização da cultura, elevando os bens simbólicos a categoria de mercadorias, geradoras de emprego e renda.

⁷⁶ RUBIM, 2005, pg: 05.

Em um mundo de fluxos culturais diferenciados, as imagens, as marcas, os símbolos e a manipulação dos mesmos, são o combustível de que se nutre o motor econômico, e também político, cultural e social da nova sociedade do conhecimento, ou sociedade informacional como argumenta Castells (1999). Nesta mesma linha, Klein (2006), defende que o crescimento astronômico da riqueza e da influência cultural das corporações multinacionais nos últimos 15 anos pode, sem sombra de dúvida, ter sua origem situada em uma única e aparentemente inócua idéia desenvolvida por teóricos da administração em meados da década de 1980: as corporações de sucesso devem produzir principalmente marcas, e não produtos.

A economia há tempos deixou de se basear apenas na produção de bens e produtos, as próprias oscilações do mercado financeiro internacional também respondem a estímulos políticos e até mesmo midiáticos. A máxima “uma imagem vale por mil palavras” já foi muito bem utilizada pelo cinema, pela televisão, pela mídia em geral e o mais ainda em tempos de fluxos de internet. Nesta linha as empresas sabem muito bem utilizar a sua marca, logomarcas, conceitos e imagens como identificação do seu produto, atraindo paladares, vestimentas e desejos tecnológicos dos mais variados. Um bom exemplo é o fascínio, mobilização e até mesmo histeria que presenciamos a cada novo lançamento de *iPad*, *iMac*, *iPod*, *iPhone* da *Apple*, empresa que mais bem sintetiza o paradigma da atração capitalista pelas inovações tecnológicas.

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida coletiva⁷⁷.

Nesta conjuntura consumista, a convergência entre os meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva, ganha muito sentido e foram os elementos norteadores da pesquisa do americano Henry Jenkins (2008), um dos grandes pensadores das novas mídias. Por convergência, ele refere-se ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, uma palavra que sintetiza as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais. Por sua vez, a cultura participativa é entendida como um contraponto as noções de passividade dos espectadores aos meios de comunicação, a partir do

⁷⁷ JENKINS, 2009, pg: 30.

momento em que esta interação passa a ser mais interativa. E a somar-se como contraponto, inteligência coletiva, expressão que cunhada pelo *ciberteórico* Pierre Lévy, pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático, onde o consumo tornou-se um processo de coletivo.

Consumo remete à economia, e esta mais do que nunca é uma economia global, pois é fato que organizam-se e articulam-se os fluxos das finanças cada vez mais de forma dependente destas novas dinâmicas informacionais. Com a transformação tecnológica do sistema financeiro internacional, ele pode constituir-se global, e graças às inovações na área da tecnologia da informação, constitui-se cada vez mais virtualmente, com transações eletrônicas cada vez mais velozes e abrangentes, dotados de fluxos desregulamentados, permitindo a livre entrada e saída de capitais, possibilitando a invenção de novos meios e produtos financeiros à medida que derivativos, futuros, opções e seguros securitizados se tornam cada vez mais complexos e interligados, virtualizando o capital e eliminando qualquer aspecto de transparência nos mercados⁷⁸.

Neste contexto, as tecnologias que possibilitaram a incrível expansão da comunicação e da conexão entre as pessoas no apagar das luzes do século XX proporcionaram uma interatividade nunca antes vista, e criaram condições para o surgimento de uma nova modalidade econômica - a *webeconomia* - e formas de relacionamento e de negócios jamais antes imaginadas são hoje feitas ou incentivadas por meio da rede. As tecnologias que viabilizaram tal fenômeno estão à disposição das pessoas no conforto de suas casas, nas 24 horas do dia, e moldam o que hoje já se intitula a “comunidade dos novos tempos⁷⁹”.

A própria crise econômica que balançou o mundo em 2008, paradoxalmente, é uma consequência direta desta nova e específica dinâmica da economia global, uma vez que o mercado financeiro internacional aparentemente havia fugido do controle de qualquer investidor, governo ou agência reguladora. A necessidade de compreender este novo fenômeno motiva a investigação sobre essa estrutura em rede da economia global, e seguramente auxiliará na planificação de estratégias e políticas adequada ao nosso tempo.

⁷⁸ CASTELLS, 1999.

⁷⁹ RIFKIN, 2000.

2.2 – O LIVRE FLUXO DAS INFORMAÇÕES E A NOVA SOCIEDADE CIVIL

Diante dos novos fenômenos contemporâneos que afetam, e muito, o relacionamento entre os Estados, é preciso também englobar teoricamente esses acontecimentos (...). Assim como o poder bélico, o petróleo e a economia, os meios de informação precisam fazer parte dos temas de estudo dentro das Relações Internacionais⁸⁰.

Informação é poder. Esse adágio se mantém cada vez mais contemporâneo e está materializado na disseminação da informação, modificando estruturalmente as novas relações de poder. Inerentes a esta nova conjuntura tecnológica, informacional e cultural, em uma espiral de constante mutação, reestruturação e readequação de seu epicentro, que gera modificações consequentes em todas as esferas da sociedade, não podia ser diferente no que tange o sistema internacional. Este tal como concebido na Paz Westphália em 1648, se mantém pautado nos seus três pilares fundamentais: o político, o econômico e o militar. Considerado simbolicamente o “11 de setembro de 2001” como o marco do fim do período entre séculos e o início de uma nova etapa que não sabemos em que e onde vai terminar, observa-se no terrorismo uma das novas faces dos atores internacionais, que a parte do protagonismo dos Estados, abala o funcionamento do sistema com novas vias de ação internacional. Ou seja, dada a atual diversidade do sistema internacional, não se pode menosprezar a atuação destes novos personagens, que não deixam de ser políticos, e que emergem com o contexto da Era da Informação: como a mídia, a opinião pública, os agentes culturais.

Hoje as fronteiras nacionais são permeadas pela internet e o limite passou a ser muito mais a questão de domínio de um determinado idioma, do que uma barreira física propriamente dita. Porém, de forma a evitar generalizações e até mesmo minimizar a idéia de euforia quanto a um mundo livre para a informação e sua difusão, se torna conveniente o parênteses de que hoje um número pequeno de países - em torno de dez - mas considerável dada importância geopolítica que representam, mantém restrições ao uso da internet⁸¹. Nestes, a informação não é livre, o acesso à rede mundial de computadores é limitado e a há uma

⁸⁰ VALENTE, 2007, pg. 173.

⁸¹ A Ong “Repórteres sem Fronteiras” aponta desde 2006, a lista de países “Inimigos da Internet”. No endereço <http://march12.rsf.org/en/#ccenemies> estão listados 10 países que praticam a restrição de acesso e conteúdo à internet, com informações detalhadas acerca de cada um, são eles: Myanmar, China, Cuba, Irã, Coréia do Norte, Arábia Saudita, Síria, Turcomenistão, Uzbequistão, Vietnã. Site visitado em 22/06/2011.

grande censura dos meios de comunicação, mantendo a estrutura de divulgação estatal como fonte principal de acesso e de seleção de conteúdo, principalmente político.

O ano de 2010 estabeleceu firmemente o papel das redes sociais e da Internet como ferramentas de mobilização e transmissão de notícias, especialmente durante a primavera árabe. Novos meios de comunicação e os tradicionais têm se mostrado cada vez mais complementares (...). Questões como a segurança nacional - ligados às publicações WikiLeaks - e a propriedade intelectual - estão desafiando os países democráticos a apoiar a liberdade de expressão online⁸².

A citada complementaridade está na importância desta ao processo comunicacional moderno, onde se mesclam e até mesmo se inter-relacionam os novos e os tradicionais meios de comunicação, o que vem de encontro à ressalva de que não se pode considerar apenas a internet como recurso primordial de divulgação da informação, embora crescente, seu acesso ainda se mantém limitado e caro. A constar, os meios de comunicação no século XXI são majoritariamente conduzidos por empresas oligopólicas, representantes do poder hegemônico não só econômico, mas, sobretudo político. E como em todas as regiões colonizadas, que lutaram por sua independência, os meios de comunicação sempre exerceram o papel de auxiliar das forças políticas dominantes a manipular, alienar e conduzir as massas. A imprensa como forma de denuncia, protesto e mobilização social ordinariamente foi desenvolvida em bases independentes, com recursos limitados e frequentemente desenvolvida clandestinamente. Analisando a crescente acessibilidade à rede mundial de computadores, se tem claro que a internet propicia uma amplificação de causas e reivindicações, facilitando a comunicação e divulgação das mais variadas causas e necessidades. Dando voz a muitos movimentos, sobretudo sociais, que até então não tinham espaço de expressão nos canais da grande mídia corporativa, ou até mesmo na imprensa estatal.

A internet institui uma arquitetura informativa absolutamente distinta das anteriores e, guardadas as proporções, agrega elementos importantes ao desenvolvimento de um novo tipo de opinião pública e de novas formas de relacionamento interpessoal. No entanto, é importante interpretá-la como instrumento de mobilização, articuladora entre o espaço virtual e o real, que não opera como um elemento solucionador das questões sociais, ou das desigualdades econômicas por exemplo, desprovida da capacidade de realizar uma transformação efetiva. A internet serve tanto para o bem, como para o mal, onde interesses

⁸² Artigo “*The new media: Between revolution and repression – Net solidarity takes on censorship*”, disponível em http://en.rsf.org/the-new-media-between-revolution-11-03-2011_39764.html, acessado em 01/08/2011.

controversos são defendidos, conhecimentos banalizados, grupos influenciados, tudo de maneira descentralizada e descontrolada.

Hoje assistimos a um debate acalorado acerca da democratização da internet e das novas tecnologias como uma forma de minimizar a exclusão digital. Claro que, no que tange a realidade prática de conexão nestes países “fechados” a situação é diferente, a restrição é tanto governamental, quanto econômica. Necessitando a complementaridade das novas mídias com os outros meios de comunicação tradicionais, principalmente da Televisão, do Rádio, dos Jornais impressos e das Telecomunicações, dado o número restrito de pessoas com acesso à internet. Segundo Francisco Carlos Teixeira, em artigo sobre as Revoltas Árabes, o número de computadores conectados à internet no Egito é bastante baixo se comparado ao número de pessoas realmente envolvidas nas manifestações contra o governo opressor de Mubarak. A base da análise foram os dados obtidos no “*International Internet Stats. The Africa Stats*”⁸³:

Os dados sobre a inserção/exclusão digital no Egito são fundamentais para o entendimento da revolta e do alistamento de seus atores, predominantemente jovens. Cerca de 14,8% dos egípcios são usuários regulares da Internet – uma das taxas mais baixas dos grandes países emergentes.(...) Mesmo no conjunto do Mundo Árabe a inserção digital é baixa. (...) O número de PCs por habitante no Egito é da ordem de 3.2 para cada cem pessoas, com um segmento de 450 mil usuários e um grau de penetração de 21% da população do país (...). A maior parte dos acessos se dá através das “lan-houses” e não em casa, o que mostra ainda a pequena rede nacional egípcia. Contudo, mesmo esta pequena inserção encontra-se fortemente concentrada nos segmentos mais jovens da população, que acabaram sendo os elementos de maior participação e resistência na revolta⁸⁴.

Tal análise nos permite ter claro que a internet isolada não é capaz de mobilizar e realizar uma transformação social, mas encarando a crescente acessibilidade à rede mundial de computadores, se tem claro que ela propicia uma amplificação de causas e reivindicações, facilitando a comunicação e divulgação das necessidades de qualquer grupo. Dando voz a muitos movimentos, sobretudo sociais, que até então não tinham espaço de expressão nos canais da grande mídia corporativa, muito menos na imprensa estatal, como no caso dos países aqui apontados como “inimigos da internet”.

O ciberespaço e a rede mundial de computadores possibilitaram a formação de redes, de uma maneira dinâmica e auto-expansiva de organização da atividade humana. Cada vez mais abrangentes e inovadoras estas novas formas de compartilhamento de dados e

⁸³ Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/stats1.htm>.

⁸⁴ Artigo “*A Revolta Árabe: a novidade que vem do Oriente*”, acessado em 10/08/2011 http://www.tempo.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5591%3Aa-revolta-arabe-a-novidade-que-vem-do-oriente&catid=222&Itemid=100076&lang=pt

conhecimento facilitaram a comunicação à distância. Assim, amplificando a informação, desencadeando inclusive, a descentralização simultânea do processo decisório, trazendo a opinião pública cada vez mais para o centro do debate⁸⁵. Considerando que, dado o volume de informação e fontes diversificadas disponíveis, a opinião pública de hoje fiscaliza mais, se mobiliza mais, mesmo que de uma maneira mais virtual do que real, ou seja, mais pela internet do que indo às ruas efetivamente, manifestando-se através de blogs e redes sociais.

(...) A passagem dos meios de comunicação de massa tradicionais para um sistema de redes horizontais de comunicação organizadas em torno da internet e da comunicação sem fio introduziu uma multiplicidade de padrões de comunicação na base de uma transformação cultural fundamental à medida em que a virtualidade se torna uma dimensão essencial da nossa realidade⁸⁶.

A comunicação esta cada vez mais descentralizada e democraticamente acessível. Neste ponto é interessante destacar as manifestações contrárias ao resultado das eleições iranianas em 2010 que denunciaram uma suposta fraude eleitoral, o movimento, mesmo que abafado pelo governo de Mahmoud Ahmadinejad, que controla o acesso à internet no país, ganhou magnitude internacional, tornando-se um dos mais citados tópicos do *Twitter*. Recentemente os protestos que desencadearam na “Primavera Árabe”, no “Movimento dos Indignados” espanhóis e no “*Occupy wall street*” também tiveram nos blogs, vídeo blogs, e redes sociais, importantes ferramentas de mobilização e manifestação de suas insatisfações populares, e o mais relevante, concederam magnitude internacional aos movimentos, conquistando apoio e até mesmo simpatia nos mais diferentes países e segmentos sociais.

Essa capacidade de denúncia e mobilização exercidas pela opinião pública tem uma capacidade de pressão muito grande, a dotando da capacidade de participar, discutir idéias, opinar, debater, fazendo com que a diplomacia em muitos momentos precise de sua aprovação para se fortalecer, mas isso não significa que sempre logrará a vitória de suas reivindicações. Mesmo com todas estas características de mobilização, esta forma de manifestação da sociedade civil, deve ser considerada muito mais um meio, do que um fim propriamente dito.

⁸⁵ Estamos ou não assistindo a emergência de uma nova opinião pública? Esta é uma questão a ser analisada com bastante tato. Pode ser considerada inovadora devido ao fato de aliar seus interesses a esta nova dinâmica comunicacional, típica desta conjuntura. Mas não age de maneira inteiramente nova, se comparada a outros momentos históricos, onde a pressão da sociedade ao opor-se a determinadas atitudes governamentais, em especial as relacionadas às guerras, como no Vietnã, por exemplo, marcaram uma geração com a eclosão de uma série de movimentos sociais e culturais.

⁸⁶ CASTELLS, Prefácio à Edição de 2010.

2.3 – A CULTURA NA AGENDA INTERNACIONAL

A ideia de cultura, sempre moldada conforme as visões políticas de cada tempo, detém em si as chaves dos sistemas de poder. Chaves que podem abrir portas para a liberdade, para a equidade e para o diálogo. Mas também podem fechá-las, cedendo ao controle, à discriminação e à intolerância⁸⁷.

Com o anseio de demonstrar a participação da cultura na agenda internacional, desenvolvemos este tópico, objetivando proporcionar argumentos que auxiliem na constatação da importância que este campo de estudo tem conquistando dentro da gama de análises pertinentes ao estudo do sistema internacional. Em seguida exporemos os distintos conceitos de cultura, e como esta se encontra cada vez mais pela mercantilização de suas atividades e produções, tornando cotidiano e até mesmo conveniente, o uso da expressão produção cultural.

O predomínio dado às questões de ordem econômica e política sempre colocaram a cultura como uma periférica área de estudos dentro das Relações Internacionais, cuja subárea Relações Culturais Internacionais ainda é incipiente, mas, sobretudo, dentro do campo de pesquisa da Economia Política Internacional. De maneira geral, os estudos culturais sempre foram negligenciados e até mesmo ignorados nestas duas arenas do estudo da ordem mundial. Este quadro de aparente descaso às temáticas culturais, ainda que timidamente, vem sendo alterado na medida em que a cultura começa a conquistar terreno e torna-se ponto chave nas discussões dos organismos internacionais e da agenda dos Estados nacionais.

A parte de todos os valores simbólicos, a cultura gera riqueza material, podendo ser considerada inclusive força produtiva, numa abordagem materialista, ou recurso como avaliaremos a diante, e sendo assim, tem contribuições reais à disputa de poder, corroborando às questões de ordem internacional. Uma abordagem culturalista da política mundial permite identificar a força que a cultura representa nos fluxos econômicos globais, seu alcance e significados materiais e imateriais. Esta relevância pode ser identificada no PIB cultural dos países do continente, demonstrado na força potencial das produções culturais em países como Brasil e Argentina.

O patrimônio cultural brasileiro, nosso imaginário, nossa arte e nossos hábitos são um capital simbólico valorizado que tem contribuído para a recepção positiva do País no mundo e se transformado em uma importante ferramenta geopolítica. A

⁸⁷ BRANT, 2009.

diversidade cultural é nossa marca distintiva, nossa fonte de riquezas, nosso patrimônio. Nosso artesanato, por exemplo, move uma indústria contemporânea que se estabelece com a arquitetura, o design, a moda e a gastronomia. Além disso, as artes visuais, a música, o cinema, a literatura, o teatro, outras artes e manifestações culturais brasileiras são cada vez mais dinâmicas em sua circulação no ambiente mundial. Essas vibrantes e lucrativas dinâmicas da nova economia mundial apresentam taxas de expansão ao redor de 6% ao ano e representam, hoje, aproximadamente 7 % do PIB mundial. No Brasil, em 2007, o setor cultural constituía-se de 320 mil empresas, representando 5,7% do total, e responsável por 1,6 milhões de empregos formais. A agenda da cultura tem forte interação com a mundialização de nossa economia e com o reposicionamento político internacional do País. Será cada vez mais estratégica na superação de velhas assimetrias e de comércios injustos entre os países pobres e ricos⁸⁸.

Apesar de a cultura ser dotada de incomparável habilidade em refletir, aproximar, conectar e expandir o que é produzido em cada local, ainda tem seu poder de atração pouco explorado, não apenas dentro da academia, mas também, no que tange os projetos de integração. No caso sul-americano, isto é ainda mais latente, sendo pequeno e bem recente o espaço dado às questões culturais dentro dos projetos em curso no continente. Escamoteada à mero acessório das políticas integracionistas, a cultura, ainda é peça secundária dentro do rol das decisões dos que geram e produzem as políticas de integração regional, como veremos mais adiante no capítulo destinado ao estudo das redes e iniciativas na integração cultural da América do Sul.

Na passagem da modernidade para o mundo contemporâneo a cultura passa a ocupar espaço e ganhar vulto na esfera política, ocupando espaços antes preenchidos pela religião. Com o fortalecimento dos Estados-Nação laicos, as questões culturais passam a pautar legitimidade política⁸⁹. Mediante as “altas culturas”, como a literatura, a pintura, ou a música, se intentou desde o século XIX criar uma cultura nacional. Colocando a seu serviço o sistema educativo, impondo uma língua homogênea sobre os territórios do Estado Nação, glorificando uma “historia nacional”, que foi sendo atualizada periodicamente através dos ritos patrióticos⁹⁰.

Mediante la elaboración de lo que se entendía como “cultura”, se intentó homogeneizar lo que era considerado una peligrosa diversidad, fruto de los poblados precolombinos como de masas de migrantes que llegaron a inicio del siglo. La

⁸⁸Brasil 2022: Pensar estrategicamente o futuro do País, fixando metas para o ano de 2022, quando o Brasil comemora o bicentenário de sua independência. Essa foi a encomenda do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao ministro de Assuntos Estratégicos, Samuel Pinheiro Guimarães, quando este assumiu o cargo, em outubro de 2009. A elaboração do Plano Brasil 2022 envolveu grupos de trabalho formados por técnicos da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), representantes de todos os Ministérios, da Casa Civil e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Disponível em: <http://www.sae.gov.br/brasil2022/>, acessado em 19 abril de 2012.

⁸⁹ RUBIN, 2005.

⁹⁰ HOBSBAWN, 1984.

cultura tenía el propósito de exaltar el ser nacional – a partir de museos y monumentos –, y de internacionalización de un código elaborado por las elites. Desde este punto de vista conservador, asociado a visiones patrimonialistas la cultura tiene como lugar preferencial los museos, las colecciones privadas, o se realiza en lugares públicos donde también se discutían las ideas y proyectos nacionales (García Canclini, 1997)⁹¹.

Na abordagem a qual nos propusemos a cultura não será restrita a esfera da alta cultura, ou à manifestações relativas à cultura popular. Nosso entendimento de cultura abrangerá as manifestações e produções culturais como um todo, sem desta maneira restringi-la a determinados segmentos sociais e ou de ordem econômica. Isso não significa, em nenhum momento, que seja negada a capacidade cultural em produzir riqueza, emprego e oportunidades de inclusão social.

A cultura, como todas as demais esferas sociológicas, políticas e econômicas, estão atreladas ao novo ambiente, imerso no novo contexto tecnológico, com seus fluxos cada vez mais instantâneos, se cria tanto um deslocamento do real, como se fomentam novas formas de relacionamento, seja entre os Estados, seja entre as sociedades. O objetivo maior aqui é tentar compreender de que maneiras a cultura e as questões de ordem comunicacional vem influenciando os governos e governantes em suas práticas diplomáticas e tomada de decisões. Considerando que:

A questão não é tanto que o poder prescindia a cultura, mas que ele já não precise mais dela para dar forma aos sujeitos éticos da nação. A cultura está “liberada”, por assim dizer, para transformar-se num gerador de valor em si. E ela está se difundindo progressiva e rapidamente pelos mesmos meios utilizados pelo capital financeiro e, sobretudo, pela nova economia. Se na modernidade capitalista todas as esferas da vida se achavam subordinadas à produção capitalista, na denominada sociedade pós moderna, a cultura recebe o papel principal⁹².

Como argumentado anteriormente, as questões culturais cada vez mais vêm ocupando lugar de destaque na agenda contemporânea e isto se reflete nos novos espaços que ela vem ocupando, compondo parte ativa da agenda global. Nos estudos acadêmicos a cultura ultrapassou os limites das ciências sociais, passando a ocupar lugar de relevância em diversas disciplinas, e não podia ser diferente no campo da Economia Política Internacional. Embora ainda pouco estudado, as questões pertinentes a esfera cultural tem se destacado a medida em que as políticas culturais e a importância dada a diversidade cultural ocupam as agendas dos

⁹¹ Citado em ALVAREZ, 1999, pg: 188.

⁹² YUDICE, 2006, pg: 457.

governos em foros nacionais e internacionais, na mesma proporção em que mobilizam debates de agências multilaterais e organizações não governamentais.

O estudo da cultura hoje vai muito além dos referenciais clássicos da Antropologia - o território e a nação - fazendo parte da complexa trama das questões subjacentes às relações internacionais, da mesma forma que a política, a economia e o conseqüente processo de globalização. Tal relevância nos leva a defender que a cultura tende a tornar-se um dos pilares do sistema internacional contemporâneo, dado os avanços na ciência e tecnologia que vêm reestruturando as relações do homem no mundo e a natureza de suas relações sociais, a cultura e a educação tem significado e alcance ampliados, e essenciais ao pleno desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.

Historicamente, o universo cultural vem sofrendo modificações estruturais, da mesma maneira que as demais esferas sociais, econômicas e políticas. Como consequência do desenvolvimento capitalista observamos a mercantilização da cultura, o que Theodor Adorno (ADORNO, 2006) chamou de “indústria cultural”, que em síntese significa o avanço do capital sobre os bens simbólicos, ou seja, o triunfo da lógica da produção nas indústrias culturais, transformando a cultura em mercadoria, durante sua produção, indústrias que produzem cultura.

A irreversível interconectividade entre as sociedades internacionais, aliada à intensa produção cultural, com sua diversidade e amplitude de difusão, fizeram com que as manifestações e produções culturais dos mais diferentes povos, tivesse um alcance antes inimaginável, aproximando e se fazendo cada vez mais presente na vida cotidiana dos mais distantes locais.

Não há como negar que a evolução tecnológica dos suportes permitiu que se intensificasse a difusão da mensagem artístico-cultural. Sem a invenção da imprensa, a cultura clássica não teria penetrado no mundo europeu nos séculos XVI e XVII da forma massiva que conhecemos, motivando uma explosão de criatividade. Mas também foi a revolução tecnológica dos suportes da época contemporânea que deu origem ao que chamamos de cultura de massa uniformizadora dos gostos e transformadora de populações inteiras em passivos consumidores de produtos culturais fabricados em grande escala⁹³.

A relevância da cultura no debate proposto desponta no fato de refletir uma identidade, as ideias, assim como uma determinada visão de mundo de uma sociedade, Estado, nação ou grupo social. Para o êxito das relações internacionais e funcionamento do

⁹³ FURTADO, 2003.

sistema mundial, é imprescindível ter uma visão de mundo que considere as diferentes culturas que nos compõe, suas estruturas e até mesmo peculiaridades.

A desmaterialização característica de varias fontes de crescimento econômico – por exemplo, os direitos de propriedade intelectual segundo a definição do GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio) – e a maior distribuição de bens simbólicos no comercio mundial (filmes, programas de televisão, música, turismo e etc.) deram à esfera cultural um protagonismo maior do que em qualquer outro momento da historia da modernidade. Pode-se dizer que a cultura simplesmente se tornou um pretexto para a melhoria sociopolítica e para o crescimento econômico, mas, mesmo se fosse esse o caso, a proliferação de tais argumentos nos fóruns onde se discutem projetos referentes à cultura e ao desenvolvimento locais, bem como na UNESCO, no Banco Mundial e na assim chamada sociedade civil globalizada que reúne fundações internacionais e ONGs, todos esses fatores tem operado uma transformação naquilo que entendemos por cultura e o que fazemos em seu nome⁹⁴.

De encontro a estes postulados, alguns exemplos a seguir dão corpo a esta afirmação e destacam a importância dada ao arco temático cultura e a relação entre cultura e desenvolvimento. Observando que estes grupos, especialmente as organizações multilaterais algumas das quais serão citadas aqui, como UNESCO, BID, OEA, PNUD respeitam as diretrizes organizacionais as quais estão subordinados, sendo amplamente influenciados por tais matrizes. Estas instancias internacionais dedicadas à cultural são reflexo da inclusão desta a pauta da agenda global.

A própria criação da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura no ano de 1945, apontava na direção da importância de se ter uma agenda internacional para as questões culturais e da diversidade de suas manifestações. Em seu preâmbulo, identifica-se claramente o impacto dos acontecimentos recentes à Segunda Guerra Mundial, quando se coloca que:

A ignorância dos modos de vida uns dos outros tem sido causa comum, através da história da humanidade, de suspeita e desconfiança entre os povos do mundo causando guerras” (...) a difusão da cultura, e a educação da humanidade para a justiça, a liberdade e a paz são indispensáveis para a dignidade do homem e constitui um dever sagrado que todas as nações devem preencher segundo o espírito da mútua assistência⁹⁵.

A razão de ser da organização seguia o pressuposto básico de conquistar através das relações educacionais, científicas e culturais entre os povos do mundo, a paz internacional e a compreensão mutua, dando um ponto final as devastadoras premissas etnocêntricas. O

⁹⁴ YUDICE, 2006, pg: 25 e 26.

⁹⁵ UNESCO, 1945, pg: 01.

discurso proclamado pela UNESCO até os dias atuais, de que: *não pode haver verdadeiro desenvolvimento se a dimensão cultural não for considerada*, ainda é pouco, ou mal, utilizado pelas ações governamentais na prática, em suas políticas públicas, diplomacia, acordos internacionais. Muitas vezes fora utilizado ideologicamente, tanto pela direita como pela esquerda, de acordo com as necessidades da ordem política do momento, seja para consolidar laços de identidade nacional, seja como bandeira de resistência ao colonialismo cultural, político ou econômico, ou contra governos de alinhamento autoritário. Considerado isso, é de suma importância que a partir do momento em que a dimensão cultural ganhe terreno dentro da agenda internacional, como esta ocorrendo, esteja vinculada a clareza de suas aspirações e reais motivações.

Dentre várias cúpulas, reuniões e conferências do órgão, destacamos o debate levantado pela UNESCO em 1985, no México, na Conferência Mundial sobre Políticas Culturais, quando a cultura foi considerada base para o desenvolvimento da colaboração entre as nações:

Todas as culturas fazem parte do patrimônio comum da humanidade. A identidade cultural de um povo se renova e enriquece em contato com as tradições e valores dos demais. A cultura é um diálogo, intercâmbio de idéias e experiências, apreciação de outros valores e tradições; no isolamento, esgota-se e morre. O universal não pode ser postulado em abstrato por nenhuma cultura em particular, surge da experiência de todos os povos do mundo, cada um dos quais afirma sua identidade. Identidade cultural e diversidade cultural são indissociáveis⁹⁶.

Na mesma linha está a aprovação da Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, no ano de 2005, tem como premissa básica a compreensão da diversidade cultural como patrimônio comum da humanidade, reforçando o papel abrangente da cultura nos processos de desenvolvimento, ao reconhecer a dupla determinação dos bens culturais - simbólica e econômica.

Destacando a necessidade de incorporar a cultura como elemento estratégico das políticas de desenvolvimento nacionais e internacionais, bem como da cooperação internacional para o desenvolvimento, e tendo igualmente em conta a Declaração do Milênio das Nações Unidas (2006), com sua ênfase na erradicação da pobreza⁹⁷.

⁹⁶ Documento disponível no Portal do IPHAN, link acessado em 05/05/2012: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=255>

⁹⁷ Texto oficial ratificado pelo Brasil por meio do Decreto Legislativo 485/2006. Documento disponível na página oficial da UNESCO, link acessado em 05/05/2012: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224por.pdf>

Em convergência, o PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, em sua edição de 2004 do seu Relatório do Desenvolvimento Humano deu grande impulso a esta discussão ao eleger como eixo temático a “Liberdade Comum num Mundo Diversificado⁹⁸”.

Dentro da gama de organizações internacionais destinadas ao fomento da cultura, destacamos o organismo internacional e intergovernamental que é o Convênio Andrés Bello, com a missão de aprofundamento da integração educativa, cultural, científica e tecnológica de seus países membros, que são Bolívia, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Espanha, México, Panamá, Paraguai, Peru, Republica Dominicana, Venezuela e Argentina em processo de adesão.

Desde su creación en 1970 se definió como finalidad de la Organización, la integración educativa, científica y cultural de los Estados miembros. El Área de Educación, se desarrollan proyectos para la transformación de la escuela, considerada como una organización que aprende, mediante la formación de directivos docentes y docentes, acompañamiento e investigación de aula y comunidad, utilización pedagógica de textos escolares y materiales educativos y la incorporación de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC), para el mejoramiento de la calidad⁹⁹.

Ainda no âmbito sul-americano, a relevância dada as questões culturais foram sintetizadas na criação do Mercosul Cultural, através do Protocolo de Integração Cultural do Mercosul em 1996, como falaremos a seguir no capítulo destinado ao tema.

Até mesmo as agências internacionais dedicadas à questão do desenvolvimento econômico, historicamente distantes da questão cultural, tem-se mostrados ocupadas com a questão, a exemplo do Banco Mundial e do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento. O BID criou uma fundação dedicada a articulação entre a cultura e o desenvolvimento, a *Inter-American Culture and Development Foundation*¹⁰⁰, e o Banco Mundial, desde fins da década de 1990 vem avançando na compreensão da cultura como elemento catalisador do desenvolvimento.

Parafraseando Celso Furtado, promover uma política de desenvolvimento posta a serviço do processo de enriquecimento cultural das sociedades. (FURTADO, 1984, pg: 32). Na mesma linha, Paulo Miguez, em artigo que traça as relações entre Cultura e

⁹⁸ Todos os Relatórios anuais de Desenvolvimento Humano podem ser consultados no site do PNUD, inclusive este citado do ano de 2004: <http://www.pnud.org.br/rdh/>. Link acessado em 05/05/2012.

⁹⁹ <http://www.convenioandresbello.org/>

¹⁰⁰ <http://www.iacdf.org/index.php?lang=pt>

Desenvolvimento, argumenta que a cultura deva ser encarada como um recurso para promover a inclusão social, para requalificar centros urbanos, para potencializar o turismo, para estimular o crescimento econômico, recurso, enfim, para ativar políticas que se ocupem do desenvolvimento¹⁰¹. Ao nos ocuparmos da diretriz da cultura como vetor para a economia desenvolvimento integratório, se faz necessário o levantamento do debate acerca da relação políticas públicas para o desenvolvimento *versus* produção cultural, localizando a importância desta última ao PIB dos países estudados. Não é o caso da proposta deste estudo, porém alguns pontos merecem destaque, mesmo que superficialmente, dado o papel estratégico que tem a cultura para o desenvolvimento de um país. Entendendo a cultura como a linha mestra de toda a trama social, como resultado das ações humanas, como fator de integração social, como um direito fundamental e dotada de dimensões econômicas, sociais, políticas.

Cada una de estas industrias tiene una dinámica sectorial propia, pero ya no pueden valorarse aisladamente – las películas por un lado, los libros por otro, la televisión más allá – sino un complejo entrelazado de servicios multimedia. Su entrelazamiento, además de deberse a la interrelación tecnológica, tiene base social porque ya no representan, como el arte en su tiempo, algo suntuario, para el tiempo libre. Las industrias culturales se extienden al conjunto de la vida cotidiana e influyen en la organización sociopolítica. Penetran en la educación formal e informal. Por eso el BID, la CEPAL, el propio SELA y otros organismos predominantemente económicos están ocupándose de la cultural como parte de los requerimientos sociales necesarios para el desarrollo¹⁰².

O setor de produção cultural representa hoje um importante segmento dentro dos setores econômicos, constituindo um importante mercado de bens e serviços caracterizados por sua escala global, pela presença de gigantescos conglomerados de produção e distribuição de conteúdos culturais, dotado de um impressionante poder de fogo e de atração, tanto econômico como político ideológico e que por números, ou melhor, cifras, correspondem a uma geração de riqueza material impressionante.

Na América Latina, da mesma forma que nos países desenvolvidos, as indústrias culturais estão crescendo e demonstrando participação significativa no Produto Interno Bruto (PIB) de seus países. Os estudos das indústrias culturais a partir de uma perspectiva econômica são necessários e eficazes, e trazem a tona uma série de dados e ferramentas úteis à formulação tanto de políticas públicas, como de organizações sociais voltadas as questões culturais. Os estudiosos das indústrias culturais na América Latina, autores como Néstor

¹⁰¹ MIGUEZ, 2009. Disponível em: www.politicasculturaisemreista.ufba.br

¹⁰² CANCLINI, 1999, pg: 10.

García Canclini, Octavio Getino e George Yudice tiveram grande contribuição acadêmica ao traçarem mapas conceituais acerca desta temática, integrando documentos, com dados numéricos e análises econômicas.

En la perspectiva de la integración supranacional, el objetivo central de las políticas culturales no puede consistir en rescatar, defender y preservar identidades exclusivas, ni embalsamar y custodiar los patrimonios tradicionales que las representan. (...) Es en las industrias culturales y en los procesos de comunicación masiva donde se desenvuelven en las últimas décadas las principales actividades culturales, las que dan información y entretenimiento a las mayorías, las que influyen de modo significativo en la economía de cada sociedad y ofrecen mejores oportunidades de conocimiento reciproco e intercambio de las naciones. (...) Además, las industrias culturales crecen a mayor velocidad que otras áreas de la economía y generan más puestos de trabajo año tras año¹⁰³.

Os bens e serviços produzidos nas indústrias culturais são bens econômicos e sociais e por isto se entrecruzam, se afetam e se relacionam. Considerando que uma parcela significativa do valor agregado econômico destas indústrias se deve à criatividade que se origina nos processos culturais e sociais, se constata que os mercados se aliam, se intercambiam, propiciando a formação de conteúdos e expressões culturais fluentes, amplificando manifestações culturais que até então eram reduzidas às práticas de populações minoritárias, promovendo interações e modificações de expressões a medida em que o avanço tecnológico e a inovação das comunicações avançam, possibilitando a interconexão entre os diferentes públicos e culturas. Com o advento da internet e sua subsequente formação de redes, parece fluir com mais velocidade e menos custo a riqueza da diversidade cultural, se mostrando uma oferta não necessariamente propagada sob a égide das forças econômicas ou relações de poder entre os Estados.

Ainda assim, o alcance massivo em termos de produção e promoção cultural estão a cabo das redes de televisão aberta, espalhadas e fortemente amparadas pela audiência, por todo o continente latino-americano. Da mesma forma, o rádio, também ainda é líder da difusão de informações. Muitas estatísticas e análises podem ser levantadas na identificação deste público majoritário, mas as assimetrias educacionais e econômicas, sem dúvida ditam a qualidade, a quantidade e os meios de acesso à cultura de cada segmento ou classe social. O que acaba por gerar um desequilíbrio, um conflito entre as novas tecnologias, as condições sociais e a criação e produção cultural.

¹⁰³ CANCLINI, 1999, pg: 35.

Um bom exemplo disso é a produção cultural televisiva que no Brasil opera significativos nichos globais de mercado. Tendo nas telenovelas brasileiras, o típico produto de exportação do nosso país, onde há décadas, literalmente “assistimos” a hegemonia da Rede Globo de Televisão, que dedica além de seu horário nobre, mais de quatro horas por dia, em 6 dias por semana para exibição de suas tramas nacionais. A teledramaturgia no Brasil além de movimentar milhões, influencia modismos, trejeitos, expressões lingüísticas, formando um exército de seguidores e comentaristas de suas tramas. Sendo hoje assistidas em mais de 100 países e uma das fontes mais lucrativas da televisão nacional, levando o cotidiano e “cultura” popular do Brasil para os mais distantes e diversos países, a considerar a China, os Estados Unidos e Cuba.

La importancia relativa de las exportaciones por telenovelas en las exportaciones totales de estas empresas hace de ellas un producto estratégico, ellas son en buena medida la carta de presentación de canales y productoras latinoamericanas y además el rubro que permite cubrir los costos básicos de sostener oficinas en el exterior y de participar en los eventos internacionales de promoción y comercialización de productos¹⁰⁴.

Considerando a lógica empresarial por trás destas grandes produções e dos próprios meios de comunicação de massa (*mass media*) é importante sempre ter claro, mesmo que apresentado algumas vezes de maneira subliminar, seu poder ideológico, seu impacto sobre o consumo e as mudanças que são geradas na consciência social. Porém, não somente as produções em massa são mensageiras ou instrumentos ideológicos.

¹⁰⁴ MATO, 1999, pg: 239.

2.4 – CONCEITUANDO CULTURA

Prosseguindo na análise, se faz necessário, tanto quanto coerente, definir melhor este conceito tão usado até agora, que é a cultura. Por tratar-se de uma expressão “guarda-chuva” dado que engloba uma infindável quantidade de conceitos, sua definição enquanto a qual noção de cultura fazemos referencia aqui, não foi nada fácil. Podemos dizer que a cultura é quase um verbo, é conjugada livremente em todas as esferas sociais. Tem uma mobilidade prática que constrói sentidos, identidades, valores e restringi-la a uma única concepção, a nosso ver, é uma tarefa impraticável. Assim, consideraremos a princípio os postulados teóricos mais respeitados dentro das Ciências Sociais, para mais adiante, nos posicionarmos frente a algumas premissas conceituais que nos auxiliaram na análise pratica a que nos propomos no Capítulo III.

Existem numerosas definições de cultura, até o início do século XX estávamos habituados a reconhecer a cultura apenas como patrimônio histórico e simbólico, como artes cultas e atividades ancoradas nos valores antropológicos. Seu reconhecimento como atividade econômica é bem recente, a produção e distribuição cultural, assim como o entretenimento começam a ocupar espaço específico a partir do reconhecimento da indústria cultural como fator econômico, enrijecendo a relação cultura e desenvolvimento.

Dado seu caráter transversal a cultura se mostra presente em vários campos da vida social, não se restringindo exclusivamente as temáticas estritamente culturais. Tornou-se assim um “recurso¹⁰⁵” como argumenta George Yudice, sendo passível de ser acionado em várias direções. Ao converter a noção de cultura como recurso o autor pressupõe seu gerenciamento, uma perspectiva que não era característica nem da alta cultura, tampouco da cultura cotidiana no seu sentido antropológico. E em tempos de globalização, a cultura tida como um recurso que circula globalmente em velocidade crescente.

... los procesos de globalización han puesto de relieve el valor de la cultura, en todas las acepciones glosadas aquí, ya no sólo para la consolidación de una identidad nacional, o para custodias la posición social, sino como uno de los recursos principales del desarrollo económico y social. Con la globalización el uso de la cultura como un recurso – para el juego político o para las transacciones económicas - predomina sobre y absorbe todas sus otras definiciones¹⁰⁶.

¹⁰⁵ YUDICE, 2004, pg:17.

¹⁰⁶ YUDICE, 2000, pg: 95.

De acordo com Botelho¹⁰⁷ utilizando a categorização feita pelo sociólogo chileno Jose Joaquin Brunner, a “vida cultural” da população é entendida como um conjunto de práticas e atitudes que tem uma incidência sobre a capacidade do homem de se exprimir, de se situar no mundo, de criar seu entorno e se comunicar. Identifica duas dimensões da cultura: a antropológica e a sociológica.

Na dimensão antropológica a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas. Onde as origens regionais são determinantes na criação de um ambiente protegido, o que lhes dá relativa estabilidade e permite que organizem-se de acordo com suas origens étnicas, interesses profissionais, econômicos, culturais, dentre outros, onde prevalece a sociabilidade como fator agregador. Em suma, a visão antropológica se refere a hábitos e costumes arraigados, mantidos em pequenos núcleos que envolvem geralmente relações familiares, de vizinhança. Ilustrando: *A cultura é tudo que o ser humano elabora e produz, simbólica e materialmente.*

Diferentemente, a dimensão sociológica se constitui em uma produção elaborada com o objetivo de construir determinados sentidos e alcançar determinado público, através de meios específicos de manifestação, e não no plano do cotidiano como na concepção antropológica. Para que a cultura se realize sociologicamente ela precisa ser parte integrante da engrenagem social, dependendo de um conjunto de fatores que proporcionem aos indivíduos condições de desenvolvimento. Define bem aquilo que o senso comum entende por cultura: *Um circuito organizacional que estimula, por diversos meios, a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos.*

As duas dimensões acima apresentadas são de total coerência e importância, e não temos aqui a pretensão de eleger uma à outra, e sim mostrar como podem, se articuladas, promover as expressões culturais de maneira concisa ao mesmo tempo em que promovem a diversidade cultural. Porém contata-se que a visão antropológica se restringe mais ao plano retórico, quanto que a abordagem sociológica desenvolve-se mais na prática, inclusive dando forma a grande parte das políticas públicas, enquanto ações governamentais.

Outro parêntese se faz necessário apresentar quando se trata da temática cultural, o debate acerca da “noção de identidade”. Não temos a pretensão de aprofundá-lo, porém formalizamos a importância deste conceito como gestor de qualquer sentimento de

¹⁰⁷ BOTELHO, 2001.

pertencimento. Principalmente devido ao fato de levantarmos a questão das identidades nacionais em um processo de integração, o que constitui um grande desafio: construir um espaço cultural regional e plural. E no que tange as vias atuais das indústrias culturais mais expansivas, que são as audiovisuais e tecnológicas, a configuração das identidades transcendem as fronteiras nacionais e até mesmo regionais, tornando-se produtos do mundo, uma vez que este tipo de mensagem cultural de maior difusão circula por redes e satélites sobre os quais os Estados têm pouco controle.

Questões de democracia e identidade nacional não se reduzem à defesa do popular entendido como apanágio do valor e da autenticidade. Estão em jogo a circulação das várias formas de expressão e conhecimento, o uso de linguagens diversificadas e a promoção das formas de cultura que permitam avançar tanto em termos de arte quanto qualidade de vida. Tal promoção depende do esforço articulado, de aplicação racional dos recursos sempre escassos, de saber ampliar, para benefício das práticas culturais, os parceiros do jogo. Tudo isso exige a ação efetiva das várias esferas do Estado na formação de políticas públicas para a área, sem as quais é difícil imaginar a contribuição da cultura para o desenvolvimento, notadamente quando este é entendido como combate às barreiras de ordens social, simbólica e econômica que marcam uma nação dividida¹⁰⁸.

O dilema está muito mais no fato de integrar capitais e dispositivos culturais para construir uma unidade solidária de cidadãos que reconhecem e respeitam suas diferenças, no que pode ser definido como democracia cultural, do que meramente defender a preservação de identidades em mundo globalizado. De qualquer forma, há um crescimento dos diálogos e aproximações culturais entre brasileiros e hispano-americanos, com suas contradições, tensões, fluências, avanços e retrocessos. A história política, social e econômica da América do Sul avança na mesma medida em que são acirradas as diferenças e assimiladas as semelhanças identitárias entre os povos que nos compõem.

No entanto, se mantém delicada a questão de se indicar uma identidade comum aos nossos territórios, principalmente se indicar no sentido de uma homogeneização, mas de substancialmente fomentar o incremento de uma maior circulação de bens culturais capazes de contribuir a redução de estereótipos e uma amplificação das redes de comunicações. Estes intercâmbios, estas redes de trocas, integram no sentido de suprimir as diferenças, mas e acima de tudo nos dá subsídios para reconhecê-las, com elas aprender e enriquecer nossa bagagem cultural.

A questão das identidades e principalmente sua preservação é de suma importância para a manutenção de laços de comunidade, raízes, afirmação de etnias e

¹⁰⁸ BOTELHO, 2001, pg: 06.

reconhecimento enquanto pertencente a uma nação, mas isolar-se nela como um meio e único fim, não é salutar, ainda mais em um momento histórico de tamanha interação. O fortalecimento de vínculos e heranças culturais em um mundo globalizado se mantém, mas ao mesmo tempo se renova constantemente, oxigenando com a presença de outras culturas, outros valores, outras tradições. A que considerar que:

Toda cultura moderna ha vivido esta tensión entre su representatividad societal, su capacidad de interactuar con otras culturas y encontrar lugar para sus propias diferencias. El equilibrio entre esta tensión creativa y el crecimiento industrial de las culturas nacionales y regionales no se resuelve fijando cuotas chovinistas, ni igualando a inversiones nacionales y extranjeras (o se beneficiando a los monopolios transnacionales). Tampoco confundiendo la necesidad de generar producción endógena, con la consiguiente infraestructura productiva y comunicacional que facilite accesos menos desiguales, y la pretensión de restaurar tradiciones ensimismadas o inventar estéticas Mercosur¹⁰⁹.

Autores como Canclini apostam na criação de um espaço sociocultural latino-americano¹¹⁰, no qual coexistem diversas culturas e identidades. Considerando este espaço não somente territorial, mas também comunicacional. Convergindo na mesma linha esta Jesus Martin Barbero, sociólogo espanhol erradicado na Colômbia, que discorda do argumento de que existe uma identidade latino-americana, considerando que sim existem múltiplas identidades étnicas, nacionais de gênero, todas convivendo neste mesmo espaço geográfico. Considerando que os recursos patrimoniais que lhes confere coesão são as línguas, as tradições orais com suas memórias históricas, as culturas populares, os sistemas educacionais, as indústrias culturais em sua manifestação recente, e os sistemas de comunicação¹¹¹.

La identidad, dinamizada por este proceso (de multicontextualidad), no será sólo una narración ritualizada, la repetición monótona pretendida por los fundamentalismos. Al ser un relato que reconstruimos incesantemente, que reconstruimos con los otros, la es identidad también una coproducción... Pero esta coproducción se realiza en condiciones desiguales entre los variados actores y poderes que intervienen en ella¹¹².

Convergimos com Yudice no seguinte pressuposto: o papel da cultura expandiu-se como nunca para esferas política e econômica, ao mesmo tempo em que as noções convencionais de cultura se esvaziaram muito. Para tanto, como opção metodológica

¹⁰⁹ CANCLINI, 2009, pg: 49.

¹¹⁰ CANCLINI, 2005, pg:173.

¹¹¹ BARBERO, 2003, pg: 174.

¹¹² CANCLINI, 1995, pg 114.

trabalharemos com o conceito abrangente de cultura, não a restringindo a um segmento específico de sua atuação, fazendo uma abordagem da questão cultural do nosso tempo, caracterizada como uma cultura da globalização acelerada, como um recurso¹¹³.

A globalização pluralizou os contatos entre os diversos povos e facilitou as migrações, problematizando assim o uso da cultura como um expediente nacional¹¹⁴. Esta articulação entre economia e comunicação dá sentido a perspectiva de que as identidades e o próprio processo de integração poder ser plataformas para um projeto mais amplo mediado pelas questões de prisma cultural. Sinalizar a importância desta conjugação equilibrada de - Informação, Cultura, Economia e Política - consistiria um positivo avanço aos processos de acordos regionais.

¹¹³ YUDICI, 2006, pg: 26.

¹¹⁴ Idem, pg: 28.

2.5 – A REVALORIZAÇÃO DO *SOFT POWER* E DA DIPLOMACIA CULTURAL NA POLÍTICA MUNDIAL

Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas sabe-se quem o não possui¹¹⁵.

Todos estes processos anteriormente levantados têm como interesse primordial trazer à tona de quais maneiras estão imbricadas as questões sociais às mudanças geradas pela subjacente globalização e revolução nas tecnologias da informação. Mudanças que acabam por reorganizar o compromisso tradicional dos Estados, enquanto lideranças políticas no sistema internacional. Os principais atores do sistema internacional sempre foram isoladamente os Estados Nacionais, porém as últimas décadas veem redesenhando este cenário em decorrência direta da emergência de novos atores, não que isso signifique a alteração no indiscutível papel de liderança exercido por esses.

A globalização enquanto fenômeno mundial influencia local e regionalmente, fomentando mudanças em intensidades, ritmos e geografias diferentes. Como norteadora da nova ordem mundial gera distintos comportamentos nos Estados, novos arranjos territoriais, baseados não mais nas fronteiras delineadas por um determinado poder estatal, forçando articulações e interações dos Estados com outras nações e com outros atores transnacionais. Considerando a já debatida, maior comunicação entre as sociedades, dentre outros elementos relacionados à revolução tecnológica, fatores que somados a presença destes novos atores ao jogo político internacional, os Estados não mais são passíveis de isolamento dentro de suas fronteiras, tornando cada vez mais obsoletas posturas isolacionistas e até mesmo nacionalismos exarcebados, fomentando novas práticas diplomáticas e novas articulações.

A globalização é tida como expressando a escala crescente em que o poder é organizado e exercido. Nesse aspecto, ela implica a reordenação das relações de poder entre e através das principais regiões do mundo, de tal modo que as sedes centrais de poder e as que lhe ficam submetidas encontram-se muitas vezes, a oceanos de distancia. (...) As relações de poder estão profundamente inscritas na dinâmica da globalização, como é confirmado pelas discussões permanentes sobre suas implicações para o Estado-nação¹¹⁶.

¹¹⁵ FOUCAULT, Michel.

¹¹⁶ HELD, 2000, pg: 23.

Focalizando a análise no continente sul americano, identifica-se claramente que cada um de seus países buscou o estabelecimento de estratégias próprias de inserção a este contexto, mas que em geral: institucionalizaram a democratização do poder, adotaram praticas condizentes com a cartilha neoliberal, reestruturando o Estado a partir das alternativas impostas pelas grandes instituições financeiras internacionais, e engajando-se na consolidação dos vínculos de integração regional.

En este proceso de regionalización, desde los aparatos de Estado consolidados, **se crea un nivel de integración supranacional como forma de construir poder en el escenario global.** En este sentido, el Mercosul es un fenómeno macro-político-económico centrípeto, donde se fusionan en una instancia superior los diferentes mercados nacionales, a un ritmo que va siendo dictado por los Poderes Ejecutivos de los diferentes Estados miembros. El Mercosur también es un nivel de integración abierto, que obedece a instancias de determinación que trascienden el ámbito regional para insertar la economía nacional en el proceso de globalización que tiene lugar con este avance del mercado mundial comprimido por factores tecnológicos¹¹⁷.

A relação estabelecida entre Estado e globalização, não pode ser interpretada apenas no enfraquecimento do papel dos governos frente ao fluxo imposto por esta nova dinâmica internacional. Dentro das novas dinâmicas assumidas pelos Estados está o fato primordial destes não poderem mais se considerar atores isolados do sistema. Assim, tanto os países, como suas sociedades e culturas, estão cada vez mais interligados, inseridos em sistemas de redes mundiais de interação, participando ativamente de trocas, assumindo responsabilidades e se adaptando as mudanças proporcionadas pela velocidade com que se reordenam as relações de poder entre as várias regiões, e blocos econômicos que hoje dão corpo ao complexo sistema internacional.

O poder tradicional em que estavam baseados os Estados desde a Paz de Westphalia, onde a manutenção do território geográfico, com o resguardo das fronteiras, controle da sociedade e boas relações comerciais externas, se restringiam a decisões soberanas, autônomas e isoladas. Nesta nova etapa, estas fontes de poder pré-modernas: população, território, espaço geográfico, vão cedendo importância aos mapas de realidade virtual. A geopolítica parece ser substituída pela geoeconomia, onde a lógica do conflito está centrada na gramática do comércio e os recursos naturais competem nos mercados com a formação e a criatividade.

¹¹⁷ ALVAREZ, 1999, pg:169. Grifos nossos.

Muitos dos problemas de ordem doméstica já não podem ser solucionados satisfatoriamente pelos Estados sem a cooperação com outras nações ou mesmo com outros agentes não estatais. Isso se torna perceptível ao identificarmos o crescimento em número e participação das Organizações Não-Governamentais internacionais que surgem nos fóruns internacionais em fins do século XX, formando redes transnacionais de atuação nos mais diversos segmentos e atividades. Essa difusão do poder para além do escopo de afirmação estatal direcionou alguns autores a defender uma espécie de governança global. Entretanto, no lugar do desaparecimento dos Estados, há uma necessidade de adaptação a nova lógica. Seu poder limitado frente à expansão das forças transnacionais faz com que sejam reduzidas as capacidades dos governos de controlarem os contatos entre as sociedades, impulsionando relações além de suas fronteiras nacionais, atuando em duas arenas simultaneamente, a doméstica e a internacional.

Na América Latina, como em grande parte dos continentes, o Estado Nacional exerceu um papel crucial na estruturação e dinamização de toda a sociedade, inclusive na esfera cultural. Nesta região, dada a peculiar trajetória histórica os Estados precederam e criaram as nações. Isto porque a formação deste marco social específico é constituidora da estrutura política que se forjou para o deslanche do processo colonizador e, posteriormente, para a consecução da independência e do projeto modernizador da maioria dos países da região. Um processo em que o Estado assume um papel de protagonista dotado de um espírito empreendedor¹¹⁸.

De fato, a trajetória da América do Sul está atrelada ao fato de historicamente ser marcada pela marginalização de seus países na política internacional. Assim, o esforço empreendido pelos governos regionais tem a dupla aspiração de superar esta posição periférica, assim como elaborar estratégia de inserção no cenário globalizado, incorporando as diversas necessidades de seus governos, atores sociais, empresariais e políticos. Genericamente, podemos dizer que a estratégia dos países sul-americanos com este propósito seguiu um plano comum: 1) No campo político à condução aos processos de democratização de seus Estados, marcados por um período anterior de Ditaduras Militares¹¹⁹ com a consequente ausência da prática democrática; 2) No campo econômico ao adotarem a receita neoliberal implementada pelos Estados centrais, dando espaço às práticas coerentes ao

¹¹⁸ BARBERO, 2003, pg: 231.

¹¹⁹ Dos 14 Estados sul-americanos, apenas a Colômbia não sofreu um longo período de restrição às atividades democráticas, torturas e perseguição impostos pelas Ditaduras Militares, com apoio explícito do governo dos Estados Unidos. As restrições à liberdade neste país estiveram relacionadas as regras impostas pelo narcotráfico.

modelo, como a liberalização econômica, privatizações das empresas públicas e enxugamento dos direitos sociais; e 3) No campo internacional, impulsionando o processo de integração regional entre os países vizinhos, impulsionando não apenas relações comerciais, como representando acima de tudo uma maior inserção internacional.

Uma das mudanças recentes mais perceptíveis é decorrente do fato de a sociedade civil estar cada vez mais no centro do debate das questões internacionais, fazendo com que os Estados a considere no momento de definição de suas políticas internas e externas, desencadeando novas práticas diplomáticas, a partir do momento em que os países passam a revisar suas estratégias de diplomacia pública para comunicar com uma maior eficiência seus princípios políticos e valores morais e culturais. Como consequência a este processo, temos a disseminação de poder para fora dos governos, capacitando indivíduos e grupos a um novo papel na política mundial¹²⁰.

Respeitados os limites de ação da sociedade civil organizada, o papel decisório é dos Estados Nacionais, que, embora levem em consideração os novos elementos, mantêm a soberania nas questões pertinentes as decisões internas¹²¹, centralizadas nas esferas governamentais, regidas, obviamente, na maioria das vezes, por interesses políticos e econômicos, imbuídos de questões estratégicas e de interesse nacional.

O Estado não perdeu poder por conta das transformações na comunicação, não deixou de se basear no econômico, no político e no militar para a conquista do poder. Mas redimensionou e modificou sua atuação para o alcance deste objetivo. Adaptou-se ao jogo com uma nova peça e esta aprendendo a usá-la, tornando o cenário do tabuleiro ainda mais complexo. As novas tecnologias tiveram um impacto profundo nesse redimensionamento. Elas encurtaram as distâncias, dispensaram a necessidade de presença física, aumentaram a velocidade com que indagações chegam aos seus destinatários. Tornaram ainda mais complexa a tarefa de fazer política externa, sujeita, agora como nunca antes, à influência de uma série de outros fatores e agentes, entre eles a imprensa e a opinião-pública¹²².

A multiplicidade de atores, a difusão do conhecimento, a ampliação da produção e acesso à informação, contribuem para uma diversificação e redistribuição mais difusa dos poderes. Todas as modificações ocorridas no seio da organização do complexo sistema internacional desencadearam a alteração do próprio conceito de poder, que vem se modificando à medida que a história avança. O poder já foi estritamente militar,

¹²⁰ NYE, 2002, pg:12.

¹²¹ Um bom exemplo disso são as polêmicas em torno de questões ambientais. No caso brasileiro, o atual debate acerca da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, onde grande parte da opinião pública se posicionou de forma negativa, organizando-se, mobilizando-se, mas que por fim o movimento não teve vulto político para barrar o projeto sancionado pela Presidenta Dilma Rousseff.

¹²² VALENTE, 2007, pg: 21 e 22.

posteriormente econômico, e, mais recentemente, relacionando a capacidade de gerar e disseminar conhecimento. O conceito de poder é bastante controverso no que diz respeito a sua natureza e a sua função para as Relações Internacionais. Com frequência, poder é relacionado a termos concorrentes, como influência, autoridade, controle, coerção, força, persuasão.

Em uma perspectiva mundial, a idéia de poder sempre esteve relacionada à detenção da hegemonia, por parte de uma nação, e desta forma reconhecida pelas demais. A conquista e manutenção desta hegemonia estavam baseadas na força dessa nação, no seu poderio militar, assim como no econômico, constituindo o chamado poder duro, ou *hard power*. No ponto de vista das guerras, conforme os aparatos bélicos foram evoluindo com armas nucleares e demais meios de destruição em massa, mais difícil se tornou o confronto armado entre as nações desenvolvidas que passaram a ver as guerras do seguinte ponto de vista: menor número possível de mortos, utilização somente de um exército profissional, um conflito rápido, longe dos olhos da mídia e com o menor gasto possível. Para a sociedade informacional que visa o lucro, as guerras a muito deixaram de ser lucrativas, a não ser quando as potências exploram conflitos menores, dentro de nações menos desenvolvidas, funcionando agora como fornecedores, sem perdas humanas e com muitos ganhos financeiros.

Joseph Nye teoriza acerca dos vários tipos de poder para a resolução dos conflitos difíceis e coloca em discussão o papel dos Estados Unidos, principalmente após os oito anos de Governo do republicano George W. Bush, onde a política externa foi conduzida de maneira, considerada pelo autor, errática e conflituosa, e que trouxe danos a imagem do país ao fomentar a amplificação do sentimento de antiamericanismo pelo mundo, o que os obrigava a uma urgente revisão de postura. Nye vem defendendo a teoria de que só o poder militar, o *Hard Power* não é suficiente para atingir objetivos de uma política externa. Diz que países em conflito terão de recorrer a muita diplomacia e usar seus poderes de forma mais branda e inteligente se quiserem criar uma relação de prosperidade e paz.

No contexto, onde mais do que nunca, a informação é vista como um mecanismo de poder, Nye considera que o avanço exponencial das tecnologias de comunicação provocou uma revolução na forma como a informação é difundida e utilizada. Argumenta que a forma como a cultura é propagada tem um papel importante na conformação de poder nas Relações Internacionais contemporâneas, assim, os produtos culturais não são seu único componente, mas são de grande importância. Um Estado e uma sociedade devem manter uma boa imagem junto a seus pares, garantindo assim respeitabilidade na sociedade internacional.

Nye foi o artífice do conceito de “*Soft Power*”, observando a existência de um poder brando na política internacional. Este chamado poder brando exerce uma espécie de poder de sedução, onde um Estado e sua cultura desempenham sobre os demais povos. Em síntese seria a capacidade de convencer os outros a fazer algo por meio da influência cultural e ideológica. O *soft power* é um contraponto ao *hard power*, enquanto o segundo representado pelos recursos militares e econômicos que podem ser empregados por um Estado para induzir a terceiros mudar sua postura, o primeiro consiste em lograr que os outros ambicionem o que um, por sua vez coacionar, absorver, atrair, levando a conformidade, a aceitação de valores, a legitimidade sem resistência. É uma forma indireta de exercício de poder, que pode ser utilizada sem resistência, a nível estatal ou por atores privados, como as Organizações Não Governamentais por exemplo, cujos objetivos e interesses podem ou não coincidir com os das instituições governamentais. O *Soft Power* pode ser conceituado como poder cultural.

O mundo está acostumado às manifestações de “*Hard Power*” dos Estados Unidos¹²³, o poder bruto representado pela força militar, concentra no exército e na indústria armamentista as principais manifestações do poderio bélico da nação mais poderosa do mundo, que dita as regras da convivência e conveniência de acordo com seus objetivos econômicos e estratégicos. Ao dissertar sobre a distribuição do poder na Era da Informação Global, Nye argumenta:

Que dimensões tem a disparidade entre o nosso poder e o resto do mundo? Em poderio militar, nós somos a única nação dotada tanto de armas nucleares, como de forças convencionais de alcance global. Nossas despesas militares são maiores que a soma dos oito países que nos seguem, e ainda lideramos a “revolução dos assuntos militares” baseada na informática¹²⁴.

Nye ainda considera a existência do “*Smart Power*” poder que estaria localizado entre o “*hard*” e o “*soft*”, traduzido como poder inteligente, uma espécie de meio termo, dotado da capacidade de equilibrar, ao discernir a postura a ser adotada em cada uma das situações. O poder inteligente congrega o *soft* e o *hard power* em conjunto com o multilateralismo, principalmente político. Os Estados Unidos podem se tornar um poder inteligente investindo em interesses públicos globais, desenvolvimento, saúde e

¹²³ A condução da política externa no governo republicano George W. Bush (2001 – 2009) foi o projeto que se baseava no aumento nos gastos de defesa, uma das mais claras manifestações contemporâneas de “*Hard Power*”: militarizando a política externa, buscando novos inimigos a combater e conduzindo suas ações, de forma a explicitar seus objetivos finais – o petróleo, a acumulação de poder e a manutenção da hegemonia.

¹²⁴ NYE, 2002, pg: 75-76.

enfrentamento da mudança climática, são bons exemplos segundo o autor. Ao complementar o poder econômico e militar americano com mais investimento no poder brando, e centrando em interesses públicos globais, os EUA poderão reconstruir o arcabouço de que precisam para lidar com desafios globais complexos. E, é com uma diretriz desta natureza, que o governo Obama tenta restabelecer o prestígio da política externa dos Estados Unidos, e, com isso, manter a hegemonia do país na economia mundial. A expressão “*Smart Power*” foi usada inclusive pela secretária de Estado, Hillary Clinton em sua audiência de confirmação para o cargo: Os EUA não podem resolver sozinhos os problemas mais prementes, e o mundo não pode resolvê-los sem os EUA. Precisamos usar o que tem sido chamado de “poder inteligente”, o leque completo de ferramentas à nossa disposição¹²⁵.

Este inicial esboço de mudança acabou atraindo uma espécie de simpatia, e representou a temporada em que, aparentemente, os EUA tentavam fazer as pazes com o mundo. E no governo do democrata de Barack Obama¹²⁶ iniciado em 2009, observou-se num primeiro momento, uma alteração na forma de condução da política externa. Mantiveram-se os interesses econômicos aliados aos objetivos estratégicos, e aos poucos a Casa Branca foi delineando sua nova postura e suas consequentes ações, prometendo uma “Nova parceria para as Américas¹²⁷”. Muitos discordam da teoria dualista proposta por Nye, como por exemplo, Paul Kennedy, que criticou a teoria ao analisar a ajuda americana aos povos asiáticos afetados pelo tsunami, apontando que mesmo os recursos militares podem ter sua nuance branda, se adaptados a finalidade humanitária¹²⁸.

A terceira revolução científico-tecnológica mundial dos anos 70 e 80, e os avanços em matéria de tecnologias da informação e comunicação (TICs) como um de seus maiores frutos, tem dado lugar a conformação da denominada sociedade do conhecimento, na qual a apropriação, gestão e transmissão das ideias e o saber fazer constituem um elemento de poder. Efetivamente, através do uso da internet, diferentes atores da sociedade civil, empresas, Ongs, movimentos sociais, e até grupos terroristas coordenam suas atividades, recrutam e

¹²⁵ NYE, Joseph, Global Viewpoint - O Estadão de S.Paulo. *A arte de usar o "poder inteligente"*. 17 de janeiro de 2009.

¹²⁶ Embora Obama se apresente como um potencial conciliador, se empenhando em equilibrar a política internacional, não evitou uma terceira intervenção militar dos EUA, nos últimos anos, em um país muçulmano. Mantendo-se oscilante entre o soft e o hard power, como na autorização da coalizão de ataque à Líbia, no mesmo momento em que esbanjava simpatia em sua visita ao Brasil (Em março de 2011).

¹²⁷ Acessado em 30/05/2011: <http://br.ibtimes.com/articles/20724/20110322/obama-pede-nova-parceria-dos-eua-com-a-am-rica-latina.htm> Dada instabilidade internacional, principalmente no Oriente Médio, a América do Sul, não se configurou dentre as prioridades do atual governo, e até o presente momento, não ficou clara a postura do atual governo.

¹²⁸ Poder duro contra poder brando. El País, 19 de febrero de 2005.

mobilizam adeptos e, sobretudo, difundem suas mensagens e se fazem presentes no jogo político planetário, sem que o Estado possa exercer controle sobre suas ações.

A liderança política esta voltada, salvo casos extremos, a uma competência de alcançar a atração, a legitimidade e a credibilidade. O conceito de Nye sobre este tema é que tanto o poder brando, como o poder duro são instrumentos necessários para levar a cabo os interesses da política exterior de um país, o exercício de atração é mais barato que a coerção e, sobretudo se constitui um valor de largo alcance. Um *soft power* desenvolvido aumentará a competitividade de um país na era da informação já que significará que este possui uma cultura e valores adaptados as normas globais imperantes, acesso as correntes de informação e comunicação, maior influencia no processo de elaboração do conhecimento e credibilidade na condução de assuntos domésticos e internacionais.

Atentar a análise comum de relacionar o *soft power* exclusivamente em termos de cultura e imagem. Bons exemplos são EUA e França, ambos superpotências do poder brando, mas se recorrêssemos somente a cultura, encontraríamos grandes diferenças e contradições entre eles. EUA, em termos gerais produz uma cultura de massas, onde se destaca no rol das potencias. Já a França recorre a produtos culturais elitistas. Diferenças a parte, a análise comparada dos dois países permite identificar que o poder brando é cultura, imagem, mas também percepção e análise desta cultura e imagem, o que mostra que em realidade também é discurso.

Se sustentarmos a existência independente do *soft power* com relação ao *hard Power*, veremos que esta dualidade não chega a se configurar um enfrentamento dialético, senão um vínculo de cooperação e complementaridade, o que é comprovável historicamente. Um bom exemplo é a Inglaterra do século XIX: se todo poder é poder duro, só que com um aspecto distinto, a experiência do declínio da potencia britânica no cenário internacional o desmente. A *Royal Navy* no plano militar, e a *City* londrina no plano econômico, foram durante mais de um século os motores da hegemonia britânica. Só não podemos esquecer-nos da imensa capacidade de atração que exerciam sobre o resto do mundo, das instituições, cultura e valores, do inglês. Isso permitiu ao Reino Unido amortizar, em termos diplomáticos e em aritmética do prestígio, a progressiva erosão das suas capacidades militares e produtivas, bem evidentes desde a segunda metade do século XIX. A única explicação para a preponderância britânica durante do século XIX e boa parte do século XX sem as mesmas capacidades militares dos EUA, Japão, Alemanha e até França, foram às capacidades de

persuasão e atração – como o capital simbólico, que inflaram Londres a manter a liderança e força no campo diplomático da *Realpolitik*.

A prática diplomática realista, a *Realpolitik* é associada à diplomacia clássica, onde a política exterior dos Estados vinha a ser avaliada exclusivamente em termos de “política real”, onde objetivo central é a afirmação do poder direcionada através de mecanismos práticos que assegurem os interesses de ordem nacional, baseando-se em relações nas quais onde a afirmação do poder tende a solapar todas as pretensões de fundamentação moral, ou de ordem ideológica, dando margem a ser considerada prática política coercitiva, podendo ser caracterizada como uma política externa dos realistas. Considerando isso, a diplomacia real em exercício funciona melhor quando desenvolvida e mantida na obscuridade, longe dos holofotes midiáticos e ameaças do tipo *Wikileaks*¹²⁹, sem a menor pretensão de compartilhar informações, ela se estrutura baixo um forte aparato estatal. Em termos de aplicação prática em tempos revolução da informação, manter estas condições se tornou muito mais difícil, favorecendo atores que operam as claras e extraem vantagens ao compartilhar informação.

Os pesquisadores americanos John Arquilla e David Ronfeldt¹³⁰ foram os primeiros a conceituar *noopolitik*, a apresentando como paradigma das Relações Internacionais, pois representa a capacidade do poder brando em expressar as ideias, valores, normas e ética através dos meios de comunicação, afetando as dominantes correntes teóricas das Relações Internacionais, como o realismo e o internacionalismo liberal. Este último através dos aportes teóricos da interdependência complexa e do conceito de poder brando, com a ideia dos múltiplos canais de comunicação em rede e a identificação de atores não estatais e transnacionais no jogo da política mundial, se aproxima da *noopolitik* em espírito e substância. Embora diferentes, as duas práticas diplomáticas, a *realpolitik* e a *noopolitik* não se anulam, podem operar em conjunto, porém em diferentes graduações e enfoques.

Elaboramos o quadro abaixo como ilustração das principais características de cada uma das práticas diplomáticas debatidas até então. Porém, enquanto características que podem sofrer influências diretas e indiretas uma da outra, abre-se um parêntese quanto a não rigidez do enquadramento teórico.

¹²⁹ Página oficial da organização: <http://wikileaks.org/>

¹³⁰ John Arquilla & David Ronfeldt: "*The Emergence of Noopolitik: Toward an American Information Strategy*", Rand, 1999.

TABELA 02

Principais diferenças entre *noopolitik* e *realpolitik*:

| | NOOPOLITIK | REALPOLITIK |
|---------------|------------------------|-------------------------|
| Origem | Diplomacia Cultural | Diplomacia Real |
| Tipo de Poder | Persuasão - Soft Power | Coercitivo - Hard Power |
| Organização | Em rede | Hierárquica |

Na arena do poder contemporâneo, aqueles governos que almejam inserção internacional, e principalmente aqueles que disputam a hegemonia, não pode desconsiderar as duas variáveis como práticas diplomáticas, sabendo de forma coerente dosar a força militar com a força das ideias.

A teoria da Interdependência complexa de Keohane e Nye levantou um intenso embate teórico com os realistas e se consolidou dentro da corrente do internacionalismo liberal ao argumentar que, um mundo supostamente interdependente traria consequências para a liderança política e a manutenção de mudanças e regime. Consideram como base as instituições internacionais, que seriam responsáveis por regularem essas relações internacionais, amenizando, ou até mesmo extinguindo, a exploração imperialista, essas instituições podem ser representadas pela ONU, pela OMC, UNESCO, dentre outras.

Refere-se às várias conexões transnacionais complexas (interdependências) entre Estados e sociedades. Considerando que as relações econômicas apresentaram crescimento enquanto que força militar e equilíbrio de poder decresceram em importância (mas ainda permanecem relevantes); que tal crescimento aumenta a probabilidade da existência de cooperação entre as nações; e introduz o conceito de regimes para regular as ações dos Estados.

Não há dúvidas de que os Estados seguirão sendo os atores por excelência do sistema internacional, porém presenciamos um reequilíbrio de relações entre o Estado, o mercado e os atores da sociedade civil, de tal maneira que a *noopolitik* seja favorecida à *realpolitik*, o que não signifique esta segunda deixará de existir. Por sua parte Castells (2003) coincide em que a *noopolitik* não anula a *realpolitik*, abordagem tradicional em termos de promoção do Estado na arena internacional mediante a negociação, força e uso potencial da força, mas pode ser o oposto.

Em tempos revolução da informação a *realpolitik* se mantém, mas permanecerá circunscrita ao Estado, uma vez que esta reestruturação favorece atores que operam as claras e extraem vantagens ao compartilhar informação, desta maneira, se consolida a *Noopolitik*. A citar algumas tendências que identificam e propiciam a *noopolitik*: A crescente fábrica de interconexão global; O contínuo fortalecimento da sociedade civil global; O auge do *soft power*; A nova importância das vantagens cooperativas e, a formação da noosfera global¹³¹.

Frente à velocidade e variedade impressas ao atual momento histórico e a esta irreversível alteração na forma como se transmite a informação, o fazer política também mudou, no seio destas transformações, e se consolidou como uma já existente, forma de fazer diplomacia, a diplomacia cultural, entendida como intercâmbio de idéias, informação, artes e outros aspectos da cultura entre as nações e seus cidadãos, com o objetivo de fomentar uma compreensão mútua. O conceito de diplomacia cultural está baseado nas iniciativas estatais relacionadas à difusão de sua cultura para outros povos.

Essas transformações, causadas pelo impacto da tecnologia moderna, refletem-se na cultura como processo social. A elas deve-se a emergência de sociedades ou países especializados na produção e exportação de produtos culturais, graças ao avanço tecnológico e poder econômico, em direção aos quais tende a drenar-se a força criativa de outros povos. O problema da dominação cultural, antigo como a história dos contatos entre civilizações, assume novas formas em que prevalece o poder financeiro¹³².

A diplomacia cultural está diretamente pautada no aparelho governamental, e sua política externa assentada em interesses políticos e econômicos. Atua como exportadora de influência, servindo de ferramenta de apoio à política externa dos Estados, onde suas políticas culturais externas visam à simpatia, influência e, até mesmo, conquista ideológica do povo estrangeiro, difundindo não só a cultura, mas o estilo de vida, os valores e as aspirações, criando vínculos entre as nações e desta forma facilitando as relações econômicas e políticas. Esta mudança de paradigma pode ser significativa para a diplomacia internacional porque recupera os valores culturais como conteúdo prioritário.

Em sintonia às premissas desta nova prática diplomática está o conceito de hegemonia e hegemonia cultural, desenvolvidos pelo italiano Antonio Gramsci¹³³ para descrever o tipo de dominação de um Estado sobre outros (s), e a dominação ideológica de uma classe social sobre outra. O interesse de Gramsci pelas questões filosóficas trouxe ao

¹³¹ Idem, pg: 47.

¹³² FURTADO, 2003.

¹³³ GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 1978.

debate político questões até então subjulgadas aos interesses econômicos, como a consciência e cultura política, o papel dos intelectuais e a preocupação dada as superestruturas, principalmente as questões pertinentes à sociedade civil, que permeiam suas concepções de hegemonia e constituição social.

A hegemonia para Gramsci é a capacidade de que um grupo social possui para exercer uma função de direção política e moral na sociedade. Transpondo esse conceito para a política mundial, seria a capacidade de um Estado, de convencer outros Estados a seguir um conjunto de idéias e instituições preconizadas por esse Estado dirigente. Gramsci ao incorporar a lógica da concepção e disputa hegemônicas, articula a política com a cultura, desenvolvendo capacidades em direções intelectuais e morais na disputa de visões de mundo, onde a política e a cultura estão diretamente atreladas. Neste estudo, o conceito gramsciano de hegemonia cultural¹³⁴ ajudará na compreensão do poder cultural de alguns Estados, em propagar e até mesmo impor certos valores como o de liberdade e igualdade, assim como exportar hábitos de vida e consumo¹³⁵.

A compreensão crítica do eu ocorre, portanto, por meio de uma luta entre “hegemonias” políticas e as orientações opostas, primeiro no campo ético e depois no campo político propriamente dito, com o objetivo de chegar aos mínimos detalhes de uma ordem superior de concepção de realidade. A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, a consciência política) é o primeiro estágio na direção de uma autoconsciência progressiva, em que a teoria e a prática serão, por fim, uma coisa só. Portanto, a unidade entre a teoria e a prática não é apenas uma questão mecânica de fato, mas parte de um processo histórico, cuja fase elementar e primitiva é encontrada no significado de ser “diferente” e “à parte”, num sentimento instintivo de independência, e que progride para o nível da posse real de uma concepção indivisa e coerente do mundo. Por isso, é necessário enfatizar que o desenvolvimento político do conceito de hegemonia representa um grande avanço filosófico, bem como um grande avanço prático¹³⁶.

Na declaração de Pierre Bourdieu um campo social é sempre um campo de forças, onde existem elementos de agregação, ma também de disputa: hegemonias e contra-hegemonias. Uma contestação contra-hegemônica efetiva requer acesso a grandes recursos

¹³⁴ Cabe aqui a ressalva que o preceito de hegemonia cultural é oposto à prerrogativa central defendida aqui, de integração cultural. Mas é de suprema valia dada a influencia das ideias de Gramsci no resgate da cultura como fator político.

¹³⁵ O exemplo prático e mais expressivo com certeza são os Estados Unidos. Os americanos souberam utilizar muito bem estes recursos, sobretudo através da publicidade e de sua poderosa indústria de entretenimento, capitaneadas pelo cinema e música, relacionando a consolidação do inglês (espécie de hegemonia linguística, onde o idioma não é somente um instrumento de comunicação, mas, sobretudo de poder), com o processo de internacionalização dos empreendimentos norte-americanos no Pós I Guerra Mundial, onde aliam, ineditamente, a Indústria e o Comércio ao Entretenimento e à Política Externa.

¹³⁶ GRAMSCI, 1971, pg: 333.

financeiros, conhecimento e informações, e algum grau de controle sobre os processos de produção e distribuição.

(...) nem toda a assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão assim como a mera recusa não é de resistência, e que nem tudo que vem de cima são valores da classe dominante, pois há coisas que vindo de lá respondem a outras lógicas que não são a de dominação¹³⁷.

Yudice argumenta que segundo a teoria gramsciana a cultura é compreendida como “um campo de luta”. Mas o conteúdo da cultura foi perdendo importância com a crescente conveniência da diferença como garantia da legitimidade. E que na nossa era, as reivindicações da diferença e a cultura são convenientes à medida em que se presume que “dão poder” a uma comunidade¹³⁸.

Dando continuidade ao debate teórico acerca do papel da cultura nas Relações Internacionais, inicialmente, entre os pesquisadores da chamada Teoria Crítica¹³⁹, corrente teórica que formulou uma crítica contundente à concepção realista, que até então era predominante nas Relações Internacionais. Seus teóricos apresentaram uma alternativa à visão dos realistas ao considerar um leque maior de temas, indo além das esferas tradicionais de análise como a segurança e a política externa, fugindo da resignação analítica da dualidade guerra e política. Ganharam influência entre os estudiosos das questões políticas internacionais ao ampliar os elementos para compreensão da nova configuração do mundo, trazendo para o debate questões até então escamoteadas como os temas da hegemonia, da emancipação e da desigualdade, da centralidade do Estado como ator, do meio ambiente, das questões culturais, do conceito de sociedade civil global¹⁴⁰, dentre vários outros.

Dentre os pensadores da Teoria Crítica destaca-se Robert Cox¹⁴¹, especialista inglês em comunicação internacional, foi o pioneiro no resgate do marxismo e da inclusão do debate iniciado por Gramsci para dentro da teoria internacional. Defende a idéia de que toda teoria é relativa ao seu tempo e lugar, logo, não pode ser transformada em um modelo absoluto, aplicável universalmente, como se não estivesse associada a certo contexto histórico e político. Entende as teorias como um olhar engajado com a realidade na qual esta refletida,

¹³⁷ BARBERO, 1987, pg: 106.

¹³⁸ YUDICE, 2006, pg: 454.

¹³⁹ Não temos a pretensão de aprofundar na apresentação das correntes teóricas das Relações Internacionais, nem tão pouco detalhar a Teoria Crítica. Para uma leitura mais contundente: GONÇALVES, Williams. *Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

¹⁴⁰ NOGUEIRA, 2005, pg. 133.

¹⁴¹ Responsável pelo aprofundado do debate acerca da Comunicação Internacional.

sendo influenciada e influenciando tal realidade. Realiza um esquema que ilustra a concepção de estruturas históricas considerando a relação entre: Capacidades materiais (produtivas, tecnológicas ou de destruição, como armamentos) – Idéias (compartilhadas através da comunicação, cultura ou regras sociais) – Instituições (jurídico e político). Considerando as mudanças nos processos de produção, nas relações entre os Estados e sociedade civil, levantando a questão do fenômeno da comunicação de massa e a internacionalização da produção, e de como eles fizeram emergir uma sociedade globalizada com preocupações transnacionais.

(...) a ordem mundial emergente pode ser pensada como decorrente de uma tríplice crise, isto é de uma transformação envolvendo três “níveis” inter-relacionados: 1) o “econômico”, que inclui a reestruturação da produção, das finanças e do comércio global, o qual põe em questão modos anteriores de negociação e formas de organização econômica; 2) o “político”, implicando mudanças institucionais que incluem novas formas de Estado, a internacionalização e certamente a globalização do Estado, (...) e o surgimento do sistema interestatal “pós-westfaliano” (...); 3) o “sociocultural”, ou seja, o modo de reestruturação global dos níveis político e econômico implica também, em parte, a contestação de conjuntos inter-relacionados de estruturas, ideias e práticas sociais, promovendo desta forma, possibilidades de mudança, mas, ao mesmo tempo, restringindo-as¹⁴².

Cox contextualiza três conceitos básicos em sua teoria das relações internacionais: a estrutura vertical das Relações Internacionais, a relação entre Estado e Sociedade Civil, e a dinâmica do processo produtivo. Ao consideramos o Estado - como uma estrutura monolítica, com seu conceito de nação, conjunto de regras e aparelhos ideológicos e políticos, em contraposição à Sociedade Civil - ator heterogêneo, heterodoxo, híbrido, se faz preciso um papel de mediador. No entanto, ao considerá-los ao invés de agentes antagônicos, participes complementares das realizações e práticas sociais, talvez se tenha uma maneira renovada em interpretar esta relação.

¹⁴² GILL, 2007.

CAPÍTULO III

REDES E INICIATIVAS NA INTEGRAÇÃO CULTURAL DA AMÉRICA DO SUL

Buscando sintetizar todo o debate exposto até aqui, este capítulo apresentará um levantamento das iniciativas e redes que fomentam o processo da integração cultural sul-americana. O método de análise utilizado será o estudo de casos, apresentando os atores participes, como se organizam, como se mantêm, quais os vetores e como articulam o real e o virtual. Expondo, desta maneira, como a internet pode vir a fomentar diferentes formas de conectividade entre os atores dos diferentes países do continente. O viés cultural dado a este último capítulo tem sua gênese na elaboração de um mapeamento acerca das iniciativas culturais de vulto no âmbito sul-americano. Principalmente pelo fato destas organizações representarem distintos níveis de cruzamento entre poder, informação e cultura, esta lista descritiva das iniciativas mais relevantes constitui-se como a abordagem prática desta pesquisa.

Neste ponto, cabe salientar que não só de iniciativas estatais se faz a conexão entre os agentes, produtores e consumidores de cultura na América do Sul, hoje grande parte dos empreendimentos na área cultural partem da sociedade civil, do impulso dado pelas organizações não governamentais e pelos organismos multilaterais. E em muitos casos, como apresentaremos aqui há o cruzamento, em alguns casos, virtuoso entre o público e o privado.

Em sua maioria, estas iniciativas são articuladas em forma de redes de intercâmbio e cooperação, que articulam e se apropriam de diferentes conceitos de cultura. Refletindo os aspectos culturais dos processos sociopolíticos contemporâneos. Ao considerar tais pressupostos, se pretende de maneira analítica e informativa, rastrear o que na prática vem sendo realizado em termos de organizações em forma de rede e demais iniciativas de cunho institucional. Todas estas ações, embora trilhem diferentes caminhos tem um mesmo mote, contribuir ao processo em curso de integração cultural do continente.

A opção por este tipo de investigação responde a necessidade de vincular todo o debate teórico acerca da globalização - sua implicação no processo de integração regional, na importância da cultura na agenda internacional, nos efeitos da revolução das comunicações no aumento do intercâmbio entre as sociedades. Demonstrando como todos os atores do sistema

internacional, tanto os tradicionais: como os Estados, quanto os novos: as empresas transnacionais, as organizações internacionais e organizações da sociedade civil em Organizações Não Governamentais, ou em forma de redes – se articulam na prática na forma das iniciativas que serão analisadas. A seleção pela análise da atuação político cultural das ações governamentais, no caso dos Estados, demonstram como a diplomacia cultural vem sendo exercida. Concomitantemente, os novos atores ocupam um espaço considerável, e a sua maneira, também colocam em exercício os esforços em prol da integração cultural da América do Sul.

Como a pesquisa tem um foco espacial definido, o continente sul-americano, optou-se por trabalhar com iniciativas que contemplem as seguintes premissas:

- 1 – Pertinência:** Contribuam ao processo de integração cultural da América do Sul, o que não impede que por vezes estejam atreladas e/ou direcionadas a projetos abrangentes também à Ibero América, América Latina e/ou Caribe;
- 2 – Abrangência:** Estabeleçam relações de troca entre membros dos países sul-americanos, mesmo que não contemplem todos eles;
- 3 – Convergência:** Promovam a troca e a articulação entre seus componentes, numa convergente apropriação de conceitos;
- 4 – Conectividade:** Tenham presença na rede mundial de computadores, podendo ser este o lócus central da organização, ou até mesmo atividade suplementar, mas que se mantenham vivos e produtivos na internet. Ou seja, tenha presença consolidada e páginas atualizadas na web;

Substancialmente todas as iniciativas elegidas são de cunho regional, porém, como não podia ser diferente, ao mesmo tempo atuam nos planos nacionais e internacionais. Mas, mantendo vínculos chaves com os países sul-americanos. Suas características, peculiaridades e atividades serão avaliadas particularmente. Será priorizada a análise em torno das iniciativas em prol da integração cultural, porém, em número menor, também serão consideradas algumas organizações que não tenham a centralidade na dimensão cultural.

A fonte de informação, ou seja, a documentação pesquisada foi exclusivamente a Internet. Identificando nas próprias páginas web das organizações elegidas, nas suas respectivas redes sociais e blogs, os subsídios para esta abordagem mais pontual. Ao longo do levantamento algumas escolhas tiveram necessariamente que serem feitas, de forma a filtrar e eleger de forma mais seletiva os casos a serem trabalhados.

Nesse compasso, a investigação proposta buscou no contexto sul-americano a compreensão do caráter de redes e iniciativas consideradas, sob determinados aspectos, virtuosas. E como uma forma de padronizar o viés analítico, foram elaboradas algumas questões a serem respondidas a partir da análise detalhada das mesmas. Essa ordem será organizada da seguinte forma:

1- Elementos Básicos – Constitui-se na hierarquização dos dados organizacionais básicos para elaboração da primeira apresentação das iniciativas, são eles: a) Nome da iniciativa; b) Site, endereço na web; c) Países participantes; d) Ano de formação;

2 – Área de atuação: Este quesito elaborado a partir da própria pesquisa tem a finalidade de apresentar de forma já preestabelecida o ramo de atividade delimitado por cada uma das iniciativas, observando que algumas podem ser enquadradas em apenas um segmento, e outras em mais de um. Organizando-o assim: a) integração regional; b) intercambio de produtos culturais; c) prática diplomática; d) gestão e políticas culturais; e) investigação sobre a cultura; f) sistematização e intercâmbio de informações sobre cultura; g) promoção e defesa da diversidade cultural; h) formação em cultura;

3 - Estrutura – Morfologia organizacional da iniciativa: a) redes de intercâmbio de produtos e atividades culturais ; b) Iniciativa Governamental ou Inter-Governamental (Bloco Econômico); c) Associação sem fins lucrativos; c) Fundação sem fins lucrativos; d) Rede de Saber; e) Rede de Cooperação horizontal integrada.

4 – Missão – Qual o objetivo central, os valores tidos como premissa da constituição da iniciativa: Respostas variáveis, não suscetível a padronização;

5 – Conceito Cultural – O que entendem por Cultura? Qual o conceito de cultura que cada uma segue?

6 – Mantenedores – Como se mantêm as iniciativas, recebem apoio financeiro de que tipo de instituição, categorizados da seguinte maneira: a) Independente Sociedade Civil: Próprios Membros ou Organização Não Governamental; b) Estado: Membros do Mercosul; c) Terceiro Setor: Empresas Transnacionais; d) Mistas: Recebem apoio estatal, Ministérios da Cultura, Governos estaduais, Locais e incentivos do capital privado.

Dando corpo ao mapeamento proposto, foi composta uma ficha com informações sobre as iniciativas e redes elegidas. Vale ressaltar que não foi possível preencher completamente as informações de algumas redes, seja pela ausência ou pela falta de especificação/ consistência dos dados disponíveis. Baseado nestes questionamentos agregadores com finalidade organizacional, as redes e iniciativas escolhidas serão segmentadas e apresentas em torno de três eixos principais de análise, como apresentado abaixo.

TABELA 03:
Quadro Organizacional - Tipos de Iniciativas e Redes

| Institucionais e/ou Estatais | Redes independentes | Iniciativas Mistas |
|-------------------------------------|----------------------------|--|
| Mercosul Cultural | Rede Cultural Mercosul | TAL |
| UNILA | <i>Cultura de Red</i> | Bienal do Mercosul |
| Rede Mercocidades | Loco Por Ti | RAIA – <i>Red Audiovisual IberoAmerica</i> |

3.1. – AS INICIATIVAS INSTITUCIONAIS E/OU ESTATAIS: DIPLOMACIA E A DIMENSÃO CULTURAL DA INTEGRAÇÃO

Esta que vem a ser a primeira na linha de categorização das iniciativas que nos propusemos analisar trará as iniciativas institucionais e /ou estatais, que se constituem acima de tudo, como um exemplo de Diplomacia Cultural, na face mais visível da dimensão cultural do processo de integração em marcha no continente. Significa que estão baseadas nas políticas de intercâmbio e cooperação, fomentadas e desenvolvidas por intermédio da ação de das cidades, dos estados membros, ou em confluência regional.

Inicialmente apresentaremos como o Mercosul, enquanto bloco aglutinador e os seus países partícipes, enquanto fomentadores nacionais, que exercem ou não as premissas da diplomacia cultural. A área da cultura, na maioria das vezes, é vista como acessório pelos governantes e esse tipo de parceria não somente legitima as ações do estado como promove a expansão de seus valores culturais, logrando conseqüente reconhecimento internacional.

Na América do Sul a diplomacia cultural começa a ser pensada na década de 1930. Como podemos observar no estreitamento das relações diplomáticas entre os Governos do Presidente argentino Augustín Justo e o brasileiro Getúlio Vargas. Nesta altura, termos de cooperação cultural foram formalizados através de acordos e convênios entre os dois países no período de 1932 -1935¹⁴³. Parceria cooperativa que se estendeu nos anos seguintes, como uma forma de fortalecer os vínculos regionais comuns frente a massiva promoção dos ideais imperialistas estadunidenses.

Na década de 1940, o convite feito pelo Itamaraty a Gilberto Freyre para elaborar a política cultural para a América delineou aspectos importantes dessa vertente. Ao defender a integração do continente, Freyre declarava-se completamente oposto à concepção de uma homogeneidade cultural que, a seu ver, apenas geraria conflitos entre as diferentes culturas americanas. Assim segundo ele, era necessário “combinar a unidade com variedade” (Freyre, 2003: 47) Assinalava ainda que, diante da similitude dos graves problemas enfrentados, e ainda sem solução, tornava-se imprescindível o desenvolvimento de esforços de cooperação interamericana no estudo e no trato dessas questões, o que contribuiria para uma maior aproximação entre os povos da Américas¹⁴⁴.

¹⁴³ SANTOS, 2009. Para um bom entendimento do período aludido recomendamos os estudos da Professora Raquel Paz dos Santos: *Relações Brasil-Argentina: a cooperação cultural como instrumento de integração regional*.

¹⁴⁴ SANTOS, 2009, pg: 360 -361.

Muitas foram as etapas pelas quais a agenda bilateral Brasil-Argentina passaram, por representarem as duas maiores economias e extensões geográficas da região, não poderiam não ser consideradas as protagonistas desta história. Acordos de cooperação, intercâmbios intelectuais e artísticos, convênios, inauguração de Institutos Culturais, dentre outras iniciativas somaram-se às políticas além da agenda comercial, voltadas a uma maior aproximação cultural, com a finalidade de reduzir o desconhecimento mutuo e da rivalidade estereotipada entre os dois países.

Neste contexto a busca por conhecer e interagir com a diversidade – num esforço de compreensão da alteridade – constitui o elemento fundamental para o entendimento dessas relações culturais. A ampla circulação de pessoas entre os países, ocasionada pelos incentivos ao turismo, as caravanas de estudantes, professores, trabalhadores e artistas, as missões intelectuais, entre outros, contribuíram, em certa medida, para desmistificar o “outro”, uma vez que se passava a conhecê-lo melhor¹⁴⁵.

Mas foi somente a partir da década de noventa, quando a maioria dos países sul-americanos volta a respirar os ares da democracia, que as questões pertinentes à Integração começam a ser efetivamente pensadas e reestruturadas. Desde a criação do Mercosul em 1991, incontáveis foram os Encontros, Seminários e Congressos pautados nas questões de ordem integracionista, apontando para a importância da cultura neste processo, tem ampliado significativamente os estudos e produções acadêmicas.

¹⁴⁵ Idem, pg: 363.

3.1. 1 - O MERCOSUL CULTURAL

Figura 1:
Logomarca do Mercosul Cultural



O Mercosul Cultural é um marco indiscutível na institucionalização protocolar da temática cultural nos debates a serem incorporados pelos Estados membros do bloco econômico do sul. É, ou ao menos, deveria ser a face mais clara das práticas de diplomacia cultural dentro do Mercosul. Mesmo que desde sua gênese, os países membros do bloco reconheçam a importância da dimensão cultural da integração - entendendo que as artes aproximam as sociedades - o processo de ganho de reconhecimento e espaço nos debates intra-bloco ainda é tímido.

O primeiro passo a ser dado para a criação de uma diplomacia cultural no Mercosul é o reconhecimento por seus Estados-membros da cultura, identificando a necessidade de inclusão desta que seria o terceiro pilar da integração. Este já foi dado a partir do momento da assinatura do Protocolo de Integração Cultural do Mercosul¹⁴⁶, em 1996. Porém é fundamental o avanço da etapa de mero discurso para a prática. De acordo com Saraiva (2003): Cultura, integração e indústria podem vir a ser dimensões que, se articuladas de maneira adequada, permitirão abrir uma triangulação nova e original no Mercosul.

Conscientes de que a integração cultural constitui um elemento primordial dos Processos de integração e que a cooperação e o intercâmbio cultural geram novos fenômenos e realidades; Inspirados no respeito à diversidade das identidades e no enriquecimento mútuo; Cientes de que a dinâmica cultural é fator determinante no fortalecimento dos valores da democracia e da convivência nas sociedades¹⁴⁷.

¹⁴⁶ Anexo 02: Protocolo de Integração Cultural do Mercosul.

¹⁴⁷ Citação extraída do Protocolo de Integração Cultural do Mercosul, também disponível em: http://www.camara.gov.br/mercosul/Protocolos/INTEGRACAO_CULTURAL.htm

Como citado anteriormente, foi através do Protocolo de Integração Cultural do Mercosul, em 1996 na cidade de Fortaleza, Brasil, que o Mercosul Cultural foi firmado, com a consolidação da estrutura formal dedicada a temática dentro do bloco. Sua criação adveio da necessidade de os Estados partes incentivarem o processo de integração cultural do continente, institucionalizando o compromisso de seus membros em assumir a cultura como elemento primordial da integração. Neste protocolo firmam e acordam, em vinte artigos compromissos de promoção de atividades conjuntas e pesquisas de temas históricos e culturais comuns, busca de fontes de financiamento, formação de recursos humanos envolvidos na ação cultural, incentivo e cooperação entre seus respectivos arquivos históricos, bibliotecas, museus e instituições responsáveis pela preservação do patrimônio histórico e cultural, favorecimento de co-produções e co-distribuições para cinema, vídeo, rádio, multimídia, dentre outros.

Segundo Monica Lessa, tem-se hoje à disposição uma razoável literatura acerca dos avanços e das dificuldades da integração cultural do bloco. Em verdade, desde o *Seminário Identidades, políticas culturais e integração regional*, realizado em Montevideu em 1993, muitos especialistas tem se debruçado sobre os diversos aspectos da questão para, em sua ampla maioria, defenderem a importância da cultura no processo de integração. A percepção mais coerente, entretanto, é a de o Mercosul Cultural ainda não recebe a atenção devida por parte dos Estados mercosurenhos (LESSA, 2010).

Apresentaremos aqui os esforços para esta consolidação, e constante busca por parte dos atores que compõe o Mercosul Cultural, em convencer as demais esferas institucionais de que a cultura é capaz de atuar como elemento agregador, mostrando de que forma pode vir auxiliar no processo de integração política e econômica do continente, com suas singularidades e particularidades, conectando recursos simbólicos, econômicos e políticos, é a questão fundamental.

Ao estender os objetivos para áreas de cooperação na educação, cultura, ciência e tecnologia, os países do bloco proporcionam as suas populações tanto um maior conhecimento das diferentes culturas dos que nos compõe, como um nascente sentimento de reciprocidade, solidariedade e cumplicidade, livre dos pré-conceitos e desavenças antigas. Respeitando as realidades regionais, trabalhando na direção da diminuição das assimetrias entre os países partes, buscando sempre o desenvolvimento em conjunto, combinando os fatores positivos e os conjugando equilibradamente, desenvolvendo a necessária

reestruturação dos fatores e dos sistemas produtivos. Respeitando a riqueza e diversidade cultural de nosso continente.

Como campo de estudo as discussões sobre o uso da cultura tem se colocado em termos de suas possíveis apropriações como ferramentas de diplomacia cultural e *soft power*¹⁴⁸. É preciso passar por essas discussões uma vez que não é prudente se alienar do jogo de poder interestatal e geopolítico. Mas é preciso ir além porque o debate não tem incorporado as diversas utilizações sociais e políticas das artes, seus limites e potencialidades, e é nesta lacuna que o estudo das Relações Culturais Internacionais ganha terreno.

Ao abordamos diretamente a cultura dentro do processo de integração Sul-Americano nos deparamos com o descuido a esta esfera. Autores que vem se debruçando sobre as temáticas culturais concordam no quanto são negligenciadas estas questões no que tange aos projetos postos em prática na América Latina, destacamos Canclini (2005) e Moneta (2003). Um postulado que merece destaque é, que dentro das políticas públicas e de integração regional, o grande valor é dado as atividades culturais relacionadas à patrimônio e belas artes, escamoteando a sub áreas todas as demais, inclusive as de mais alcance de público e geradoras de maior capital.

Este enfoque cultural dado as questões de preservação do patrimônio histórico e belas artes acaba por escamotear as demais e efervescentes práticas culturais contemporâneas. Desta mesma maneira, as atividades ditas como cooperativas aquelas que valorizam a cooperação, na teoria aparecem quase que de uma maneira utópica, delegando a planos de menor importância as coproduções, que embora ainda timidamente, tem ganhado terreno principalmente no campo do audiovisual, em algumas das iniciativas que apresentaremos a seguir. Ainda de acordo com Canclini (2008, pg 121), reconhecer a cooperação como coprodução serviria, em primeiro lugar, para superar a estreiteza dos mercados nacionais, aproveitar as capacidades de cada país na formação de profissionais, empresários, gestores, artistas e cientistas, bem como na formação de públicos. E como não poderia faltar, George Yúdice (2006) considera a cultura é um recurso, que gera e atrai investimentos, cuja contribuição e utilização, seja para o desenvolvimento econômico e turístico, seja para as indústrias culturais ou novas indústrias dependentes da propriedade intelectual, mostra-se como fonte inesgotável.

¹⁴⁸ Participam dos debates uma série interminável de autores, dos quais são fundamentais destacar os trabalhos de Nye (2004, 2009), responsável pela cunhagem e disseminação dos termos referenciais, abordado mais detalhadamente no capítulo dois; e alguns trabalhos voltados para o caso latino-americano: Veloso (2006), Santos (2009), Pallini (2001), Canclini (1999), Souza (2004), Soares (2008).

Inerente ao processo de integração da América do Sul, a dimensão cultural se coloca como peça essencial para a consolidação dos vínculos políticos e econômicos. Embora o Mercosul ainda se encontre em sua fase inicial, a econômico-comercial, onde os governantes de seus Estados membros parecem desconhecer as amplas possibilidades que poderiam aflorar de um maior intercâmbio de bens e serviços culturais na região, da mesma forma em que parecem não valorizar a importância sociocultural de uma integração plena no plano da política internacional.

Os Estados-membros ao não possuírem uma diplomacia cultural, complementar à atividade diplomática tradicional, revelam a prevalência no Mercosul de estratégias inspiradas pelo *hard power* e a subvalorização do *soft power*. Poucos são os que percebem que, com os avanços dos processos de globalização econômica e tecnológica, as Relações Internacionais passaram a depender, cada vez mais intensamente, da cultura, do *soft power*, do que do poder econômico ou da força das armas. A liderança política dos países transformou-se numa concorrência para atingir a atração, a legitimidade e a credibilidade internacional¹⁴⁹.

Anualmente, em no mínimo duas ocasiões, em uma cidade do país a cargo da Presidência Pro-Tempore, os Ministros da Cultura dos países membros do bloco se encontram para discutir as questões prementes à área. Organicamente alinhado à esfera de reuniões ministeriais estão os encontros do Comitê Coordenador Geral, formado pelo auto escalão das áreas de relações internacionais e/ou cooperação nos organismos de Cultura, e as Comissões Técnicas, este comitê e a comissão que são os responsáveis pela eleição das pautas que posteriormente serão debatidas pelo Comitê e pelos Ministros de Cultura.

A Reunião de Ministros de Cultura (RCM) é o órgão máximo do Mercosul Cultural, criada em 1995, estabelecendo-se a partir de então. Tais diretrizes servirão de norte as ações postas em prática pelo Mercosul Cultural e esta abordagem mais específica oferece melhores condições de avanço nas coordenações políticas entre o bloco, e do bloco com os demais, como veremos adiante. Em 2010 a primeira RCM decidiu que suas ações seriam pautadas em cinco eixos: Patrimônio; Indústrias Culturais; Diversidade Cultural; RECAM – Audiovisual; e SICSUR.

O conceito de cultura seguido pelo Mercosul Cultural mescla essencialmente algumas apreciações já abordadas previamente, observando que as duas primeiras tem sintonia direta com as premissas defendidas pela UNESCO. Assim, com base nos documentos

¹⁴⁹ RABADÁN, David Molina; ONOFRIO, Marcela Iglesias. Noopolitik, Diplomacia Pública y Soft Power en la Sociedad Informacional. Disponível em: <<http://www.caei.com.ar/es/programas/teoria/22.pdf>> Acessado em 10 de abril de 2011.

levantados, nas atas das RCM e nos Protocolos de Integração, consideramos que a cultura dentro do bloco aprecia:

- 1) A cultura como fenômeno catalisador da integração regional e do desenvolvimento. Dotada da capacidade de aproximar também política e socialmente;
- 2) A cultura em convergência e respeito à diversidade cultural do continente;
- 3) A cultura como Recurso (YUDICE, 2006), é tido como um dos princípios ordenadores dentro da organização. Ao considerar a cultura dentro deste paradigma se tem a facilidade de encará-la como um expediente, que atrai e gera utilidades. Um instrumento dotado da capacidade de aproximar econômica, política e socialmente os países do bloco, fomentando reconhecimento mútuo, confiança e, sobretudo, redução de prejuízos e preconceitos;
- 4) Economia da Cultura, concepção que não deixa de estar atrelada à anterior, e que dada a inter-relação com as questões de ordem econômica, promovem as indústrias culturais, geram riqueza e renda aos povos da região.

Respeitados estes pontos, consideramos a visão e apreciação dada às questões de ordem cultural na esfera do Mercosul Cultural e destacamos a valorização da diversidade cultural como um dos pontos positivos, com ênfase a importante representação dada à incorporação do Guaraní como um dos idiomas oficiais do Mercosul (CMC/DEC. N°33/08). Abaixo alguns pontos destacados com relação ao respeito à diversidade cultural como característica essencial do continente, formalizado na primeira Reunião Especializada dos Ministros da Cultura n°01/95:

Que a herança comum dos povos latino-americanos, e particularmente dos países do Mercosul, é um poderoso fator de aproximação capaz de facilitar sua integração política e econômica;

Que as **diversas manifestações culturais**, tanto no interior de cada Estado quanto entre os mesmos, devem ser reconhecidas, preservadas e estimuladas dentro da perspectiva pluralista que caracteriza as democracias contemporâneas;

Que o processo de integração cultural tem como objetivos promover o conhecimento recíproco e a valorização mútua das manifestações artísticas, dos valores e das formas de vida dos povos, sem prejuízo da identidade cultural de cada um deles¹⁵⁰;

¹⁵⁰ No Portal da Cultura Mercosul, do Ministério da Cultural do Governo Brasileiro, podem ser acessados todos documentos pertinentes ao Mercosul Cultural assim como notícias atualizadas acerca dos principais projetos. <http://blogs.cultura.gov.br/mercosur/>

Em termos gerais, podemos asseverar que o Mercosul Cultural tem avançado no sentido de organização linear, periodicidade de encontros, iniciativas protocolares, mas ainda esta longe de assentar as bases práticas para uma política de integração cultural para a região. Como em qualquer outra esfera de negociação intra-bloco, a dimensão cultural enfrenta ao menos duas lógicas opostas, uma que se refere a questões racionais de interesses, onde relações interpessoais estão sempre em jogo, e a outra marcada pelos interesses de poder, onde o Estado Nação que se posiciona de forma mais ativa, e até mesmo com aspirações hegemônicas dentro do bloco, tende a colocar suas aspirações como determinantes no jogo político. Ou seja, a dualidade nacional - regional sempre estará em voga no momento em se discutir os interesses nacionais de cada um dos países membros, e os objetivos consoantes ao bloco como um todo.

Fazemos uma ressalva quanto a atenção que a RCM deve ter, enquanto parte ativa das decisões dentro do Mercosul Cultural, em não reduzir as políticas culturais às administrações de patrimônio histórico e artístico, concebê-las e pensá-las com o olhar das produções contemporâneas, editoriais, televisivas, musicais, cinematográficas, no sentido de melhor nos representar e ao mesmo tempo expandir o número de consumidores, leitores, colecionadores, expectadores. O mesmo vale para o campo educacional, preenchendo as escolas de arte e cultura, com o intuito de cada vez mais enriquecer o currículo vivencial dos novos cidadãos.

Recheado de boas intenções adidas de muitos projetos que não logram desenvolvimento o Mercosul Cultural segue a marcha em passos lentos. Esse é um balanço genérico, que salvo algumas iniciativas bem sucedidas tem mantido aceso o otimismo quanto a consolidação do bloco. A seleção a seguir levou em consideração a importância e abrangência destes ao processo de integração cultural do Cone Sul.

Dentre os principais projetos levados a cabo pelo Mercosul Cultural estão: **Fundo Mercosul; SICSUR; Selo Mercosul e Recam**, os abordaremos individualmente a seguir, mas de antemão apresentamos a tabela onde estão resumidos, com a apresentação da atual situação de seus encaminhamentos, ano de criação e principais atividades realizadas. Com o intuito simples e direto de facilitar o entendimento de seus atuais estágios.

TABELA 04

Projetos do Mercosul Cultural

| MERCOSUL CULTURAL | | | |
|--------------------------|--------------------------------|--|---|
| Iniciativa | Ano de criação | Área de atuação | Atividades Realizadas |
| SICSUR | 2011 | Sistema de Informações Culturais | Site no ar com informações e publicações atualizadas. |
| RECAM | 2003 | audiovisual; cinema | Apoio à realização de Festivais e vigência de convenio com a União Europeia. |
| SELO CULTURAL | Criado protocolarmente em 1996 | Tratamento aduaneiro visando facilitar a livre circulação de bens culturais. | Ainda não colocado em prática dada a necessidade de aprovação em todas esferas burocráticas, como Aduanas e Parlamentos de todas as nações da região. |
| FUNDO MERCOSUL | 2010 | Financiamento de Projetos | Até agora não posto em prática. Em 06/2012 o Brasil assumiu pelos próximos seis meses a presidência do Mercosul Cultural e finalizar a implantação do Fundo Cultural é uma das metas. |

3.1.1.1 - FUNDO MERCOSUL CULTURAL

O FMC- Fundo Mercosul Cultural¹⁵¹, como a nomenclatura já o define, é um fundo destinado a financiamento de projetos. Teve sua aprovação em 2010, durante a XXXI Reunião dos Ministros da Cultura do Mercosul, quando o Brasil estava responsável pela Presidência Pró-Tempore do bloco sul-americano. Depois, o fundo foi constituído pelo Conselho do Mercado Comum (CMC), órgão superior e decisório do Mercosul. O seu objetivo é financiar projetos e programas que fomentem a criação, circulação, proteção e difusão dos bens e serviços culturais. Nesse caso, também está incluída a diversidade das expressões culturais que contribuam para o fortalecimento do processo de integração do Mercosul.

O capital do FMC será constituído pelas contribuições nacionais dos Estados Partes, voluntárias e uma pré definida de periodicidade anual. Todavia, também estará aberto à participação dos Estados Associados, de terceiros países assim como de outros organismos e

¹⁵¹ Decreto constitutivo disponível em: http://www.mercosur.int/innovaportal/file/2810/1/DEC_38-10_PT_FUNDO%20MERCOSUL%20CULTURAL.pdf

do setor privado, mediante a negociação de acordos, de acordo com seu protocolo de criação. Para sua instauração foi necessária uma contribuição inicial de cada Estado Parte. A citada, contribuição anual, foi predefinida proporcionalmente, conforme as seguintes porcentagens:

- Argentina: 27%
- Brasil: 70%
- Paraguai: 1%
- Uruguai: 2%

Além do montante inicial do Fundo Mercosul Cultural, também foi aprovado o Projeto de Fortalecimento Institucional para o Desenvolvimento do Itinerário Cultural das Missões na América Meridional, o Itinerário Cultural. Entre os objetivos do projeto estão a capacitação dos quadros técnicos e gerenciais para o desenvolvimento do trabalho e a equalização das capacidades instaladas dos organismos nacionais envolvidos no tema. A ação tem alcance regional e envolve a Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai e Uruguai.

Em junho de 2012 o Brasil assumiu pelos próximos seis meses a presidência do Mercosul Cultural - anteriormente comandado pela Argentina. E formalizou como uma de suas principais metas a finalização da implantação do Fundo Cultural do bloco. De acordo com o Vitor Ortiz, secretário executivo do Ministério da Cultura (Minc), quando da realização da 34ª reunião de ministros da Cultura do Mercosul, em Buenos Aires, os projetos desse fundo podem ser de circulação de espetáculos de qualquer área artística por mais de um país e também pode ficar restrito só ao país de origem do projeto. O objetivo é financiar ações que fortaleçam a integração cultural no âmbito do Mercosul¹⁵².

3.1.1.2 - SICSUR:

O Sistema de Informação Cultural do Mercosul

Creemos que, haciendo camino al andar, aportamos al encuentro histórico de nuestros pueblos. Porque creemos en la cultura como herramienta de transformación social, y porque sabemos también que el campo de la cultura implica la intersección de aspectos novedosos que un gran cambio tecnológico recién empieza a señalar. Y porque entendemos que sólo la unidad continental nos dará un lugar en el mundo¹⁵³.

¹⁵² Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/06/08/meta-do-brasil-e-finalizar-a-implantacao-do-fundo-cultural-do-mercosul-explica-minc>

¹⁵³ *Enclave Cultural: Nuestro Norte es el Sur- Integracion Regional, Relevancia económica y acceso a la cultura.* Ano 2, N° 2, pg. 03. Disponível em: http://www.sicsur.org/archivos/publicaciones/Enclave_Cultural2_web.pdf

Há alguns anos atrás poderia parecer utópico a ideia de existência de um sistema integrado de informações culturais, que em constante atualização mantivesse conectados mapas, informes, estudos relacionados entre cultura e economia, e tudo isso fomentado, mantido e organizado pelo Mercosul Cultural. Desde 2009, quando aprovado na 29ª RCM o projeto do que viria a ser hoje o SICSUR: O Sistema de Informação Cultural do Mercosul, começou a ser efetivamente estruturado. Em fins de 2011 no Rio de Janeiro, na ocasião do VI Seminário sobre Sistemas de Informação Cultural do Mercosul, o SICSUR ganhou força e entrou definitivamente na rede mundial de computadores.

Somando à página web uma publicação periódica, a *Enclave Cultural*, criada com o objetivo de servir como uma fonte de dados sobre a economia e a cultura dos países do bloco. Em duas edições até o presente, a revista eletrônica do SICSUR, teve ambas publicações digitais.

- A primeira edição em 2011: *Enclave Cultural: Ahora es cuando – El SICSUR trabaja en la integración regional*¹⁵⁴.
- E, a edição deste ano: *Enclave Cultural: Nuestro Norte es el Sur- Integración Regional, Relevancia económica y acceso a la cultura*¹⁵⁵

O Sistema de Informação Cultural do Mercosul é composto por dez países da América do Sul: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Peru, Equador, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Seu objetivo específico é de ser uma base de dados válidos sobre o fazer cultura hoje na região, colocando à disposição do público interessado informações precisas sobre as atividades econômico produtivas, as expressões de multiculturalidade, captando em extensão as diversas tramas simbólicas de cada um dos países que o compõe.

Abaixo um dos mapas que pode ser consultado no SICSUR, no tópico de análise: Economia Cultural. Este departamento do site está segmentado em três estudos estatísticos: PIB %, Comércio Exterior de Livros (importação e exportação), e Pressuposto Cultural. Destacamos o PIB da Cultura¹⁵⁶, que representa a incidência dos grupos 22 e 92 do

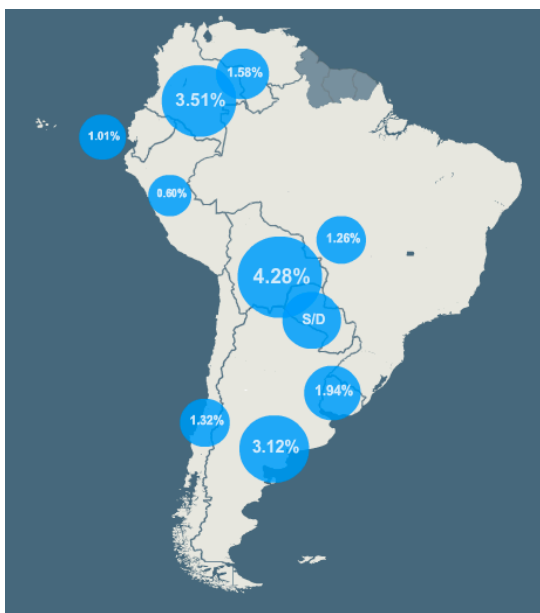
¹⁵⁴ http://www.sicsur.org/archivos/publicaciones/Enclave_CulturalI_web.pdf

¹⁵⁵ *Enclave Cultural: Nuestro Norte es el Sur- Integración Regional, Relevancia económica y acceso a la cultura*. Ano 2, Nº 2.

¹⁵⁶ De acordo com o Documento Metodológico do SICSUR: *El PBI Cultura representa la incidencia de los grupos 22 y 92 del código CIIU (Clasificador Internacional Industrial Uniforme) sobre el Producto Bruto Interno de cada país, y se expresa como un porcentaje. Dentro de cada uno de esos grupos se registran distintas actividades, a saber: Grupo 22: Actividades de edición e impresión y reproducción de grabaciones. Incluye las actividades: edición de libros, folletos, partituras y otras publicaciones; edición de periódicos, revistas y*

Classificados Internacional Industrial, sobre o Produto Interno Bruto de cada país. Para elaboração destes percentuais foram consultados os Organismos Nacionais de Cultura dos Países membros do SICSUR.

Figura 2:
PIB Cultural da América do Sul¹⁵⁷



O SICSUR esta começando e desta maneira enfrentando todas as dificuldades de todos inícios, entretanto desponta desde já como uma grande realização, se continuar a expandindo se consolidará como a mais importante ferramenta de bases e dados integrados. É importante que conte com um grupo especializado na condução das pesquisas, levantamento dos dados estatísticos e uma permanente atualização das informações na página eletrônica.

3.1.1.3 – SELO CULTURAL MERCOSUL

O Selo Cultural Mercosul¹⁵⁸ criado em 1996, considerando a importância de facilitar a circulação de bens que façam parte de projetos culturais como forma de fortalecer a

publicaciones periódicas; edición de grabaciones; actividades de impresión, actividades de servicios relacionadas con la impresión y reproducción de grabaciones; Grupo 92: Actividades de esparcimiento y actividades culturales y deportivas. Incluye las actividades de cinematografía, radio y televisión y otras actividades de entretenimiento; actividades de agencias de noticias; actividades de bibliotecas, archivos y museos y otras actividades culturales; actividades deportivas y otras actividades de esparcimiento. Fecha de validación: año 2006. Salvo para Perú (año 2005) y Venezuela (año 2003). Cobertura Geográfica: todos los países excepto Bolivia, Ecuador y Paraguay. Informações obtidas em: <http://www.sicsur.org/mmpp/metodologia.php>.

¹⁵⁷ Fonte SICSUR.

integração cultural no Mercosul. Com este instrumento, os serviços e bens culturais têm trânsito livre nas alfândegas dos países do Mercosul. Todos os trâmites legais para o transporte destes produtos passariam a ser realizados no local de origem, antes do embarque. Após receber o Selo, o bem teria acesso livre ao país final e assim, só seria aberto no destino. Além de reduzir o tempo gasto nas alfândegas, o projeto visa, também, proteger a integridade das obras de arte, que podem ser danificadas quando abertas para a fiscalização. Com a implementação deste projeto, os bens culturais materiais, como as obras de artes, que tivessem o Selo Mercosul, ao serem transportados somente poderiam ser abertos no destino, o que possibilitará a livre circulação nas alfândegas e maior segurança, uma vez que ele atuaria como uma proteção adicional contra clonagem, uma vez que será confeccionado de material resistente, com intuito de evitar possíveis falsificações.

Ainda não colocado em prática dada a necessidade de aprovação em todas as esferas burocráticas, como Aduanas e Parlamentos de todas as nações da região, o projeto Selo Cultural Mercosul caminha a passos lentos, sem previsão tampouco perspectiva próxima de sua consolidação.

3.1.1.4 - RECAM

– REUNIÃO ESPECIALIZADA DE AUTORIDADES CINEMATOGRAFICAS E AUDIOVISUAIS DO MERCOSUL

Outra iniciativa que merece total reconhecimento é o Mercosul Audiovisual é sintetizado na prática no Recam, um dos órgãos consultores do bloco, trata-se da Reunião Especializada de Autoridades Cinematográficas e Audiovisuais do Mercosul. (RECAM¹⁵⁹) é integrada pelas Autoridades Audiovisuais dos Estados membros, representados pelas suas respectivas Coordenações Nacionais. Criado em 2003, desde então a Recam se propõem em trabalhar em prol da construção de um mercado comum, respeitando os princípios de solidariedade, reciprocidade e complementaridade nas relações entre todos os seus membros, procurando à redução de assimetrias que afetam o setor, dispendo para este fim projetos

¹⁵⁸ Protocolo de criação MERCOSUL/GMC/RES N° 122/96: http://www.mercosur.int/msweb/Normas/normas_web/Resoluciones/PT/96122.pdf

¹⁵⁹ Página oficial da RECAM: <http://www.recam.org/pma/>

especiais para a coprodução e codistribuição em favorecimento dos países de menor desenvolvimento na região.

O escritório sede do Recam está localizado na capital uruguaia. É formada pelos membros plenos: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai; pelos membros em processo de adesão: Venezuela; e pelos Estados associados ao Mercosul: Bolívia, Chile, Equador, Peru.

O Programa Mercosul Audiovisual colabora com os Planos de Trabalho delineados pela Recam, fortalecendo suas atividades e gerando oportunidades para o exercício das atividades profissionais relacionadas, promovendo a produção regional. Desde 2007, com previsão de encerramento do convenio para 2013, está vigorando um acordo de cooperação entre o Mercosul e a União Europeia, o Programa Indicativo Regional (PIR) cujas bases estão consolidadas em três eixos de atuação: 1) Apoio a Institucionalização do Mercosul; 2) Apoio a Aprofundamento das atividades audiovisuais no Mercosul; e 3) Conjugação de esforços no aumento e na consolidação da participação da sociedade civil, favorecendo o conhecimento do processo regional de integração, e a compreensão e visibilidade mútuas.

No site da Recam na internet encontram-se disponíveis para download documentos sobre reuniões do grupo, publicações, boletins, bancos de dados, atividades e projetos, assim como estudos como o “Cine em Cifras”, que conta com um documento elaborado por Octavio Getino, à época Coordenador do Observatório do Mercosul Audiovisual. O estudo: *Aproximación Al Mercado Cinematografico del Mercosul (Período 2002-2005)*, considera que dada a força internacional do Mercosul:

Como región cuenta además con una importante actividad cinematográfica y audiovisual, la cual se manifiesta en una cultura, una industria y un mercado de poderosa significación en el contexto internacional, tanto por su potencial económico como por el valor cultural de sus obras¹⁶⁰.

Embora não tenhamos encontrados estudos posteriores ao ano de 2008, os documentos que podem ser acessados na página da Recam estão divididos em gerais e países, podendo ser “baixados” para análise. A maioria deles baseados em dados oficiais das agências e institutos do audiovisual dos países membros, como a *Ancine- Agencia Nacional do Cinema*¹⁶¹ do Brasil e o *Incaa- Instituto Nacional de Cine y Artes Audiovisuales*¹⁶² da Argentina.

¹⁶⁰ Disponível em: http://www.recam.org/_files/documents/aprox_al_mercado_cinemat_del_mercosur.pdf

¹⁶¹ www.ancine.gov.br/

¹⁶² www.incaa.gov.ar/

No que tange a produção audiovisual no âmbito do Mercosul, além dos festivais de incidência anual que perpassam o continente sul-americano, tem crescido significativamente o número de coproduções regionais. Organizações, cada qual a sua maneira que promovem regionalmente a produção cinematográfica e audiovisual dos países latino-americanos. Com destaque ao sucesso das produções cinematográficas argentinas, que já fazem parte do circuito comercial brasileiro nos últimos anos. Despontam a frente dos outros países.

O Mercosul conta com um programa específico destinado a produção e difusão audiovisual o *Mercosur Audiovisual: Integrando Miradas*. Cujo objetivo primordial é o de promover o sentimento pertencimento cidadão no Mercosul, através da ampliação do acesso dos conteúdos culturais e audiovisuais promovidos no interior do bloco. O Mercosul Audiovisual tem parceria com o órgão equivalente na União Europeia e juntos já financiaram duas edições de oficinas (2011 e 2012), a deste ano realizada em Florianópolis, foi intitulada “A criação transmídia – produção audiovisual no conceito transmídia”. Estas oficinas se desenvolveram integradas ao festival de cinema 16º Florianópolis Audiovisual Mercosul (FAM)¹⁶³. Outra importante iniciativa em prol da difusão das produções audiovisuais do bloco.

O FAM, assim como grande parcela do setor audiovisual sul-americano, conta com incentivos mistos de natureza Estatal, como Ministérios da Cultura e Governos, mas também com patrocínios de grandes empresas privadas, algumas transnacionais. Em reflexo a tais características, a mescla de apoio estatal com fomento privado, que categorizamos a seguir como iniciativas mistas.

O setor audiovisual dentro do segmento das artes, e da própria produção cultural, esta a frente na questão abrangência de público e número de financiadores. Dado o perfil do público que consumira tais produções, dada a capacidade de distribuição, considerando ainda o número de festivais em todo o mundo que podem acolher e exibi-los, o cinema é sem dúvida o que mais recebe reconhecimento e investimento, seja fomento estatal ou privado.

3.1.2 - UNILA

- A UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

¹⁶³ <http://www.audiovisualmercosul.com.br/>

Na prática uma das iniciativas de maior vulto do governo brasileiro¹⁶⁴ em prol do fomento a integração educacional e cultural foi, sem dúvida, a criação da UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana¹⁶⁵, na cidade de Foz do Iguaçu, Na Tríplice Fronteira, entre Argentina, Brasil e Paraguai. Como especificada em sua fundação, tem como missão contribuir para a integração latino-americana por meio do conhecimento compartilhado e da cooperação solidária. Iniciativas como a UNILA tendem, a curto e longo prazo, desenvolver vínculos educacionais, de pesquisa e produção científica de conhecimento, duradouros, eficientes e benéficos a todo âmbito social, político, cultural e econômico das nações sul-americanas. E acima de tudo, a mobilidade de estudantes, professores e pesquisadores dilata os laços transnacionais, consolidando conexões e criando redes de saber não só regionais, mas universais.

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana é um projeto único marcado pela preocupação com a multiculturalidade, bilinguismo e interdisciplinaridade tanto no ensino, como na pesquisa e no relacionamento com o entorno social, na região Trinacional¹⁶⁶.

Luciane Stallivieri coloca e concordamos com o argumento que, para integração plena das economias e entendimento das diferentes culturas, são fundamentais os avanços dos sistemas de comunicação e a criação das redes de informação, o que têm fortalecido e ampliado o espaço preenchido pela universalização do conhecimento, que adquire, a cada dia, mais força no lócus das universidades e das instituições de ensino superior¹⁶⁷.

Estas redes de saber, como no exemplo prático e valoroso da UNILA, aproximam as comunidades científicas dos países do bloco, reforçando a premissa de que é no seio da universidade que devem ser germinados e explorados os grandes avanços científicos e tecnológicos, capazes de efetivar uma verdadeira integração do saber e a dimensão internacional que o conhecimento deve ter. As atividades e produções acadêmicas devem ser protagonistas da cooperação internacional e promotoras do processo de integração regional.

¹⁶⁴ A política externa brasileira delineada durante os oito anos do governo Lula, deixou clara a opção pela Diplomacia Sul-Sul, aproximando o Brasil dos vizinhos sul-americanos, criando laços de reciprocidade e cooperação mais afinados e lançando mão da ideologia integracionista, e desta maneira buscando minimizar as assimetrias, principalmente econômicas, entre os vizinhos. O Itamaraty esboça a continuidade desta diretriz durante o governo Dilma Rouseff.

¹⁶⁵ Aprovada pelo Congresso Nacional através da Lei 12.189 sancionada pelo então presidente Luis Inácio Lula da Silva em janeiro de 2010.

¹⁶⁶ Informações disponíveis em <http://www.unila.edu.br/?q=node/783>

¹⁶⁷ Luciane Stallivieri, A RELAÇÃO CULTURAL COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO, Universidade de Caxias do Sul.

Unila será estruturada com uma organização administrativa inovadora e com uma concepção acadêmico-científica aberta aos avanços científicos, humanísticos e culturais atuais e futuros. Comprometida com o destino das sociedades latino-americanas, cujas raízes estão referenciadas na herança da Reforma de Córdoba (1918), está voltada para o futuro visando contribuir, por meio do papel estratégico do conhecimento compartilhado na construção de sociedades sustentáveis no século XXI, fundadas na identidade latino-americana em sua diversidade cultural e orientação para o desenvolvimento, com justiça social e sustentabilidade socioambiental¹⁶⁸.

A UNILA se configura, acima de tudo, como um projeto ousado e inovador, dado o desafio de pensá-la como uma universidade sem fronteiras. Numa soma de experiências, associou-se as 22 instituições públicas da Associação de Universidades do Grupo de Montevideu (AUGM), e sua vocação latino-americana se completa na interação com as universidades públicas distribuídas no continente. A Rede do Mercosul da UNILA: formada em associação com Associação Universitária do Grupo de Montevideu era originalmente constituída por um pequeno número de instituições dos países do Mercosul: 10 universidades. Progressivamente foi expandindo-se a rede que conta atualmente com 8 universidades argentinas, 9 brasileiras, 2 paraguaias, 1 uruguaia, 1 chilena e 1 boliviana. Constituído um claro modelo de rede de saber, onde universidades encontram-se articuladas e em constante comunicação.

O princípio organizador dessa rede se estruturou através de Grupos Acadêmicos, mobilidade de docentes e estudantes e jornadas de investigação científica. A escolha da rede como prioridade busca valorizar esta rede já consolidada, oferecendo mais um instrumento para a sua consolidação acadêmica. A Unila, através de seu projeto internacional da Biblioteca Latinitas (Biunila) de referência latino-americana e do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (Imea), visa colocar à disposição da rede um acervo, com um centro de documentação e informação sobre a América Latina, apoiada nos mais modernos meios de multimídia, para uma efetiva circulação de livros, e-books, documentos e informações disponíveis no seu acervo, bem como os acervos das diferentes universidades conectados em rede¹⁶⁹.

Assinalamos a vocação regional da UNILA, e principalmente o fato de organizarem-se em torno de uma perspectiva universal de forma a abrir espaços intelectuais de reflexão integrada entre o local, o regional e o universal, evitando-se os reducionismos que não contribuem para uma perspectiva planetária de mudanças e inovações. Desta maneira,

¹⁶⁸ O livro [A UNILA em construção: um projeto universitário para a América Latina](#) apresenta, sob a forma de registro histórico, o relato das principais etapas de elaboração do desenho acadêmico e institucional. Editado pelo Instituto Mercosul de Estudos Avançados – Foz do Iguaçu: IMEA, 2009. Citação da pg: 07.

¹⁶⁹ A UNILA em Construção: um projeto universitário para a América Latina, 2009, pg:37.

constituiu-se o grande desafio da UNILA o de construir uma universidade que responda simultaneamente à sua vocação nacional e latino-americana no marco dos compromissos do novo milênio. Hoje, a Universidade da integração latino-americana interage com outros interlocutores que acompanham no Brasil e no exterior o desenvolvimento das sucessivas fases do projeto. Acreditamos que o maior legado que esta universidade e seus interlocutores podem deixar ao processo de integração sul-americano, é sem dúvidas, o reconhecimento mútuo das diferenças, das culturas, atuando como um “nó” na rede universitária da região. Servindo tanto de modelo inspirador como propulsor no engajamento de outras instituições de similar proposta acadêmicas. O destaque ao campo cultural é uma das preocupações das diretrizes do projeto pedagógico da universidade latino americana.

O diálogo intercultural está sendo pensado para ser estabelecido como um dos pontos nevrálgicos do projeto pedagógico. Haverá de considerar que a busca da integração passa necessariamente pelo reconhecimento das diferenças entre as diversas culturas da América Latina. Aprofundar o conhecimento das diferenças certamente favorecerá a identificação das convergências que são importantes para a construção conjunta de novos horizontes. A Comissão entende que a análise da especificidade de cada cultura ou subcultura precisa estar presente no currículo da Unila e que sua explicitação e valorização constituir-se-ão os pilares éticos mais significativos¹⁷⁰.

Assim, a UNILA, considerada como uma incipiente rede de saber vem desenvolvendo seu papel enquanto agente integrador no campo educacional. Embora ainda restrita a promoção de cursos de graduação, tem grande potencial em despontar como modelo de centro universitário do Mercosul.

Seu campus acadêmico ainda em construção, esta localizado em terreno cedido pela hidrelétrica ITAIPU binacional, conta com projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, e terá extensão de mais de 80mil metros quadrados. Até a conclusão do complexo da UNILA a universidade opera de forma descentralizada, ocupando parte do Complexo Tecnológico de Itaipu e outros prédios locados onde funcionavam anteriormente universidades particulares.

3.1.3 – A REDE MERCOCIDADES

¹⁷⁰ Idem, pg: 17.

Considerando a premissa de que a integração regional não é apenas uma questão de política externa dos países que integram o bloco econômico e sim que envolve as cidades, a iniciativa privada, as organizações não governamentais e a própria sociedade civil, outros atores obrigatoriamente devem ser considerados. No caso que trataremos aqui, as cidades, representantes da ação internacional dos governos locais, organizadas através do exemplo institucional da Rede Mercocidades, se propõem a ser um ativo participante, do debate e promotor de ações em prol da integração regional do Mercosul.

Fundada em 1995 em Assunção (Paraguai), a Rede Mercocidades constitui-se uma entidade de natureza jurídica sem fins lucrativos, regida por um Estatuto Social, que a define como instrumento de cooperação horizontal, com base no propósito de construir um Mercosul mais solidário, fortalecendo o papel das cidades no contexto da integração regional¹⁷¹. É uma rede de cooperação horizontal¹⁷² pois pressupõe uma divisão de responsabilidades seguindo a articulação entre seus membros, se opondo a uma organização vertical e hierarquizada.

Em seu estatuto, a Rede organiza uma espécie de “mapa da rede” onde estão claramente definidos os direitos, deveres e responsabilidade das cidades membros. O Estatuto Mercocidades se constitui para cumprir os seguintes fins e objetivos preestabelecidos em sua fundação:

Favorecer a participação das cidades na estrutura do Mercosul; Impulsionar a criação de redes de cidades através de unidades técnicas operativas que desenvolvam diversas ações, programas e projetos de interesse comum intermunicipal, adequados ao processo de integração; Criar mecanismo de comunicação em redes, entre as cidades, a fim de facilitar o intercâmbio de experiências e informações, bem como ao acesso dos cidadãos aos centros municipais de investigação, desenvolvimento tecnológico e cultural¹⁷³.

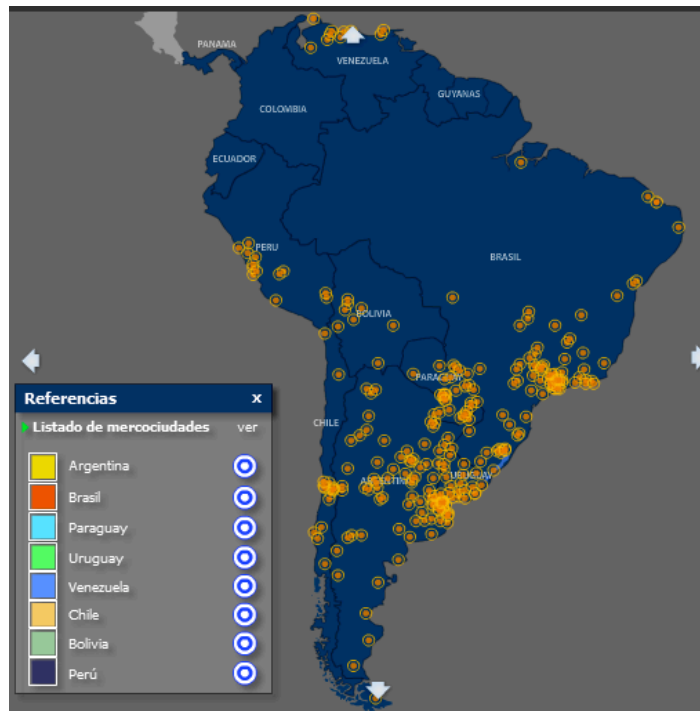
A Rede Mercocidades é integrada por 261 cidades dos países que integram o Mercosul, somadas a cidades dos países vizinhos: Bolívia, Chile e Peru. Em convergência as cidades membros desta rede almejam possibilitar a participação do poder público municipal nas discussões de políticas e projetos de integração regional, formando uma importante trama de articulação política e social. O que na prática prevê uma maior aproximação dos governos locais, dos órgãos decisórios do Mercosul, auxiliando na democratização do bloco. Esta forma de organização dá um fôlego extra as questões locais, que não teria a mesma força e visibilidade caso isoladas.

¹⁷¹ Art. 1º do Estatuto Mercocidades. Disponível em <http://www.mercociudades.org/node/2273>.

¹⁷² CARDARELLO e RODRIGUEZ, 2006, pg: 44.

¹⁷³ Art. 2º do Estatuto Mercocidades.

Figura 3:
Mapa Mercocidades¹⁷⁴



Com um organizado e atualizado “*Portal de las Ciudades*”, a Rede Mercocidades, mantém sua página na internet: <http://www.mercociudades.org>. Neste que é o website oficial da Rede são facilmente encontrados mapas como o ilustrado acima, lista de todas as cidades membros, estatutos, documentos oficiais, eventos, assim como atividades correlacionadas e apoiadas pela iniciativa. Basicamente todas informações e argumentos desenvolvidos neste tópico de análise tiveram como referencia e fonte de pesquisa as informações e documentos encontrados neste sítio eletrônico.

Mercociudades continuará trabajando en promover a las ciudades como protagonistas en la discusión regional, presentes en el desarrollo de las políticas públicas y promotoras del desarrollo equitativo. Ciudades con inclusión y protagonismo que apunten a construir ciudadanía, siendo éstas lugares privilegiados de encuentros, espacios ideales para el ejercicio de la democracia de proximidad y ámbitos inmediatos para el acceso de la comunidad al espacio público¹⁷⁵.

¹⁷⁴ Fonte: <http://www.mercociudades.org/node/2296>

¹⁷⁵ Declaração de Morón, XII Cúpula da Rede Mercocidades, 2006. Disponível em: <http://www.mercociudades.org/sites/portal.mercociudades.net/files/archivos/documentos/DeclaracionesCumbres/2006declaracionmoron.pdf>

Como já argumentamos anteriormente, a compreensão do processo de integração não visto apenas com o foco comercial, ou mera união aduaneira e sim com a metodologia da cooperação, onde cada um dos países membros objetivam a construção de uma integração produtiva, social, política e cultural. Da mesma forma, a união das cidades, num deslocamento de sua participação local para a global, propõe-se da mesma forma estabelecer uma evolução participativa dos processos e instrumentos para lograr este desenvolvimento integrado e cooperativo de suas populações. Podemos considerar a Rede Mercocidades como um bom exemplo de “glocalização”, onde a dimensão local adquire proporções globais. Na linha do que Castells (1999) propõe como “nós de rede”, estariam o protagonismo do local, aqui representado pelas cidades, como importantes pontos na engrenagem da rede global integrando-a ao local de forma dinâmica e constante.

Em convergência a esta dinâmica expansiva do local para a importância estratégica do global, numa forma de reprodução da máxima “pensar globalmente, agir localmente”, a Rede Mercocidades foi institucionalizada visando contribuir para que o Mercosul constitua-se um espaço democrático e de trânsito comum de sua sociedade, cultura e economia, fortalecendo a participação das cidades que a compõe no contexto regional do bloco. Este tipo de envolvimento por fim logra uma participação internacional, ou seja, o nível local (cidades), articuladas aos governos locais (estaduais e nacionais), estabelecem um diálogo constante com o internacional. Usando a rede para defendendo os interesses de seus grupos organizados e populações locais, buscando reduzir as assimetrias sociais de seus membros, contribuindo ativamente para uma espécie de democratização tanto do bloco no qual estão inseridas, no caso o Mercosul, como das relações internacionais.

A Rede Mercocidades acentua e pontua as necessidades dos governos locais junto das esferas decisórias do Mercosul como uma interlocutora, buscando a abertura de canais com base em sua ação territorial, o implica dizer que o retorno dos benefícios auferidos deve estar ao alcance de todas as suas cidades membros, tornando a comunicação e a compreensão de diferentes parceiros um elemento imprescindível para o seu avanço. A vinculação direta dos governos locais ao Mercosul, através da Rede Mercocidades é igualmente importante para coesão social que pretende a formação de uma cidadania mercosulina, pelo fato de que hoje os governos locais são responsáveis pela planificação das ações que refletem a aceleração causada pelos efeitos da globalização, que tanto inclui como exclui territórios em ações concretas de desenvolvimento¹⁷⁶.

¹⁷⁶ GAMBINI, Priscila. Rede Mercocidades: Paradiplomacia de cidades Mercosul. Disponível em: <http://www.cedin.com.br/revistaeletronica/artigos/Patricia%20RI.pdf>.

Esta forma organizacional proposta pela Rede Mercocidades representa uma evolução da participação dos governos locais (subnacionais), na elaboração de políticas públicas e projetos de cooperação no plano político, materializando o que pode ser chamado de sistema de cooperação descentralizado, atrelando as definições locais as necessidades e tendências globais. Este arranjo do qual se constituem as redes, como formas de cooperação descentralizadas, são bem definidas como instrumentos singulares de fomento a participação das atividades políticas regionais e internacionais.

A Mercocidades é estruturada basicamente em duas Secretarias, uma Executiva e outra Técnica. A primeira, a Secretaria Executiva trabalha de maneira conjunta com as demais instancias da rede, convocando e presidindo especificamente as reuniões de trabalho do Conselho (órgão composto por duas cidades de cada país membro do Mercosul, por uma cidade de cada país associado e pela Comissão Diretiva). A secretaria desempenha em cada período atividades em torno do plano de trabalho aprovado na Cúpula anual da Rede. O mandato da Secretaria Executiva é de um ano e inicia a partir da data em que se realiza a Assembleia Geral da Rede, atualmente esta a cargo de Montevideu (2011/2012)¹⁷⁷. A segunda, e não menos importante, a Secretaria Técnica Permanente (STPM), tem sede em Montevideu e é um organismo assessor da Secretaria Executiva. Criada da necessidade de desenvolver

Na forma de eixos de análise a Rede Mercocidades é dividida em 14 unidades temáticas que surgiram da resposta à necessidade de dar ênfase a determinados aspectos importantes dentro da Rede e das cidades. Inicialmente respeitando a subdivisão em quatro áreas, o que logo, mostrou insuficiente dada a quantidade de demandas relevantes. Hoje, segmentadas em torno de 15 subáreas, as Unidades Temáticas contemplam grupos de trabalho, compostas por instancias semi-independentes que são responsáveis pelo aprofundamento no debate e análise das divisões pré-estabelecidas. A Rede Mercocidades é composta pelos seguintes eixos, em forma de Unidades Temáticas: 1) Ambiente e Desenvolvimento Sustentável; 2) Autonomia, Gestão e Financiamento Municipal; 3) Ciência, Tecnologia e Capacitação; 4) Cooperação Internacional; 5) Cultura; 6) Esportes; 7) Desenvolvimento Econômico Local; 8) Desenvolvimento Social; 9) Desenvolvimento Urbano; 10) Educação; 11) Gênero e Município; 12) Juventude; 13) Planificação Estratégica; 14) Segurança Cidadã e, por fim, 15) Turismo.

¹⁷⁷ Fonte Secretaria Executiva Rede Mercocidades: <http://www.mercociudades.org/node/2249>.

Em recente documento, divulgado amplamente inclusive nas redes sociais¹⁷⁸, na ocasião do 39º Conselho de Mercocidades destacou importantes atividades a serem realizadas no segundo semestre de 2012¹⁷⁹. Dentre elas, os preparativos para o Fórum Ibero-americano de Cultura, que acontecerá simultaneamente à 17ª Cúpula das Mercocidades, a se realizar na cidade argentina de Quilmes, que automaticamente assumirá a Secretaria Executiva da Rede, em novembro deste mesmo ano. Este significativo encontro regional contará com a ativa participação de atores do Mercosul, sob a égide de “*Hacia una cultura de integración regional*”, onde participarão mais de 260 governos locais da região, autoridades nacionais, organizações da sociedade civil, representantes acadêmicos e membros institucionais do próprio Mercosul. Foram levantados os acordos e convênios firmados até então, assim como a comunicação de um projeto de criação de um Observatório de transferência de Tecnologia e Inovação Regional, em parceria com a Associação de Universidades de Montevideu e a prorrogação do prazo para a realização do Festival Itinerante de Direitos Humanos em convenio com o Instituto de Direitos Humanos do Mercosul. Destaca-se ainda a formalização por parte do conselho de uma declaração de solidariedade ao povo paraguaio frente à deposição do presidente Fernando Lugo, numa clara demonstração das preocupações políticas regionais da rede.

Em suma, a importância da iniciativa da Rede Mercocidades em desenvolver de maneira cooperativa diretrizes e ações locais de impacto regional, interligando as cidades do bloco, é de grande valia. A medida em que vão se formalizando acordos, desenhando projetos e atividades conjuntas em prol da integração concede a esta organização um papel de destaque dentre as iniciativas estudadas. Outro fator interessante é a articulação internacional da Rede Mercocidades com outras redes de igual natureza institucional, consolidando parcerias municipais através de convênios e acordos. Dentre elas, a *Rede Andina de Ciudades*, a *Eurocities* e a *Unión de Ciudades Capitales Iberoamericanas*.

O ponto negativo sem dúvida está na insegurança jurídica decorrente da ausência de reconhecimento institucional pelo Mercosul, respondendo ao Comitê de Municípios, que por sua vez tem o reconhecimento devido junto ao bloco. Desta maneira, a incorporação oficial da rede aos mecanismos de ordem jurídica institucional do Mercosul se configura como elemento fundamental ao pleno reconhecimento desta iniciativa como importante e sólido ator

¹⁷⁸ A Rede Mercocidades está presente na rede social Facebook <https://www.facebook.com/Mercociudades>, e com uma periodicidade praticamente semanal divulga informações e novidades acerca da própria rede, suas atividades, iniciativas, documentos, assim como indica links de projetos correlacionados. Conta hoje com o número aproximado de 1000 seguidores.

¹⁷⁹ <http://www.mercociudades.org/pt-br/bode/3521>

dentro do fortalecimento político do bloco que esta, dia a dia, ajudando a consolidar. Institucionalidade não significa que obrigatoriamente deva pertencer ao nível executivo dos estados, no entanto, neste caso específico, o não reconhecimento da Rede pelas instancias jurídicas do bloco não deixa de representar uma fragilidade.

3.2 – AS REDES DE CULTURA: MODELOS DE ARTICULAÇÃO INDEPENDENTE

Terminó felizmente la era del yo. Estamos en la era del nosotros, de la cooperación, de la red. Y la red es suma, es conocimiento, es gestión de la complejidad, es una nueva mentalidad, es talento organizativo, cooperación. La red es futuro¹⁸⁰.

Esta segunda categoria, Redes Independentes – tem como intuito mostrar a prática, ações voltadas à cultura e ao processo de integração cultural da América do Sul que vão além das cúpulas de Estados, apresentando os principais atores e articuladores membros da sociedade civil, que se geram e se mantêm de maneira independente aos fomentos e incentivos dados pelos Ministérios da Cultura e secretaria equivalentes em seus países.

As atividades culturais mais importantes e com maior regularidade no Mercosul, têm resultado, principalmente, de iniciativas de novos atores internacionais como artistas, intelectuais, professores e pesquisadores universitários, alguns empresários e ONGs. Elas têm dado origem a inúmeras redes de pesquisadores, artistas, esportistas; delas, também, têm resultado a realização de exposições, à criação de programas de cooperação, de mobilidade de docentes e de alunos em universidades da região. Em grande parte, tais iniciativas tem tido sua origem em relações pessoais e, raramente, de políticas culturais externas dos países¹⁸¹.

Atreladas a formas de articulação alternativas e independentes, estarão as iniciativas em forma de redes que apresentaremos aqui, centradas na conectividade e auto-organização. E que na prática ascendem ao processo de integração cultural, incorporando-se a tarefa que não é só de responsabilidade governamental, mas um encargo de todos que vislumbram um continente mais integrado, produtivo e participativo nas questões relativas a políticas culturais e sociais.

Estas redes de cultura promovem, sobretudo, o intercâmbio. Servem de ponto de encontro da diversidade, aproximando diferentes realidades, democratizando o conhecimento adquirido e estimulando o desenvolvimento de habilidades. Em síntese são articuladoras, promotoras de diferentes cruzamentos entre poder, informação e cultura. Além do compartilhamento de preferências e ideais comuns, outro pressuposto básico das redes é a voluntariedade de seus membros, assim como a horizontalidade de suas estruturas, opondo-se de sobremaneira a organizações hierarquizadas e excludentes. A verticalidade, por vez, é característica de estruturas organizacionais onde o poder, a autoridade é centralizada, definida

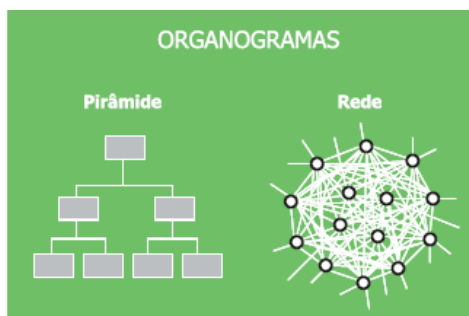
¹⁸⁰ Epígrafe encontrada na página de uma das iniciativas que trataremos à análise, a *Cultura Senda*, disponível em <http://www.culturasenda.com>.

¹⁸¹ SOARES, 2008.

e imposta de cima para baixo. Ilustrada na figura a seguir essa diferença substancial de um tipo de organização vertical e outra horizontal, o que caracteriza basicamente estas iniciativas em forma de redes.

Figura 04

Organograma Estruturas Verticais e Horizontais



Duas formas organizacionais em sua representação básica:
a hierarquia (vertical) e a rede (horizontal)¹⁸²

A pesquisa concentra o seu interesse não em algum aspecto ou manifestação específica da cultura, mas na cultura concebida amplamente. Assim, procuramos as redes que tratam não só a cultura como fator central, mas que tem a preocupação com o processo de integração na sua gênese. Como tendência histórica, as atividades e os processos organizacionais dominantes no mundo globalizado cada vez mais descentralizados e adornados em torno de redes. Estas redes têm a capacidade de articular grupos de interesse em comum, assim como gerir novas formas de intercâmbio, seja este de negócios, de conhecimento, de cultura, ou até mesmo um mix de todos estes. Constituem uma nova morfologia social, compreendem indivíduos, grupos, organizações, local, regional e internacionalmente. A difusão da lógica destas redes modifica de forma substancial a ampliação e percepção dos processos produtivos do conhecimento, da cultura e do poder.

As redes aglutinam ao mesmo tempo em que expandem, são constituídas por estruturas horizontais, abertas, capazes de ampliarem-se de forma ilimitada, integrando nós, pontos em diferentes locais e intensidades, compartilhando e disseminando os mesmos códigos de comunicação, valores comuns e experiências. Esta amplitude de facetas tem como consequência direta a geração de conceitos dispersos, facilmente inseridos discursivamente

¹⁸² Fonte WWF, 2006.

nas mais variadas concepções, correndo o grande risco de tornar-se mais uma palavra abrangente, vaga e até mesmo dispersa. Para isso, assentar o conceito de rede que iremos trabalhar se converge em um dos principais objetivos deste tópico de análise. Afinal, o que são redes?

A figura da rede é a imagem mais usada para designar ou qualificar sistemas, estruturas ou desenhos organizacionais caracterizados por uma grande quantidade de elementos (pessoas, pontos-de-venda, entidades, equipamentos etc.) dispersos espacialmente e que mantêm alguma ligação entre si. É uma metáfora comum à nossa época, que ainda pouco compreende a natureza do fenômeno da Internet e de seus efeitos e, portanto, tende a atribuir a toda situação de “interligação” características presentes na rede de computadores. Se antes, na sociedade industrial, os processos de trabalho eram bem representados pela metáfora da máquina (ou do mecanismo), agora o desenho da rede passa a ocupar lugar preponderante no imaginário da sociedade pós-industrial. Mas nem tudo o que apresenta estes três aspectos – quantidade, dispersão geográfica e interligação – é rede¹⁸³.

Muitos são os efeitos gerados por esta nova dinâmica social. Na economia, gira a roda de muitos negócios, se encaixando perfeitamente na lógica do capitalismo contemporâneo, tornando-se um instrumento apropriado ao sistema de inovação, empreendedorismo e economia descentralizada típicos do modelo proposto pela globalização financeira. No âmbito sociocultural, promove o intercâmbio de experiências e conhecimentos, desconstrói estereótipos, aproxima artistas, produtores, agentes culturais, quebra as barreiras impostas pelas distâncias geográficas. Para o mercado de trabalho, fomenta inovações, criações de novos processos, instantaneidade, flexibilidade, suplantação do espaço e dinamização do tempo.

Nesta nova dinâmica de aglutinação de conteúdo foram identificadas algumas características em comum, tais como: 1) a informação como matéria prima fundamental; 2) os efeitos das novas tecnologias são sentidos na forma como se organizam e processam a informação; 3) a lógica de redes é adaptada à crescente complexidade das interações e a modos imprevisíveis de desenvolvimento; 4) a flexibilidade, entendida como a capacidade de reconfiguração e adaptação constante.

Em consideração aos pressupostos acima citados, serão analisadas algumas iniciativas em forma de redes, que fomentam a troca e o fortalecimento dos vínculos regionais. Neste tópico que se destina à observação pontual das Redes de Cultura, entendidas em sua grande maioria como, modelos de articulação independente, onde atores não governamentais são os seus reais promotores e com o amadurecimento de suas ações podem

¹⁸³ Idem.

ser considerados elementos vivos que dão corpo a um espaço cultural articulado dentro do Mercosul.

Imersos nesta lógica os diálogos, aproximações e cooperações entre os cidadãos sul-americanos têm sido potencializados pelas facilidades promovidas pela comunicação via internet. Por esses meios foi possível superar a insuficiência de infraestrutura de comunicação direta entre os países. Nesse ambiente, a relativa barreira da língua vem sendo mitigada pelo interesse mútuo e pelo fato da materialidade do diálogo através da web ser dotado de uma fluidez sem precedentes, diretamente favorecido dada grande quantidade de imagens, o que torna muitas vezes a comunicação uma compreensão visual.

Identificando as iniciativas que se organizam ambientalizadas essencialmente na web e buscando entender de que forma contribuem ao processo de integração em curso na América do Sul, estão as Redes de Cultura, que formam núcleos que se inter-relacionam, constituindo pólos de disseminação cultural, dando vazão ao poderio cultural do continente, reduzindo estereótipos, encurtando as distâncias físicas, aproximando os povos, compartilhando experiências, superando o desconhecimento histórico entre os países vizinhos, ao mesmo tempo em que preserva e re-valoriza as identidades regionais.

As redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós, desde que consigam comunicar-se dentro da estrutura. Ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetos de desempenho).

Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e a adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise a suplantação do espaço e a invalidação do tempo¹⁸⁴.

Partindo deste conceito, entendemos Redes de Cultura as redes de intercâmbio e cooperação em cultura focalizando nas manifestações no âmbito sul-americano. Organizações de produção cultural, tecidas e organizadas horizontalmente em forma de redes, ou grupos, em torno de iniciativas que se articulam por meios das novas tecnologias e das novas mídias, produzindo conteúdo, promovendo ações e difundindo seus trabalhos através da internet.

¹⁸⁴ CASTELLS, 1999 pg: 497.

Células orgânicas que centralizam interesses convergentes, desejos de pessoas ou grupos que trabalham de forma geralmente descentralizada, e que aglutinam conhecimentos específicos, fomentam a troca de experiências, aproximando profissionais, artistas, produtores culturais. Divulgando a arte e a cultura de grupos que se localizam fisicamente em diferentes territórios, mas que através desta constituição virtual, logram da possibilidade ampla de troca de informações e experiências.

3.2.1 – REDE CULTURAL MERCOSUL

A *Rede Cultural Mercosul (RCM)*¹⁸⁵ iniciou suas atividades no ano de 1998, como uma associação civil sem fins lucrativos. Integrada por artistas, produtores e gestores culturais reunidos pela convicção de que o trabalho em rede constitui um conceito de gestão cultural que implica em compartilhar informação e capitalizar experiências. Seu objetivo é dinamizar a interação geográfica e cultural da América do Sul. Entendendo a criação artística e a realização de projetos socioculturais como um fator fundamental de integração da região Criada com a missão de divulgar informações sobre ações conjuntas desenvolvidas pelos países do bloco na área cultural.

O objetivo central desta organização é a difusão e dinamização da interação geográfica e cultural da região, compreendendo a criação artística e a realização de projetos culturais como o principal fator da integração do território sul americano, composto por 15 mil km² e com uma população aproximada de 283 milhões de habitantes. Atualmente a Rede Cultural Mercosul conta com mais de 400 membros ativos, dentre estes membros individuais ou institucionais, da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai, Uruguai e Venezuela.

A Rede Cultural Mercosul articula e facilita a circulação regional de produtos e serviços artísticos, como a coprodução de eventos e espetáculos, a formação e especialização artística, a profissionalização de gestão cultural e realização de projetos artísticos. Da mesma maneira que estimula e fomenta a formação de quadros profissionais na área artística, desenvolve atividades que tem como finalidade a ampliação do público consumidor de arte e cultura. Reforçando a construção de uma cidadania democrática, onde a inserção social seja atrelada a inserção cultural.

Assim como outras iniciativas estudadas aqui, tem sua atuação essencialmente baseada na comunicação via internet. Usando o site da rede para a disseminação dos valores acima elencados. A Rede Cultural Mercosul trabalha com o conceito de “corredores geográfico-culturais” que segundo eles:

(...) son la herramienta elegida para crear circuitos alternativos de circulación de bienes culturales que favorecen la constitución de una geografía cultural regional más amplia que aquella que se constituye en el marco de los Estados-Nación. Los corredores geográficos presentan la producción de artistas provenientes de los distintos países de la región en varias ciudades. Se proyecta la existencia de tres tipos de corredores: Nacionales (en ciudades que se encuentran dentro de las fronteras de cada país), Bilaterales (ciudades de dos países de la región) y Multilaterales (en ciudades capitales o de equivalente envergadura de todos los países de la región)¹⁸⁶.

¹⁸⁵ ANEXO 03. Também disponível em: www.redculturalmercosur.org.

¹⁸⁶ “La RCM en 10 puntos”

Tem como projeto a ser desenvolvido a criação de “Centro Virtual de Informação Cultural do Mercosul”, com o desenvolvimento de uma base de dados dinâmica e de acesso livre, nos idiomas português e espanhol. Com conteúdos culturais produzidos nas instituições participantes da Rede.

A partir do ano de 2011 a Rede Cultural Mercosul ganhou reconhecimento da UNESCO, passando a integrar o grupo de “Redes” no segmento “Comunidades Especializadas em Cultura” da referida organização multilateral. De acordo com a declaração constante na página da própria UNESCO: As razões para que se estabeleçam acordos de cooperação variam, mas, normalmente, refletem alguns resultados padrão e universais: trabalho em rede; intercâmbio mútuo de lições aprendidas; complementaridade; maior valor agregado; maior legitimidade social; maior visibilidade¹⁸⁷.

Dentre as recentes atividades realizadas esta a participação no 2º Encontro Cultura de Rede, realizado em Brasília em julho de 2012 pela Cultura de Rede. Sob a égide da cooperação cultural na Ibero América, representantes das principais redes de cultura se reuniram na capital brasileira de forma a elaborar estratégias conjuntas e estabelecimento de parcerias. Dada a importância que este encontro representa no contexto de interlocução entre as redes sul-americanas, esta será a próxima iniciativa a ser apresentada.

A Rede Cultural Mercosul não tem nenhuma relação com organizações de ordem estatal, se constituindo uma iniciativa de ordem independente, nascida do esforço de um grupo de artistas e produtores, visando basicamente a promoção do intercâmbio de serviços culturais, bem como de seus membros. De grande valia é a concepção e fomento prático aos chamados corredores culturais. A RCM não faz parte do Mercosul Cultural e deste não recebeu até o momento nenhuma espécie de reconhecimento ou incentivo de ordem financeira.

3.2.2 – CULTURA DE REDE

A “*Cultura de Red: Gestión de Redes y Cooperación Cultural em Ibertoamérica*” é também uma iniciativa que trabalha em prol do aprofundamento da colaboração cultural

¹⁸⁷ <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/networks/>

regional. Articulando diversas redes, coletivos e organizações que juntas vem trabalhando em projetos de formação, intercambio e difusão de experiências em rede. De forma articulada, esta iniciativa se propõe a consolidar um espaço de articulação, difusão, reflexão e formação entre os que estão interessados em promover processos de rede e colaboração cultural na América Latina, convocando para isto, projetos, organizações públicas e privadas e redes de diversas escalas.

A plataforma de ação parte da articulação em rede, tendo a internet como fator de articulação. Na página da Cultura de Rede: <http://culturadered.com>, podem ser acessados documentos processados a partir dos dois Encontros da rede realizados até agora, a agenda de atividades, dentre outros. Explícito em suas diretrizes, esta o reconhecimento de que a pesar de todo o trabalho coletivo, ainda são poucas as oportunidades de encontro presencial que possibilitem a troca direta entre os responsáveis por estas iniciativas que articulem esforços, recursos e apontem prioridades.

Embora conscientes destas dificuldades de articulação e principalmente, realização de encontros presenciais, a soma de esforços do grupo consagrou dois encontros internacionais:

- O primeiro, realizado em 2011, intitulado “*1º Encuentro Cultura de Red - Dinámicas, innovación y acción para la cooperación regional*”, teve como sede Quito, a capital do Equador. Estiveram presentes 18 organizações e redes equatorianas e internacionais. Deste inaugural encontro, o principal fruto foi o manifesto chamado: Carta de Quito¹⁸⁸, documento no qual estão presentes uma espécie de balanço do contextos das redes hoje, as diretrizes que se baseiam as ações realizadas até então e por fim, as linhas de ação, como fatores norteadores dos processos a partir de então;

- E o segundo, realizado em Brasília em 2012, denominado “*2º Encuentro Internacional Cultura de Red: Gestión de redes y cooperación cultural en Iberoamérica*” se propôs a consolidar o espaço de articulação, difusão, reflexão e formação entre os interessados em promover processos de rede e colaboração cultural na América Latina. Organizado em cinco eixos de debate, sendo eles: 1) Dinâmica Glocal: Na busca da compreensão das novas oportunidades e vínculos existentes entre o local e o global, para desta maneira desenhar mecanismos de integração que deem respostas as necessidades do setor cultural; 2) Novos modelos de incidência: Voltado ao debate das políticas culturais, valorizando o trabalho das redes e projetos culturais ibero americanos que desenvolvam

¹⁸⁸ Anexo 03.

inovação em matéria de políticas e fortalecimento de participação; 3) Economia criativa e sustentabilidade para redes e projetos culturais: Analisando novas estratégias e modos de financiamento colaborativo, do tipo *crowdfunding*¹⁸⁹, economia solidaria, moedas alternativas, dentre outros; 4) Gestão de Redes: No sentido de compartilhar conhecimento de inovação – como métodos de trabalho, articulação e comunicação – de forma a fortalecer o trabalho em rede; e 4) Agenda regional: Por uma maior associatividade¹⁹⁰, com intuito de identificar coincidências, complementaridades e desafios comuns para o desenvolvimento de iniciativas conjuntas, articulando recursos, conhecimentos e capacidades.

O sucesso e adesão a estes dois encontros internacionais somente foram possíveis dado o empenho de gestores, aliados e entusiastas das redes que formam o grupo. Uma enérgica participação voluntaria de diferentes organizações que proporcionou o avanço do encontro progressivo de um grupo crescente de iniciativas e organizações das sub-regiões latino-americanas e de outras partes do mundo cujo ponto de convergência está que desenvolvem métodos de trabalho colaborativo ou em rede. Desta maneira, a Cultura em Rede tem uma forma de colaborativa valiosa ao debate e articulação das redes de cultura. Este conceito de produção colaborativa do fazer cultura dá corpo ao conceito de rede que o grupo apresenta na Carta de Quito:

Las redes son formas de trabajo que se caracterizan por su profundo compromiso por la transformación social de la realidad, con base en un trabajo horizontal, solidario y colaborativo. Dada la flexibilidad de sus formas organizativas, cuando hablamos de redes, lo hacemos tanto de organizaciones locales que trabajan de manera coordinada, hasta formas organizativas más complejas y de ámbitos de acción más amplios. Éstas se articulan en torno a objetivos comunes, que entienden a la cultura como un derecho colectivo adquirido como resultado de procesos históricos, cuyo ejercicio demanda un diálogo democrático entre Estado y ciudadanía.

A iniciativa Cultura de Rede, como já mencionado, é composta por um coletivo de outras iniciativas, operando de forma a aglutinar grupos convergentes dentro do âmbito ibero-americano. É importante acentuar que eles possuem apoio da Organização dos Estados Ibero-

¹⁸⁹ Para definir *Crowdfunding* podemos fazer equivalência à “contrapartida” em português. Para conceituar melhor esta expressão que esta tão em voga para designar ações colaborativas para busca de financiamento de projetos, utilizaremos a definição do queremos.com.br, um dos *crowdfunding* mais conhecidos aqui no Brasil: “São ações movidas pelo público, que se organiza para viabilizar algo de maneira independente, sem precisar exclusivamente de apoios ou patrocínios”.

¹⁹⁰ “Asociatividad” es una manera de trabajar e implica un quehacer conjunto. Es crear espacios de definición y producción colectiva, no solo para la elaboración del proyecto, sino durante todas las etapas de implementación del mismo. Implica una participación y decisión grupal sobre cada tema o acción. Fonte: Cultura Senda: Ideas y Herramientas para el trabajo asociado y en red. Edición 2008. Coordinación editorial: Adriana Benzaquen y Soledad Giannetti.

americanos, o que não significa que isto constitua aporte financeiro. A rede se mantém basicamente do esforço e trabalho voluntário e coletivo dos seus membros e redes consortes. Dentre os grupos parceiros que a integram estão:

1) **Comissão Nacional dos Pontos de Cultura**¹⁹¹, iniciativa brasileira, cuja página oficial pode ser acessada em <http://pontosdecultura.org.br/>. Os Pontos de Cultura surgiram durante a gestão do então Ministro de Cultura Gilberto Gil (2003), no âmbito do Programa Cultura Viva, com o propósito de fortalecer as iniciativas culturais da sociedade brasileira dentro de um novo conceito de gestão, inspirado nas palavras do discurso de posse de Gil quando ele referiu-se à necessidade do apoio do governo à Cultura ser uma espécie de “do-in antropológico”, massageando ‘ponto por ponto’ do imenso corpo cultural do país;

2) **Cultura Senda, Cultura y Integración**, trata-se de uma iniciativa descentralizada, cuja equipe coordenadora opera coletivamente entre Caracas (Venezuela) e Buenos Aires (Argentina). Em sua página na internet: <http://www.culturasenda.com/> se apresentam como uma organização especializada em investigação, desenvolvimento e formação sobre tecnologias de rede. Formada em 2004, por um grupo de profissionais ligados à sociologia, comunicação, engenharia, gestão e cultura, tem como objetivo central operacionalizar, experimentar e impulsionar projetos colaborativos na América Latina, facilitando o trabalho de grupos, redes e instituições públicas e privadas. É um coletivo que se destaca pelo uso da tecnologia, operando fluxogramas e prestando serviços para uma gestão e colaboração inteligente;

3) **Festival Cena Contemporânea**, é o Festival Internacional de Brasília, conta com o patrocínio da Petrobras, e este ano (2012) em parceria com a Secretaria de Economia Criativa do MinC e diversas entidades nacionais e internacionais realizou o 2º Encontro da Cultura em Rede, como sinalizado anteriormente. Esta edição teve como objetivo fomentar o intercâmbio América Latina e África. No web site do Festival <http://www.cenacontemporanea.com.br/>, podem ser encontradas informações históricas das edições anteriores, deste que é um dos maiores festivais de teatro brasileiro, ocorre desde 1995.

4) **Fora do Eixo**, é uma rede de cultura livre, denominada Circuito Fora do Eixo, constitui-se uma rede de trabalhos concebida por produtores culturais das regiões centro-

¹⁹¹ Como sugestão de leitura para uma boa compreensão dos avanços deste projeto, indicamos “*Com quantos gigabytes se faz uma jangada, um barco que veleje*” – 2011 Dissertação de Eliane Costa sobre o Ministério da Cultura, na gestão Gilberto Gil, diante do cenário das redes e tecnologias digitais. Disponível para Download em: [DOWNLOAD – Arquivo PDF 1,9 MB](#).

oeste, norte e sul no final de 2005, hoje segundo a organização, são os maiores do Brasil, marcando presença em 25 das 27 unidades federativas do país. A página na internet do coletivo Fora do Eixo é <http://foradoeixo.org.br/> onde podem ser acessadas convocatórias, a rádio e TV do grupo, comunidades e empreendimentos, dentre outras variadas atividades das quais se propõe. Basicamente focado na música, o coletivo Fora do Eixo promove festivais e desde 2010 vem avançando nas relações com a América Latina, com a promoção do Grito Rock América do Sul. O coletivo é formado por mais de 4.687 usuários, conta com 87 empreendimentos e 194 comunidades.

5) **Rede Sudamericana de Danza (RSD):** É uma iniciativa de integração e colaboração entre diversos atores da dança e culturas pertencentes aos países da América do Sul, com projeção à América Central e Caribe, foi criada em 2000, . Tendo como objetivo principal a contribuição ao enriquecimento das relações latino-americanas projetando um espaço de desenvolvimento e intercambio. Dentre as maiores preocupações da RSD esta o fato de poder se consolidar como um ator regional mais forte, que possa incidir nas políticas culturais nacionais apontando na geração de uma política cultural regional: fundos e subsídios regionais, convênios de circulação, bolsas, intercâmbio universitário, etc. Assim como fortalecer a identidade como entidade em si mesma, tamanho o reconhecimento que vem recebendo na área da dança de muitos países latino americanos através das distintas atividades, projetos e ações que desenvolve, muitas vezes é percebida como uma instituição financiadora, o que não converge com o seu ideal de espaço de construção coletiva que se nutre da participação dos seus membros¹⁹².

A RSD também faz parte da *Red Movimiento.Org*¹⁹³ e sua página eletrônica esta vinculada a esta organização. A *Red Movimiento* foi criada pela associação da RSD, cuja colaboração já ocorria há mais de sete anos, somada a *idanca.net*¹⁹⁴ e a *Associação Cultural Panorama*¹⁹⁵, a partir desta convergência de projetos, que tem a dança contemporânea como fator agregador, foi fundada a *Movimiento.org*. A colaboração com RSD ajudou esta a se consolidar como uma das organizações mais representativas deste segmento artístico no contexto sul-americano, a medida em que ampliavam territórios e parceiros contribuía ativamente à promoção da dança contemporânea no continente. A outra parceira a *Idanca.net*,

¹⁹² Territorios en Red, página 25, 1ª Edición, diciembre 2009. Disponível em: http://api.ning.com/files/Vprvg37MTRGp2BZ8EK2M0197EK4D2bOU0rtouO*tuDhcIPKkgtCmnRt10PF2*zzp6s9LBxt6zySmNxOIOPoLLqkb81Spa5-d/TerritoriosenRedRSD.pdf.

¹⁹³ Página *Red Movimiento*: <http://www.movimiento.org/>

¹⁹⁴ Página *Idanca*: <http://idanca.net/>.

¹⁹⁵ Página *Festival Panorama*: <http://panoramafestival.com/>.

que começou com um pequeno fanzine e hoje se consolida como importante veículo de referência para o cenário da dança, sendo uma das poucas iniciativas analisadas aqui em língua portuguesa, formatada com conteúdo pessoal e mais de 20.000 leitores mensais

Estas cinco iniciativas brevemente apresentadas formam parte de um processo de convergência e articulação propostos pela Cultura de Rede. Contam com cenários virtuais e presenciais de trabalho a partir dos quais buscam compartilhar temas e serviços das entidades participantes, projetos e outras atividades que ajudem a dinamizar a articulação regional. E devido ao fato de estarem dentro da estrutura da rede, convivem experiências de variadas trajetórias, configurando a iniciativa como um ‘espaço incubadora’, onde, nas palavras deles: *se aprende uns com os outros*, numa troca constante de experiências. Em sintonia com as inovações tecnológicas, atentas as modificações do contexto global e das necessidades provenientes do estado no qual se encontram as organizações do âmbito cultural da América Latina.

Aberta para uma construção conjunta, a rede acredita que assim como devemos analisar e considerar os câmbios e novas oportunidades do cenário internacional, paralelamente, devemos analisar também os desafios que nos apresentam tanto o processo de integração regional como o cenário internacional, para dar uma resposta efetiva às necessidades e desafios que o setor cultural enfrenta hoje em dia no âmbito ibero-americano¹⁹⁶.

3.2.3 – LOCO POR TI

¹⁹⁶ Cultura de Rede: “Quem somos”. Disponível em: http://culturadered.com/?page_id=2&lang=pt Acessado em 10 setembro de 2012.

Dentre as iniciativas apresentadas, esta parte de uma seleção especial, dado o envolvimento pessoal¹⁹⁷ na sua constituição e desenvolvimento. Desde o ano de 2010 quando criamos o Projeto Loco Por Ti, uma espécie de “Pesquisa Ação”^{198,} que nos levou a um aprofundamento na temática cultural sul americana, e norteou diretamente a escolha deste enfoque como objeto desta pesquisa.

Cantada em portunhol, "Soy Loco Por Ti America" foi composta por Gilberto Gil e José Carlos Capinan em 1966, gravada e lançada por Caetano Veloso em seu primeiro disco (1967¹⁹⁹). Acabou se tornando uma das músicas mais representativas do Tropicalismo e uma espécie de hino pop de louvação à América Latina no Brasil. De certa forma, pode se dizer que o movimento tropicalista foi responsável pela retomada do diálogo com a cultura latino-americana. A disseminação da música foi tão grande que a expressão (*soy loco por ti*) se tornou uma expressão tão popular ao ponto de ser hoje o nome do portal na internet (www.locoportcorinthians.com) da torcida organizada do clube de futebol Corinthians, de São Paulo, a segunda maior torcida do país.

Loco por Ti canta a cultura sul-americana com um sorriso de quase nuvem. Com a música de Gil, a tropicália retomou o diálogo com Martí. O movimento adotou a proposta antropofágica: digerir as manifestações culturais estrangeiras pelas veredas de nossa diversidade cultural. Voltado para catalisar a divulgação e as redes sobre manifestações artísticas e culturais da América do Sul no Brasil. Num precipício de luzes entre saudades e soluços, buscamos contribuir para uma integração cultural sul-americana baseada na convivência e no diálogo através da diversidade artística e poética contemporânea de qualidade. A integração não deve significar homogeneização. E antes que o dia arrebente, o Brasil precisa superar seus preconceitos e desconhecimentos das manifestações artísticas de seus vizinhos²⁰⁰.

Objetivando atuar como um agente catalisador o Loco Por Ti se propõe: 1º) A divulgar através da internet de trabalhos artísticos da América do Sul no Brasil, assim como de críticas, eventos, redes e projetos culturais que também contribuam de forma construtiva nesse sentido; 2º) Dialogar com as sinergias produtivas entre artistas, público, críticos, produtores, gestores, nos diversos circuitos de arte e cultura sul-americana.

¹⁹⁷ A autora é a Redatora do projeto, corresponsável pelas seleções de conteúdo, iniciativas e trabalhos a serem divulgados no site locoporti.org.br, coordena também as Relações Institucionais e mídias sociais. E André Paz, Editor, conduz a linha editorial do site, é doutorando da Engenharia de Produção / COPPE UFRJ.

¹⁹⁸ A participação em si dos atores na pesquisa não caracteriza uma pesquisa ação. Eles precisam participar enquanto sujeitos na pesquisa e elaboração dessas ferramentas. A natureza da *cooperatividade* entre autores e atores de pesquisa é a questão norteadora. Essa cooperatividade não se restringe às atividades, mas também às condutas dos pesquisadores e pesquisados durante a pesquisa.

¹⁹⁹ É também o nome de um álbum de Gilberto Gil, lançado em 1987, no qual a canção também foi gravada, e que reúne também outras composições do período em que o cantor esteve no exílio.

²⁰⁰ Editorial do Projeto, disponível em: <http://locoporti.org.br/sobre/>

O projeto *Loco Por Ti* não se constitui uma rede, dada a ainda tímida articulação cooperativa e participativa com as iniciativas de produção cultural sul-americanas, mas se configura como um espaço de divulgação e mapeamento destas redes e iniciativas²⁰¹. A ideia de catalisar através de site e mídias sociais, a divulgação das redes de articulação artísticas e culturais da América do Sul no Brasil. Através da divulgação de trabalhos artísticos, coproduções, resenhas, críticas, eventos, redes e projetos culturais que também contribuam de forma construtiva nesse sentido. Por outro lado, se propõe a incentivar o diálogo e as sinergias produtivas entre artistas, público, críticos, produtores, gestores, nos diversos circuitos de arte e cultura sul-americana.

No primeiro momento, no segundo semestre de 2010, decidimos que o projeto seria implementado e realizado, sobretudo a partir da internet, mas que não limitaria suas ações a esse ambiente. A proximidade institucional com a FEDERASUR - Federação das Câmaras de Comércio e Indústria da América do Sul²⁰², proporcionou a oportunidade e o desafio de se buscar pensar e realizar sinergias entre os processos de integração econômica e cultural. Desse intuito originou a orientação de se concentrar na integração sul-americana. Essa orientação estratégica provisória é decorrente da avaliação geopolítica de que é mais importante se focalizar no processo de integração sul-americana em um primeiro momento, para depois se lançar à integração latino-americana, uma vez que o primeiro encontra-se mais adiantado e apoiado em iniciativas mais consistentes como o Mercosul, no âmbito econômico, e a UNASUL, no âmbito político. A escolha da América do Sul é sintoma da concepção de um projeto que trabalha na interseção entre os estudos culturais e artísticos e os estudos de economia política e relações internacionais.

Considerando isto, o propósito central do trabalho realizado no âmbito do *Loco Por Ti* foi a divulgação e o mapeamento das iniciativas que promovessem artes sul-americanas no Brasil, com a justificativa de contribuir para a integração sul-americana, catalisando as iniciativas orientados por balizamentos éticos e sociais. Assim, o *Loco Por Ti* constitui-se como um site agregador de conteúdo de divulgação de arte contemporânea da América de Sul no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. No que tange as relações institucionais o projeto é articulado com artistas, em sua maioria do segmento musical, mantendo relações parceiras, ajudando na divulgação de shows, documentários e discos. Com

²⁰¹ A grande maioria das redes e iniciativas elegidas para ilustrar o movimento cultural sul-americano apresentadas nesta dissertação, foram eleitas a partir do processo de mapeamento iniciado e realizado dentro do *Loco Por Ti*.

²⁰² Para maiores informações acerca da instituição FEDERASUR acesso o site: <http://federasur.org.br/>.

relação ao contexto musical, o site trabalha com a linha editorial: Música Sem Fronteiras, onde apresenta trabalhos que façam a mescla de ritmos, encontros e artistas.

Assim, o Loco Por Ti se desenvolveu tendo a cultura como expressão da diversidade das realizações do continente, sem limitar-se a estereótipos tradicionalistas e folclóricos, mostrando o que é feito em coletivos, organizações não governamentais, coproduções cinematográficas, documentários, exposições, artes cênicas, plásticas, fotográficas, poéticas, dentre outras. Manifestações variadas assim como a riqueza das produções contemporâneas, realizações que refletem a influencia da miscigenação e atualidade das tecnologias nos processos artísticos em desenvolvimento. Consideramos o Loco Por Ti uma iniciativa independente, embora tenha nascido no âmbito da esfera cultural da FEDERASUR, que concedeu relativo aporte inicial, é articulado de forma independente e autônoma.

3.3 – AS INICIATIVAS MISTAS:

O CRUZAMENTO ENTRE SOCIEDADE CIVIL, EMPRESAS E ESTADOS

Penso numa investigação das diferenças que não exclua a desigualdade, num trabalho de campo sobre processos empiricamente localizáveis que não os desconecte das redes transnacionais, num saber atento à voz dos atores sem por isso dissimular as condições institucionais que o legitimam ou financiam²⁰³.

Este terceiro segmento, categorizado misto – não substantiva, não coesa, mistura elementos das duas primeiras, as estatais e institucionais, com as redes independentes, com o incentivo financeiro de grandes empresas nacionais e transnacionais. Nesta categorização acomodamos as organizações culturais que recebem o fomento de empresas privadas nacionais e transnacionais em atuação no continente sul-americano, e que tem como objetivo central a produção cultural, com a consequente difusão das manifestações artísticas e culturais, exemplos principais são as produções audiovisuais e artes plásticas.

É importante observar a relação deste tipo de iniciativa com os demais atores culturais, sua relação com o Estado se estabelece de qual maneira, por exemplo: se recebem apoio institucional, é por meio de financiamento, ou por leis de incentivo? São algumas das questões a serem respondidas aqui. E, sobretudo, se o crescimento deste tipo de entrecruzamento financiador, com o envolvimento estatal, e até mesmo enquanto Mercosul, pode lograr de forma positiva o prisma da integração cultural sul-americana? Ou se acaba por respeitar o caráter puramente comercial, onde tais empreendimentos acabam por focar-se em uma necessidade de existência como obtenção de lucros. Premissas que muitas vezes acabam por sobressair-se a questão da filosofia integratória.

Para ilustrar este modelo de iniciativas mistas elegemos: a Bienal do Mercosul, como exemplo dentro do segmento do circuito das artes plásticas; a TAL – Televisão América Latina e a RAIA – Rede Audiovisual Ibero América, como representantes do circuito de comercialização e divulgação de conteúdos cinematográficos e audiovisuais no contexto sul-americano.

3.3.1 – BIENAL DO MERCOSUL

²⁰³ CANCLINI, 2005b, pg: 147-8.

A referência ao Mercosul, tratado econômico que delimita e retrata, não apenas uma região geográfica, mas também cultural, funcionou como um elemento legitimador à Bienal, conferindo-lhe uma identidade – mesmo que em construção – e um fator de diferenciação desde evento em relação a outros semelhantes. Com isso, a criação da Bienal do Mercosul não chamou a atenção internacional exclusivamente para Porto Alegre, mas contextualizou a mostra numa referência mais ampla, vinculando o evento e a cidade às propostas do trabalho em si²⁰⁴.

A Bienal de Artes Visuais do Mercosul é uma instituição de direito privado, financiada em parceria pela iniciativa público e privada. Através de patrocínios recebe os aportes financeiros após a concorrência com outros eventos culturais. A cada dois anos, nos ímpares e tendo como palco a capital gaúcha, Porto Alegre, a Bienal eleva sua missão de desenvolver projetos culturais e educacionais na área de artes visuais, adotando as melhores práticas de gestão e favorecendo o diálogo entre as propostas artísticas contemporâneas e a comunidade. Desde sua consolidação enquanto renomado evento artístico de cunho regional, a Bienal vem sendo reconhecida como o maior conjunto de eventos dedicados à arte contemporânea latino-americana no mundo, o que tem oportunizando o acesso à cultura e à arte a milhares de pessoas, sempre de forma gratuita. Assim, defendem seu organizadores, a Bienal do Mercosul coloca o Brasil como referência internacional nas artes visuais e, através da arte, promove a integração dos países que fazem parte do Mercosul²⁰⁵.

De acordo com Montero (2009) a ambição e autopromoção como “o maior” evento do tipo, acaba adjudicando o papel de promover a integração e promoção da arte do continente, inibindo a oportunidade de gerar verdadeiros diálogos desde e para as margens. Considera isto, ao defender que a Bienal do Mercosul se autoproclama ignorando os movimentos similares antecedentes, como as Bienais de Cuenca, Equador, ou de Havana que, com vinte e cinco anos de existência. Contudo, estes contraponto não diminui a magnitude e eficácia que a Bienal vem logrando nos últimos anos no que tange a construção de um mapa das artes do Mercosul, lançando e abrindo oportunidades a diversos públicos, consumidores e novos artistas.

Assim, ao mesmo tempo em que a Bienal do Mercosul pareceu avançar rumo a uma internacionalização do seu modelo, extrapolando as fronteiras que a continham, foi sendo criada a oportunidade de desenvolvimento de um mercado profissional local diretamente relacionado à mostra. A profissionalização de diferentes instâncias que envolvem o evento também surgiu como um processo de formação de público, de formação de profissionais capacitados a produzirem um evento de artes visuais de grande porte. Com isso, produtores, montadores, arquitetos e outros fornecedores,

²⁰⁴ FETTER, 2008, pg: 26.

²⁰⁵ Quem Somos, na página oficial da Fundação Bienal do Mercosul: http://www.fundacaobienal.art.br/novo/index.php?option=com_content&task=view&id=1230&Itemid=11

como marceneiros e técnicos em equipamentos vão sendo integrados ao mercado de trabalho²⁰⁶.

Criada em 1996, a Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, teve seu germinar quando um influente grupo de empresários gaúchos, interessado por artes plásticas, iniciou o projeto com intuito de torná-lo uma espécie de pólo difusor da arte latino-americana para o mundo. visando “abrir canais de legitimação dessa produção artística encarada como periférica em relação ao eixo EUA-Europa” (FETTER, 2008, pg:20).

Ao longo de sua trajetória, a Fundação Bienal do Mercosul sempre teve como missão a ênfase nas ações educativas e os seguintes princípios norteadores: foco na contribuição social, buscando reais benefícios para os seus públicos, parceiros e apoiadores; contínua aproximação com a criação artística contemporânea e seu discurso crítico; transparência na gestão e em todas as suas ações; prioridade de investimento em educação e consolidação da Bienal como referência nos campos da arte, da educação e pesquisa nessas áreas.

Em seus catorze anos de existência, a Fundação Bienal do Mercosul realizou sete edições da mostra de artes visuais, somando 444 dias de exposições abertas ao público, 57 diferentes exposições, 3.882.672 visitas, acesso totalmente franqueado, 1.034.898 agendamentos escolares, 180.089 m² de espaços expositivos preparados, áreas urbanas e edificios redescobertos e revitalizados, 3.664 obras expostas, intervenções urbanas de caráter efêmero e 16 obras monumentais deixadas para a cidade, 138 patrocinadores e apoiadores ao longo da história, participação de 1.261 artistas, mais de mil empregos diretos e indiretos gerados por edição, além de seminários, palestras, oficinas, curso para professores, formação e trabalho como mediadores para 1.248 jovens²⁰⁷.

Consideramos a Bienal do Mercosul uma iniciativa de categoria mista dada a gama de grupos privados e governamentais que a mantém. Como financiadores estão: Lei de Incentivo à Cultura, Pró Cultura RS, Governo do Estado do Rio Grande do Sul; Elencados como Patrocinadores Master: Grupo Gerdau, Petrobras, e até 2011 Grupo Santander; e por fim os Realizadores: Ministério da Cultura do Governo Brasil. Considerada por parcela dos estudiosos tomados aqui como referencia²⁰⁸ que se debruçaram sobre o desenvolvimento das edições e histórico das Bienais do Mercosul, uma instituição onde os interesses de ordem empresarial prevalecem aos relativos ao processo de integração. Não justifica a negativa, ou

²⁰⁶ FETTER, 2008, pg: 115.

²⁰⁷ Dados disponíveis para apreciação no site da Fundação Bienal do Mercosul, atualizadas à edição 2011.

²⁰⁸ A citar: Fetter, 2008 e Montero, 2009.

até mesmo, não reconhecimento da dimensão que a mesma, edição a edição, vem tomando frente aos eventos de mesmo nível, num claro esforço de valorização das artes plásticas contemporâneas, o que em nada impede o enquadramento no que chamamos anteriormente, de mercantilização dos bens culturais.

3.3.2 -TAL – A TELEVISIÓN AMÉRICA LATINA

A TAL – *Televisión América Latina* se intitula Rede de Televisões Culturais da América Latina, é uma rede de intercâmbio e divulgação da produção audiovisual dos 20 países do continente. Institucionalmente constituída como uma entidade sem fins lucrativos, ela reúne hoje centenas de associados de todo os países da região. Dentre eles canais públicos de televisão, instituições culturais e educativas e produtores independentes, que compartilham seus programas – documentários, séries e curtas-metragens – com o intermédio da TAL. Sob a premissa básica de as contribuições serem colaborativas e solidárias.

Dentro da proposta de categorização aqui proposta, a TAL faz parte do grupo de iniciativas que constituem os empreendimentos com financiamento estatal e privado, além de parceria institucional com outras fundações de mesmo escopo. Para um melhor entendimento do apoio institucional recebido pela TAL, entenda quem são seus apoiadores:

- FNCL - *Fundacion del Nuevo Cine Latinoamericano*²⁰⁹, entidade privada, com sede em Havana (Cuba), fundada e presidida pelo escritor colombiano Gabriel García Márquez. Fundada em 1985 pelo Comitê de Cineastas da América Latina, com o propósito de contribuir ao desenvolvimento e integração do cinema latino americano, logrando um universo audiovisual comum. A integram cineastas de 18 países, sua plataforma tem caralogados 5903 filmes, de mais de 3066 cineastas;

- Ministério da Cultura, Cultura Viva²¹⁰ e Lei de Incentivo a Cultura²¹¹, programas culturais do Ministério da Cultura do Brasil, órgãos que selecionam os projetos para fomento financeiros e concessão de isenção fiscal para empresas que estejam vinculadas como patrocinadoras de tais projetos, seleção feita através de editais públicos;

Ademais, a rede de associados da tal conta com um grupo de emissoras, Televisões Publicas e Privadas, somando mais de 200 membros, em sua maioria canais educativos e culturais. Constitui uma plataforma, realizando a ponte entre estes parceiros. A TAL é ambientalizada exclusivamente na internet, constituindo-se uma web TV, de caráter não comercial, que integra outros tantos canais não comerciais com o objetivo central de produzir e difundir conteúdos de interesse público e cultural. Formando um banco de conteúdo audiovisual e uma produtora de vídeo. Com o intuito pratico de servir de suporte para o trabalho de aproximação entre os povos latino-americanos. A ideia dessa entidade é fazer com que, por meio da produção audiovisual local, os vizinhos da região se conheçam

²⁰⁹ Portal da FNCL: <http://www.cinelatinoamericano.org/>.

²¹⁰ Portal da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural - Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – CULTURA VIVA: <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/>.

²¹¹ Ministério da Cultura – Lei de Incentivo à Cultura: <http://www.cultura.gov.br/site/2012/02/15/lei-de-incentivo-a-cultura-2/>.

um pouco mais. Hoje, a TAL possui um acervo de mais de 7 mil programas. Tudo feito por profissionais latino-americanos.

Em entrevista à Fundação Memorial da América Latina, em ocasião de um ciclo de palestras intitulado “Repensando a América Latina”, Gabriel Priolli, ex presidente da *Television America Latina*, analisou a atuação do canal hoje, sinalizando o breve lançamento do canal como emissora na TV por assinatura, com conteúdo reproduzido de bilíngue, em português e espanhol. Segundo ele, o projeto pode se transformar num importante instrumento de integração efetiva dos países latino-americanos. Onde, a verdadeira integração econômica do bloco, o sonho inteligente de uma região unida, tem que ultrapassar a visão nacional ainda fortemente arraigada na mídia de cada país e convergir para uma perspectiva supranacional “comunitária²¹²”.

A Televisão América Latina era um antigo sonho de Priolli, e com o apoio do Itamaraty, ele percorreu o continente em busca de parceiros. Até o momento já se associaram ao projeto encabeçado pela TAL 68 televisões e instituições culturais, de 18 países, que produzem ou detêm direitos sobre conteúdo áudio-visual. O objetivo central era o de transmitir filmes do mundo ibero-americano, fora do circuito comercial no Brasil, com legendas em português, e similares brasileiros, legendados, seriam veiculados no conjunto dos países de fala espanhola do continente (incluindo o segmento latino dos Estados Unidos).

A TAL veicula documentários abordando temas tão variados quanto música, dança, teatro, cinema, literatura, artes plásticas, arquitetura, moda, culinária, história, natureza, vida animal, turismo, economia, ciência e tecnologia, saúde, educação e atualidades, entre outros.

3.3.3 – RAIA – RED AUDIOVISUAL IBERO-AMÉRICA

²¹² PRIOLLI, 2012. No site <http://www.tal.tv/> e <http://www.memorial.org.br/cbeal/repensando-a-al/gabriel-priolli-apresenta-a-televisao-america-latina/> acessados em 23 de maio de 2012.

A RAIA – Red Audiovisual Ibero-América²¹³ destina-se a ser um espaço para os que buscam compartilhar informações, eventos, propostas e ações concretas para a difusão e investigação de conteúdos audiovisuais. Ao propor-se em tornar-se este espaço de convivência entre pessoas dedicadas a atividades que fazem uso do audiovisual para transformar seus entornos. Aproximando, compartilhando experiências, oportunidades e inquietudes a partir da equação: Rede = Busca + Compartilhamento = Tecnologia + Atitude.

Como plataforma as suas atividades estão como essenciais as ações de difundir, compartilhar, revelar propostas e ações que reconheçam melhores espaços para a investigação, produção e distribuição de conteúdos. Numa forma prática de promoção da cooperação entre pessoas interessadas no desenvolvimento independente do audiovisual.

Iniciando as atividades em 2009, com o apoio do Centro Cultural da Espanha em São Paulo, começou a rede com cinco profissionais de distintas especialidades e países. Hoje são membros da Raia, em torno de 264, com perfis profissionais atrelados ao audiovisual ibero-americano, investigadores, ativistas, cineastas, gestores culturais e dentre seus fundadores estão pessoas do Chile, Argentina, Bolívia, Brasil e Espanha.

A Raia vislumbra sua consolidação como espaço permanente de intercâmbio, ainda que conte com poucos membros, conta com respeitabilidade na área do audiovisual dada a qualidade do corpo profissional que a compõe, dentre os brasileiros destacamos a atuação de Leonardo Brant, que coordena desde 1998 a plataforma “*Cultura e Mercado*”²¹⁴, articulada em torno do site que se configura como um dos mais destacados e influente veículo de comunicação especializado no setor cultural do Brasil, trazendo, diariamente, análise, informação e serviços especializados aos profissionais da cultura, constitui uma plataforma de rede de colaboradores em ambiente transmídia.

Tem como agência técnica a DiverCult²¹⁵, uma iniciativa independente, criada no Brasil e desenvolvida na Espanha, dedicada a promoção da diversidade cultural por meio da cooperação internacional, sendo responsável por atender e monitorar as necessidades geradas pela rede, com interferência direta nas decisões e debates da rede. Com a funcionalidade de prestar assistência aos membros em ações colaborativas, assim como informar sobre temas de interesse, como o desenvolvimento de encontros.

²¹³ Como fonte das informações acerca da Raia, utilizados além da página oficial da rede: <http://www.raiavirtual.net>, as informações constantes na apresentação elaborada por eles, que pode ser acessada através do link: http://api.ning.com/files/MlbAuQAJi1Gsr0n2SyNArSjqq1gm7y-JS9hpp9cvMVs_/PRESENTACINRAIA.pdf

²¹⁴ Página do Cultura e Mercado: <http://www.culturaemercado.com.br/>.

²¹⁵ Página da DiverCult: <http://divercult.org/>.

Assim articulada, a Rede Audiovisual conta, desde sua fase inicial, com programas de cooperação e inversão cultural, público e/ou privado. A Raia foi criada no interior do Centro Cultural de Espanha em São Paulo, no ano de 2009 e a partir de então é financiada com o apoio do governo da Espanha, seu Ministério de Assuntos Exteriores e de Cooperação, e pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento. Ou seja, se caracteriza como uma das iniciativas que categorizamos como mista, uma vez que parte da iniciativa independente (sociedade), mas se mantém com base em acordos de cooperação internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, longe de oferecer respostas acabadas, se propôs a contribuir a um amplo e ainda pouco estudado tema dentro da Economia Política Internacional, a relação estrutural entre o poder, a informação e a cultura no continente sul-americano em tempos de globalização. Ao longo dos capítulos e sub- capítulos que se seguiram, procuramos acima de tudo, mostrar como se conectavam estas três premissas eleitas como mote da pesquisa, e de que maneira estes novos processos comunicacionais podem interferir de forma positiva na relação interestatal, através de novas praticas diplomáticas, assim como no fomento a novas formas de conectividade entre sociedade civil e iniciativas culturais.

Já na introdução esboçamos como objetivo macro identificar o grau de convergência entre as três égides: a informação, a cultura e o poder. Seguido, não que considerado de menor grau, o questionamento acerca da relevância dada à dimensão cultural da integração da América do Sul, tendo como proposta conseguir mensurar sua importância dentro de tal conjuntura. Tais questões nortearam a opção pela corrente teórica construtivista que permeou todo o trabalho, nos possibilitando levantar a bandeira da necessidade de reconhecimento das questões culturais na agenda internacional. Mostrando como a construção social da política internacional obrigatoriamente tem de passar pela dimensão cultural. O enraizamento dos elementos culturais fazem parte do ideário social, das identidades, de todos os povos e ignorá-los fará com que o caminho em direção a um amplo entendimento da política internacional, e, sobretudo das questões relativas aos processos integratórios, seja muito mais penoso. Sendo assim, com a finalidade de concluí-los iremos primeiramente ponderá-los em separado, respeitando a organização dos nossos capítulos.

Na primeira parte desta dissertação, quando focamos nos aspectos inerentes ao processo de globalização em face ao desenvolvimento da integração regional, apresentamos, sobretudo, como vem sendo encaminhada a marcha em prol da integração na América do Sul. Ao nos debruçarmos sobre a latente conjuntura concluímos que em grande medida os processos voltados à institucionalização do bloco avançaram. Não podemos ignorar a fragilidade jurídico-institucional que se mostrou presente, tanto no âmbito da UNASUL como do Mercosul, quando da destituição do presidente democraticamente eleito do Paraguai. Tal fato nos mostra, acima de tudo, o quão frágeis ainda se constituem nossas estruturas democráticas.

Ao abordamos as perspectivas de inserção internacional do Mercosul, formalizamos a premissa de que o regional não sobrevive sem a permanente interlocução com

o global. Dada a estrutura do sistema internacional, interdependente e multidimensional, todos os Estados em maior ou menor grau de intensidade, mantêm vínculos econômicos com os vizinhos e com os demais países. Esta interdependência acaba por nortear uma série de condutas, mas, sobretudo, faz com que a aglutinação em torno de blocos regionais garanta mais que a sobrevivência econômica dos países, interligue as populações locais à sociedade global. De tal maneira, que o debate em torno do protagonismo local, não poderia ser ignorado. O papel exercido pelas cidades em tempos de globalização mostra o potencial que estas apresentam ao atuar como nós de conexão à rede global, “glocalizando” o seu poderio de interlocutoras e aproximando o circuito das artes ao promover o diálogo entre as diferentes culturas, agenciando elementos importantes ao processo de integração cultural.

No capítulo dois, quando focalizamos a análise nas questões prementes à Revolução da Informação e seus impactos na Cultura, Estado e Poder, entendemos como os artifícios inerentes a nova configuração informacional foram capazes de alterar significativamente práticas já arraigadas dentro do *status quo* da política internacional. A abordagem focada nas questões pertinentes ao poder, nos fez considerar o quanto as novas articulações em torno de alternativas manifestações de domínio, e /ou autoridade, podem lograr os estados modernos. O dispêndio necessário para aplicação de forças militares, na mais clara das manifestações de *hard power*, nos mostra o quão valiosa se tornam as demais alternativas. Não é de hoje, como procuramos demonstrar, que os Estados Modernos, utilizam o poder de sua influência ideológica, aliados ao seu poderio de atração, para conquistar mentes e corações - parafraseando Maquiavel.

Longe, de parecer creditar ao *soft power* a solução dos problemas e conflitos da ordem global. No entanto, concordamos com a utilização recente de práticas diplomáticas pautadas nestes axiomas de *soft* e *smart power*, uma vez que tem demonstrado a capacidade de alcançar simpatia e alistar aliados de maneira muito mais eficaz, principalmente dada a velocidade com que hoje se espalham informações, notícias e se difundem denúncias. Ao voltarmos o olhar para o continente sul-americano identificamos a deficiência na utilização das premissas relacionadas à diplomacia cultural. Embora se reconheça o esforço do governo brasileiro, tanto a nível regional, quanto internacional, em exportar a visão de estado comprometido com os avanços sociais, desenvolvimento econômico integrado com seus vizinhos, e divulgação da cultura brasileira como de paz e alegria. Dentre os Estados membros do Mercosul, o caso do Brasil, é o que mais claramente apresenta características que

bem ilustram a asserção do *soft power* e da diplomacia cultural como fatores de sua política externa.

A informação, com seus avanços tecnológicos nos mostrou o quanto irreversível é o processo de interconexão entre sociedade, economia, política e cultura. O intenso e constante fluxo das informações se mostra como aliado importante ao processo de integração da América do Sul. Tirar proveito das novas tecnologias, das novas mídias, das novas formas de interação social somente fazem aumentar as possibilidades de comunicação entre os atores do jogo de poder interestatal, e como bem ilustramos entre os atores da sociedade civil.

O paradigma entre o Real e o Virtual que permeou todo nosso estudo, esteve em convergência com a linha argumentativa, proposta pelo sociólogo espanhol, Manuel Castells (1999), que sem dúvidas, foi quem, com mais subsídios contribuiu, à análise exposta. Segundo ele a realidade, como é vivida, sempre foi virtual porque desde sempre foi percebida por intermédio de símbolos formadores da prática com algum sentido que escapa à sua definição semântica. Assim, consideramos que a Internet passa a ser mais clara dentro deste novo conceito de mundo, tornando-se a face mais clara da globalização. A Internet pode ser caracterizada como um meio de comunicação completamente diferenciado das mídias tradicionais, pois possibilita a interação do receptor de forma jamais imaginada. O que nos ajuda a defender o argumento de que o virtual é parte do que chamamos de real, que tem o espaço informacional como representação de uma nova geração de sistemas de comunicação e relações interpessoais.

Assim, tentamos identificar se o continente sul-americano realmente se encontrava em conversação, se as conexões se restringiam as estruturas produtivas, ou aproximavam atividades e produções culturais, estruturas políticas e práticas sociais. Defendemos que o diálogo existe, que nunca a aproximação entre os países do Cone Sul foi tão intensa, seja considerando os acordos comerciais, seja na circulação de pessoas, de produtos culturais. Extrapolando, por vezes, as barreiras de mero discurso político, promovendo uma real combinação de diálogo e intercambio culturais. Influências de um sistema global, fortemente integrado e mercantilizado, que proporciona uma maior aproximação entre as sociedades. Fatores atrelados a um esforço conjunto de pessoas, organizações e cúpulas de estado. E à cultura, por sua vez, entendida como força produtiva e como recurso, mostra a riqueza contida em sua conceituação e poder de aproximação que é capaz de exercer. Da mesma maneira em que promove a inclusão social, desenvolve a capacidade de reconhecimento do outro, do diferente, capacitando de sobremaneira a

consagração da diversidade. Agencia entendimentos e proporciona diálogos e intercâmbios. Realidades que cada vez mais se aproximam se reconhecem, se respeitam, sem que isso signifique homogeneização. Pelo contrario, é a vitória da diferença e do respeito. No sentido de evitar conclusões que soem muito otimistas, num entendimento genérico, sobretudo, frente a quantidade e diversidade de experiências aqui relatadas, não poderíamos negar a evolução dialogal entre os povos sul-americanos. Consideramos assim, grande e contínuo o fluxo dos intercâmbios culturais entre os países do Cone Sul.

No terceiro e último capítulo procuramos traçar um quadro no qual fosse possível vislumbrar os personagens e forças que constituem e configuram as iniciativas existentes na direção da integração cultural da América do Sul. Organizadas sob a égide de três vertentes: As iniciativas institucionais, as independentes e as consideradas mistas.

A primeira destinada às iniciativas institucionais, apresentou a diplomacia e a dimensão cultural da integração. Na qual o Mercosul Cultural recebeu maior destaque, procurando responder qual o papel da cultura dentro do processo de integração em curso. Concluimos, a partir do levantamento apresentado, que o fato de a cultura ter ingressado na agenda oficial do Mercosul comprova o quão profundo e importante é o horizonte das temáticas culturais dentro do processo de integração. Ao longo das exposições procuramos dar ênfase ao processo de integração, considerando as iniciativas no âmbito do Mercosul Cultural como bases para a consolidação de uma política cultural regional. Reconhecendo a importância destes processos de produção nas economias nacionais e no fortalecimento do próprio bloco.

Ponderando que todas etapas de desenvolvimento são imprescindíveis ao incremento positivo de um projeto de integração, avaliamos os avanços e retrocessos do Mercosul Cultural. Do ponto de vista mais específico, a investigação acerca das iniciativas existentes dentro da iniciativa institucional do bloco nos leva a contemplar ao menos três aspectos positivos no que tange o sucesso da integração cultural.

1) A concordância com o posicionamento oficial do bloco, na ocasião da XX Reunião de Ministros de Cultura do Mercosul e Estados Associados (01/2005), de que “O Mercosul Cultural avançou o suficiente para instituir instâncias de máximo nível técnico que colaborassem com estudos, projetos e propostas para a implementação das diretrizes emanadas das reuniões de Ministros, como forma de aperfeiçoar cada vez mais o processo de Integração Cultural”;

2) O encaminhamento bem sucedido de Projetos em seu interior, principalmente SICSUR e a RECAM, de acordo com as características pontuais apresentadas nos capítulos destinados aos dois. No caso específico do primeiro, é de enorme valia a consolidação de um sistema integrado de informações, o que vai ser grande aliado na construção de uma agenda comum, com a centralização das informações necessárias a qualquer estudo mais elaborado acerca do cenário da Cultura dentro do bloco. E do apoio institucional dado a oficinas e festivais como no caso do segundo, mas principalmente pela aproximação da RECAM com a União Europeia, o que ainda pode lograr importante intercâmbio no âmbito do audiovisual sul-americano.

3) O respeito à periodicidade dos encontros dos Ministros da Cultura, e toda a agenda que o antecede e depois a segue na esfera interna dos países membros;

Emerge assim a constatação de que muitos são os desafios e etapas a se superar. Como uma forma de se relacionar os pontos considerados fracos, ou até mesmo negativos, destacamos:

1) Na linha argumentada por Botelho (2001) que para fins de políticas culturais, não se pode trabalhar com o conceito de “cultura é tudo”, pois com tamanha amplitude não se é capaz de definir mecanismos eficazes de elaboração de seu campo de atuação, minimizando a criação de ilusões, evitando que os projetos fiquem apenas no papel, reduzidos a boas intenções; Assim, as subdivisões no bojo do Mercosul Cultural nas cinco áreas que apresentamos: Patrimônio; Indústrias Culturais; Diversidade Cultural; RECAM – Audiovisual; e SICSUR, somente tem a melhor distribuir e organizar as pautas, agendas e acima de tudo, setorizar profissionalmente os campos de atuação;

2) A morosidade no encaminhamento de alguns projetos, como exemplificado no caso do Selo Cultural Mercosul, onde há a necessidade de uma convergência e de um interesse comum, fazem com que projetos de grande valia, permaneçam por anos estagnados frente à barreira que representa a burocracia que perpassa as fronteiras nacionais;

3) Ultrapassar as etapas de mero discurso e deixar definitivamente para trás o tom de promessa que estigmatizou o Mercosul Cultural nos seus anos iniciais. Tendo como o principal desafio a superação da fase de estruturação que foi marcada pela retórica, para à consolidação efetiva de projetos e realizações;

4) Manter o fôlego e o foco para o estabelecimento eficaz de políticas culturais destinadas a integração regional, trabalhando na direção de uma perspectiva realmente

regional, extrapolando as barreiras de atividade nacionais. Promovendo uma política regional real, pautada em uma estratégia internacional de inclusão;

5) Requerer a articulação como outras áreas como a Econômica, o Turismo, a Educação e a Ciência e Tecnologia, para que a cultura passe a formalmente fazer parte das demais esferas institucionais do Mercosul;

6) Por fim, buscar uma maior aproximação e diálogo com as demais iniciativas apresentadas. Aproximando-se dos diversos agentes aqui apresentados, considerando tantos outros que não tivemos a capacidade de identificar, ou até mesmo incluir neste estudo.

De tal maneira, que avaliamos como desconexas ao Mercosul Cultural às iniciativas independentes e as organizadas em formas de redes. Contexto que desde o surgimento e proliferação das redes interativas, organizadas em ambiente web, não podem mais ser ignoradas. Defendemos aqui uma real aproximação entre as iniciativas de cunho institucional, seja na forma do Mercosul Cultural, seja o exemplo liderado pela UNILA, seja pela ação local promovida pelas Mercocidades, com a sociedade civil – as iniciativas independentes e as em forma de redes, numa clara motivação mais democráticas das realizações culturais da América do Sul.

Pela observação das iniciativas e redes apresentados neste último capítulo, observamos claramente o papel de destaque em que estão envolvidos os agentes além das cúpulas. Porém, o problema, não é o maior ou menor grau potencial destas iniciativas e sim, o fato de não conversarem entre elas. Não identificamos casos, a não ser no seio das iniciativas independentes, onde sim existe sim uma interlocução constante e direta com as demais redes parceiras. O que não acontece quando estas, poderiam se conectar às iniciativas que categorizamos mistas. Concluímos assim, que temos uma grande lacuna, projetos com finalidades próximas, com atores especializados que convergem em ideais e perspectivas, são praticamente ignorados uns pelos outros. E muito menos destas iniciativas, tidas como mistas, com o Mercosul Cultural, nem mesmo eventos de grande porte e reconhecimento internacional, como no caso da Bienal do Mercosul, tem vínculos oficiais com o Mercosul Cultural. Uma comunicação mais efetiva entre as categorias que apresentamos lograria além de uma mais dinâmica rede de contatos e articulações, a união de forças e número de iniciativas convergentes.

Contudo, arriscamos defender que em nenhum outro momento histórico houve simultaneamente a efervescência de tantos movimentos artísticos, contando com uma

diversidade tão rica de atores, convergindo na direção do processo de integração cultural da América do Sul. Considerando que em tempos de globalização, a cultura não apenas permanece como estruturante da identidade dos povos, mas como um dos setores que mais cresce (LESSA, 2010). Respeitando isso, ter a sabedoria e o discernimento em aproveitar estas potencialidades, aproveitando as ferramentas tecnológicas que facilitam uma maior fluência comunicacional, sabendo canalizar todo este potencial criativo e produtivo será o grande desafio das próximas décadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A UNILA em Construção: um projeto universitário para a América Latina / Instituto Mercosul de Estudos Avançados – Foz do Iguaçu: IMEA, c2009.

ACCURSO, Cláudio Francisco; CAMARGO, Sonia de; LAFER, Celso. *Bacia do Prata: Desenvolvimento e Relações Internacionais*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1987.

ALMEIDA, Paulo Roberto. *O Estudo das Relações Internacionais do Brasil*. São Paulo: Unimarco Editora, 1999.

ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as nações*. São Paulo: Editora da UNB, 2002.

ARRIGHI, Giovanni. *Caos e governabilidade no Moderno Sistema Mundial*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2001.

_____. *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1995.

AZEVEDO, Cecília. *Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão*. In: ABREU, Mar ta & SOIHET, Rachel (orgs.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 38-54.

AZEVEDO, Francisca N. & KNAUSS, Paulo. *Imagens de uma aproximação: periódicos literários e a circulação de ideias entre o Brasil e a Argentina nos anos 30*. Seminário Brasil-Argentina: a visão do outro. Brasília: Funag, 2000.

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

BOHLKE, Marcelo. *Integração Regional & Autonomia do seu Ordenamento Jurídico*. Curitiba: Juruá, 2007.

BOTELHO, Isaura. *A diversificação das fontes de financiamento para a cultura: um desafio para os poderes públicos*. In: MOISÉS, J.A. e BOTELHO, I. (orgs.). *Modelos de financiamento da cultura*. Rio de Janeiro: Minc/Funarte, 1997.

_____. *Dimensões da Cultura e Políticas Públicas*. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, 15 (2) 2001, pp. 73- 83.

_____. *Romance de Formação: FUNARTE e política cultural 3/4 1976-1990*. Rio de Janeiro: Minc/FCB, 2001.

BUENO, Maria Lúcia. *Artes plásticas no século XX: modernidade e globalização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BRANT, Leonardo. *O Poder da Cultura*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2009.

BRUNNER, J.J. *La mano visible y la mano invisible. América Latina: cultura y modernidad*. México: Editorial Grijalbo, 1993.

CADERNOS ADENAUER. *Política Externa na América do Sul*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, n. 7, 2000.

CADERNOS ADENAUER II. *União Européia: Transtornos e Alcance da Integração Regional*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, n.2, 2001.

CANCLINI, Néstor Garcia & MONETA, Carlos (org). *Las industrias culturales en la integración latinoamericana*. Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1999.

CANCLINI, Nestor Garcia. *A Globalização imaginada*. São Paulo, Editora Iluminuras Ltda, 2003.

_____. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

_____. *Diferentes, Desiguais e Desconectados*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro: 2005b.

_____. *Culturas híbridas – Estratégias para sair e entrar na modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.

CARVALHO, Isaura. *Política Integrada de Intercâmbio e Cooperação*. Comunicação apresentada no VII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa – AULP. Rio de Janeiro: 1997.

- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.
- _____. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CATANI, Antonio David (org). *Fórum Social Mundial: a construção de um mundo melhor*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2001.
- CHERMANN, Luciane de Paula. *Cooperação Internacional e Universidade – Uma Nova Cultura no Contexto da Globalização*. São Paulo: EDUC, 1999.
- CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996.
- CHOMSKY, Noam. *O império americano: hegemonia ou sobrevivência?* Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- COHEN, Raymond. *Negotiating across cultures*. Washington: US Institute of Peace Press, 1997.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Presidência da República – Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao_compilado.htm
- COX, Robert. W. & SINCLARI, T.J. *Approaches to World Order*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- DE CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DEVES VALDÉS, Eduardo. *O pensamento nacionalista na América Latina e a reivindicação da identidade econômica (1920-1940)*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos. n. 20, 1997.
- DOMINGUES, José Maurício. *Aproximações à América Latina: desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

EICHENGREEN, Barry. *A globalização do capital: Uma história do Sistema Monetário Mundial*. São Paulo: Editora 34, 2000.

FARIA, H.J.B. de e SOUZA, V. de (orgs.). *Experiências de gestão cultural democrática*. São Paulo: Pólis, 1993.

FIORI, J. L. (org.). *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Brasil e América do Sul: O desafio da inserção internacional soberana*. Publicado em <http://www.rumosdobrasil.org.br/2010/03/12/brasil-e-america-do-sul-o-desafio-da-intercao-internacional-soberana/,2010>.

_____. *O poder americano*. 3ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

_____. *O poder global e a nova geopolítica das nações*. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

FETTER, Bruna Wulff. *Mapas dentro de Mapas: Estratégias de Articulação entre o local, o Regional e o Global na Bienal do Mercosul*. Dissertação de Mestrado PUC-RS, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/SOCIOLOGIA/2009/9_80E3141Fd01.pdf

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder* - 25ª Ed. São Paulo: Graal, 2012.

FRAGA, Rosendo. *La Argentina y Brasil en las primeras décadas del siglo. Seminário Brasil-Argentina: a visão do outro*. Brasília: Funag, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Americanidade e latinidade da América Latina e outros textos afins*. Organização Edson Nery da Fonseca. Brasília: Editora da UnB, 2003.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o Último Homem*. São Paulo: Rocco, 1992.

FURTADO, Celso. *Cultura e desenvolvimento em época de crise*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GALDIOLI, Andressa da Silva. *A cultura norte-americana como um instrumento do Soft Power dos Estados Unidos: o caso do Brasil durante a política de boa vizinhança*. 2008. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP).

GALEANO, Eduardo. *Patatas arriba. La escuela del mundo al revés*. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 2002, p. 157.

GAMBINI, Priscila. *Rede Mercocidades: Paradiplomacia de cidades Mercosul*. Disponível em: <http://www.cedin.com.br/revistaeletronica/artigos/Patricia%20RI.pdf>.

GERALDO, Caetano. *MERCOSUL: quo vadis?* Em DEP: Diplomacia, Estrategia y Política / Proyecto Raúl Prebisch no. 5 (enero/marzo de 2007) – . Brasilia : Proyecto Raúl Prebisch, 2007.

GILBOA, E. *American Public Opinion toward Israel and the Arab Israeli Conflict*. Lexington: MA, Lexington Books, 1987.

GINESTA, Jacques. *El Mercosur y su contexto regional e internacional*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 1999.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GONÇALVES, Williams. *Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GRIECO, Francisco de Assis. *O Brasil e a Nova Economia Global*. São Paulo: Aduaneiras, 2001.

GIUNTA, Andrea. *Estrategias de internacionalización. In Vanguardia Internacionalismo y política: Arte Argentino en los años sesenta*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

HALLIDAY, Fred. *Repensando as Relações Internacionais*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1999.

HELD, David e MCGREW, Anthony. *Prós e Contras da Globalização*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HERZ, Monica. *A dimensão cultural das relações internacionais: proposta teórico-metodológica*. Revista de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de do Rio de Janeiro, Vol 6, ano 3.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o Breve Século XX. (1914-1991)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

IANNI, Octavio. *A Era do Globalismo*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

_____. *A Sociedade Global*. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Enigmas da Modernidade Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b.

_____. *O príncipe eletrônico*. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P. E.; SILVA, H. *Desafios da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo - a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

JENKINS, Henry. *A cultura da Convergência*. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

J.L. FIORI, F. SERRANO e C. MEDEIROS. *O mito do colapso do poder americano*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

JULIÃO, Taís Sandrim. *O diálogo interdisciplinar em Relações Internacionais: o papel e a contribuição da Antropologia*. Boletim Meridiano 47 n.97, ago.2008, pp.21 - 24. - ISSN 1518-1219 – Publicação digital do [Instituto Brasileiro de Relações Internacionais](#).

KLEIN, Naomi. *Sem Logo: A tirania das marcas em um planeta vendido*. São Paulo: Editora Record, 2006. 5a. edição

LEITE, Denise & MOROSINI, Marília Costa (Org.). *Universidade e Integração no Mercosul*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

LEMOS, André. *Arte Eletrônica e Cibercultura*. <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/> 20 de abril de 2002.

_____. *Ciber-cidades*. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/> 20 de abril de 2002.

_____. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002b.

LEMOS, André; Cunha, Paulo (orgs). *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina 2003.

LESSA, Mônica L.; SUPPO, Hugo R. *O estudo da dimensão cultural nas relações internacionais*. In: GONÇALVES, Williams da Silva; LESSA, Mônica L. (orgs.) História das Relações Internacionais: Teoria e Processos. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2007.

LESSA, Monica Leite. *Mercosul cultural: desafios e perspectivas de uma política cultural*. Revista Mural Internacional. Ano I, nº 2, Novembro de 2010. Disponível em http://www.muralinternacional.uerj.br/pdf/5/Mural_internacional_ANOI_n2.pdf

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2001.

MACCIONI, Laura. *Valoración de la democracia y resignificación de 'política' y 'cultura': sobre las políticas culturales como metapolítica*. In: Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder. Caracas, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso), 2002.

MARCOVITCH, Jacques (Org.). *Cooperação Internacional: Estratégia e Gestão*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

MARTINUZZO, Jose Antonio, 2005, *Noopolitik: O Concreto e o Virtual na Noosfera Midiatizada*, Revista TEXTOS de la CiberSociedad, 8. Temática Variada. Disponible em <http://www.cibersociedad.net>

MATO, Daniel, AGUDO Ximena e GARCÍA, Illia, coords. *América Latina en tiempos de globalización II: cultura y transformaciones sociales*. Caracas: CIPOST - Universidad Central de Venezuela – UNESCO, 2000.

MATO, Daniel. *Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder*. Caracas: Clacso, 2002.

_____. *Cultura, comunicación y transformaciones sociales en tiempos de globalización*. En publicación: *Cultura y Transformaciones sociales en tiempos de globalización. Perspectivas latinoamericanas*. Caracas: Clacso, 2007.

MCLUHAN, Marshall e FIORE, Quentin. *Guerra e Paz na Aldeia Global*. São Paulo: Cultrix, 1968.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1995, 10ª ed.

MESSARI, Nissar & NOGUEIRA, João Pontes. *Teoria das Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2005.

MIGUEZ, Paulo. *Políticas Culturais em Revista*, 1 (2). Salvador, Editora da UFBA, 2009. Disponível em: www.politicasculturaisemreista.ufba.br

MONTERO, Rodrigo. *Internacionalização dos 60 e dos 90: A Bienal Americana de Córdoba como contraponto à Bienal do Mercosul de Porto Alegre*. Porto Alegre: Panorama Crítico #05 – Abr/Mai 2010.

MORGENTHAU, Hans J. *A política entre as nações: a luta pela guerra e pela paz*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

MOROSINI, Marília Costa (Org.). *MERCOSUL/MERCOSUR: Políticas e Ações Universitárias*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

_____. *Universidade no Mercosul*. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

NOGUEIRA, João Pontes & NIZAR, Messari. *Teoria das relações internacionais: correntes e debates*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

NYE, Joseph S. *Cooperação e Conflito nas Relações Internacionais*. São Paulo: Editora Gente, 2009.

_____. *O paradoxo do poder americano. Por que a única potência do mundo não pode prosseguir isolada*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

OLIVEIRA, Eliéser Rizzo de. *A Universidade e A Cooperação Internacional: Uma Estratégia de Desenvolvimento Institucional*. Conferência proferida no III Seminário sobre o Diálogo e a Cooperação entre As Universidades das Regiões Fronteiriças dos Países do Mercosul. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1995.

ORTEGA, Any Marise. *A Construção de uma ideologia continental no início do Século XX: A Revista Americana (1909-1919)*. Tese – Pós Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

PALLINI, Verónica. *Mercosul Cultural – Reflexiones acerca de la dimensión cultural de la integración*. Cuadernos para el Debate, n.14, noviembre de 2001.

PAULETTI, Ruy. *A Internacionalização e As Mudanças nas Estruturas das Universidades*. Comunicação apresentada no I Encontro de Reitores de Iberoamérica. Tordesilhas, 2000.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A política Externa dos Estados Unidos*. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2005.

PEREZ, de Cuéllar, Javier, org. (1997) *Nossa diversidade criadora: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento*. São Paulo: UNESCO/ Papyrus, Versión en inglés Our Creative Diversity. http://www.unesco.org/culture_and_development/ocd/intro.html.

PORTE, Teresa La. *La diplomacia cultural americana: una apuesta por el recurso al poder blando*. Real Instituto Elcano, n.103, 26/09/2006.

PREISS, Kenneth; GOLDMANN, Steven L.; NAGEL Roger N. *Cooperar para Poder Competir: Construindo Parcerias Eficazes*. 1. Ed. São Paulo: Futura, 1998.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder, globalización y democracia*. In: www.urbared.ungs.edu.ar/textos/aquijano2.doc

REVISTA MARKETING CULTURAL. *Patrocínio na medida exata*. São Paulo: jun. 1998.

RODRIGUEZ, Jorge. CARDARELLO, Antonio. *Las redes de ciudades como herramienta privilegiada para La gestion de cooperacion descentralizada*. In. Anuario de la Cooperacion Descentralizada 2006. Barcelona: Observatorio de Cooperación Descentralizada Local UE-AL, 2007.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; PITOMBO, Mariella y RUBIM, Iuri. *Políticas e Redes de Intercâmbio e Cooperação em Cultura no Âmbito Iberoamericano*. (Serie La Universidad y los procesos de Integración Social). En: *Convenio Andrés Bello. Siete Cátedras para la Integración*. Bogotá: CAB, 2005, p.129-170.

SAMOILÓVICH, Daniel. *Novos Cenários da Cooperação Internacional*. Conferência proferida no Encontro sobre a Cooperação entre a Europa e América Latina. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1999.

SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar da literatura latino-americana*. In: *Cosmopolitismo do pobre*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Raquel Paz dos. *Relações Brasil-Argentina: a cooperação cultural como instrumento de integração regional*. Est. Hist., Rio de Janeiro: vol. 22, n. 44, p. 355-375, julho-dezembro de 2009.

_____. *Diplomacia brasileira: A construção do discurso da alteridade nas representações da Argentina (1930-1954)*. XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.

_____. *Uma nova reflexão historiográfica das relações argentino-brasileiras a partir da dimensão cultural (1930-1954)*. Anual del Centro de Estudios Profesor Carlos S. A. Segreti. Córdoba, vol. 7, 2007, p. 409-422.

SEBASTIÁN, Jesus. *Estrategias, Instrumentos y Tendencias en la Cooperación Universitaria Internacional*. Palestra proferida na X Reunião Anual do FAUBAI – Fórum das Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais. Florianópolis, 1998.

SEBASTIÁN, Jesus. *Informe sobre la Cooperación Académica y Científica de España com América Latina*. Centro de Información y Documentación Científica. Espanha: Conferencia de Rectores de Universidades Españolas, 2000.

SOUCHAUD, S.; FUSCO, W. *Espaços migratórios e redes sociais da migração boliviana no Brasil: Corumbá e São Paulo*. Campinas: Nepo/IRD, 2007 (Documentação da pesquisa).

SOARES, Maria Suzana Arrosa. *A diplomacia Cultural no Mercosul*. São Paulo: Revista Brasileira de Política Internacional, 54 (1), 2008, PP. 53-69.

SOUZA, Antônio Marcos Alves de. *Cultura no Mercosul: uma política do discurso*. Brasília, Editora Plano, 2004.

STALLIVIERI, Luciane. *A Internacionalização nas Universidades Brasileiras: O Caso da Universidade de Caxias do Sul*. 2002. Dissertação de Mestrado. Universidade São Marcos, São Paulo.

_____. *A relação cultural como fator de integração*. Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplCooperacaoCapa/cooperacao/assessoria/artigos/relacao_cultural.pdf

_____. *Políticas e Ações de Cooperação e Intercâmbio Internacional – A Experiência da Universidade de Caxias do Sul*. Comunicação apresentada na Reunião de Assessores de Assuntos Internacionais - Regional Norte - FAUBAI. Belém, UFPA, 2001.

STELZER, Joana. *União Européia e supranacionalidade. Desafio ou realidade?* Curitiba: Editora Juruá, 2003.

VALENTE, Leonardo. *Política Externa da Era da Informação*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2007.

VELOSO, Maria. *O poder da cultura na integração sul-americana*. Revista do Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2006.

VOGL, Frank; SINCLAIR, James. *Boom: Como Prosperar na Competitiva Economia Global do Século 21*. São Paulo: Futura, 1996.

WENDT, Alexander. *Anarchy is What States Make of It: The Social Construction of Powers Politics*. USA: International Organization, n. 46, Spring 1992.

WWF. “*Redes – Uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização*” 2006. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/informacoes/index.cfm?uNewsID=3960>

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. George Yúdice: *Redes de gestión social y cultural en tiempos de globalización*. Em *América Latina en tiempo de Globalización*. MATO, Daniel, AGUDO Ximena e GARCÍA, Illia, coords. Caracas: CIPOST - Universidad Central de Venezuela – UNESCO, 2000.

REFERÊNCIAS MUSICAIS

CALLE 13. *Latinoamerica*. Puerto Rico, 2011.

DREXLER, Jorge. *El Sur Del Sur*. Frontera, EMI, 2003.

GIL, Gilberto & CAPINAN, José Carlos Capinam. *Soy loco por ti America*, 1966.

RAMIL, Vitor. *Ramilonga. A Estética do Frio*. Porto Alegre: Satolep Music, 1997.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- **AUGM** – Associação de Universidades do Grupo de Montevideú
- **BID** – Banco Interamericano de Desenvolvimento
- **CAN** – *Comunidad Andina* / Comunidade Andina
- **CEPAL** – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
- **CMC** – Conselho Mercado Comum
- **DIT** – Divisão Internacional do Trabalho
- **FAM** – Florianópolis Audiovisual Mercosul
- **FAS** – Festival América do Sul
- **FED** – *Federal Reserve* / Banco Central Americano
- **FEDERASUR** – Federação de Câmaras de Comércio e Indústria da América do Sul
- **FMC** – Fundo Mercosul Cultural
- **FMI** – Fundo Monetário Internacional
- **MRE** – Ministério das Relações Exteriores do Brasil
- **OEA** – Organização dos Estados Americanos
- **PNUD** – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- **RCM** – *Red Cultural Mercosur* / Rede Cultural Mercosul
- **RECAM** – *Programa MERCOSUR Audiovisual*
- **RMC** – Reunião de Ministros de Cultura
- **RSD** – *Red Sudamericana de Danza* / Rede Sul Americana de Dança
- **SICSUR** – Sistema de Informação Cultural do Mercosul
- **TAL** – *Televisión América Latina*
- **UE** – União Europeia
- **UNASUL** – União de Nações Sul-Americanas
- **UNESCO** – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* / Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- **UNILA** – Universidade da Integração Latino-Americana
- **WWF** – World Wildlife Fund (Organização não Governamental)

LISTA DE SITES

- **BIENAL DO MERCOSUL:** <http://bienalmercosul.org.br/>
- **CEPAL:** <http://www.eclac.org/>
- **CULTURA E MERCADO:** <http://www.culturaemercado.com.br/>
- **CULTURA SENDA:** <http://www.culturasenda.com/>
- **DIVER CULT:** <http://divercult.org/>
- **FAM:** <http://audiovisualmercosul.blogspot.com.br/>
- **FAS:** <http://www.festivalamericadosul.com.br/>
- **FEDERASUR:** <http://federasur.org.br/>
- **FESTIVAL PANORAMA:** <http://panoramafestival.com/>
- **IDANÇA:** <http://idanca.net/>
- **LOCO POR TI:** <http://locoporti.org.br/>
- **MRE BRASIL:** <http://www.itamaraty.gov.br/>
- **OEA:** <http://www.oas.org/>
- **PNUD:** www.pnud.org.br/
- **RAIA:** <http://www.raiavirtual.net/>
- **REDE MERCOCIDADES:** <http://www.mercociudades.org/>
- **RED MOVIMIENTO:** <http://www.movimiento.org/>
- **RCM:** <http://www.redculturalmercosur.org/>
- **RECAM:** <http://www.recam.org/>
- **RSD:** <http://movimientolaredsd.ning.com/profile/redsd>
- **SICSUR:** <http://www.sicsur.org/>
- **TAL:** <http://tal.tv/>
- **UNESCO:** www.unesco.org/
- **UNILA:** <http://unila.edu.br/>
- **WIKILEAKS:** <http://wikileaks.org/>
- **WWF:** <http://www.wwf.org.br/>

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1:

**MERCOSUL / REUNIÃO ESPECIALIZADA DE CULTURA / ATA 01/95:
MEMORANDO DE ENTENDIMENTO**

Anexo 2:

PROTOCOLO DE INTEGRAÇÃO CULTURAL DO MERCOSUL / 1996

Anexo 3:

RED CULTURAL MERCOSUR EN 10 PUNTOS

Anexo 4:

CULTURA DE RED: CARTA DE QUITO

ANEXO 1

MERCOSUL /

REUNIÃO ESPECIALIZADA DE CULTURA / ATA 01/95

Em Buenos Aires, em 15 de março de 1995, realizou-se a primeira Reunião Especializada de Cultura do Mercosul, cujas Delegações foram presididas pelo Senhor Ministro de Cultura e Educação da República Argentina, pelo Senhor Ministro de Cultura da República Federativa do Brasil, pelo Senhor Secretário de Cultura da República do Paraguai e pelo Senhor Subsecretário de Cultura da República Oriental do Uruguai. Encontravam-se presentes também, na condição de observadores, o Senhor Secretário de Cultura da República da Bolívia e a Senhora Chefe de Relações Internacionais do Ministério de Educação da República do Chile.

Os Chefes de Delegação tomaram conhecimento dos resultados obtidos pela etapa técnica de negociação celebrada nos dias 13 e 14 de março na sede mencionada, cuja Ata figura como Anexo da presente. Os Chefes de Delegação assinaram o Memorando de Entendimento, que figura como Anexo da presente, cujo projeto foi elaborado pela Reunião Técnica prévia. Os Chefes de Delegação concordaram em celebrar a II Reunião Especializada de Cultura na cidade de Assunção, antes do Encontro dos Senhores Presidentes do Mercosul.

MEMORANDO DE ENTENDIMENTO

Os Ministros e Autoridades Culturais dos Estados Parte do Mercosul, com a presença em caráter de observadores de Autoridades da República do Chile, em cumprimento do estabelecido no Tratado de Assunção de 26 x 1991, do convindo no Encontro de Secretários de Cultura e Autoridades Culturais do Mercosul de 25 de agosto de 1992 e do regulamentado pela Resolução 34/92 do Grupo Mercado Comum, convencidos de:

Que a cultura constitui a base fundamental do desenvolvimento social e das transformações no campo da produção, assim como o sustento da consolidação democrática dos povos da região, e que cumpre um papel decisivo no resgate dos setores mais postergados de seus países, especialmente dos jovens, mulheres e etnias historicamente discriminadas e desfavorecidas;

Que a herança comum dos povos latino-americanos, e particularmente dos países do Mercosul, é um poderoso fator de aproximação capaz de facilitar sua integração política e econômica;

Que as diversas manifestações culturais, tanto no interior de cada Estado quanto entre os mesmos, devem ser reconhecidas, preservadas e estimuladas dentro da perspectiva pluralista que caracteriza as democracias contemporâneas;

Que o processo de integração cultural tem como objetivos promover o conhecimento recíproco e a valorização mútua das manifestações artísticas, dos valores e das formas de vida dos povos, sem prejuízo da identidade cultural de cada um deles;

Que as necessidades de desenvolvimento das indústrias culturais do Mercosul e a valorização de todas as expressões culturais comprometem os Estados Parte a trabalharem em conjunto com as instituições educativas, em particular as universidades, com as instituições representativas da iniciativa privada e com todas as organizações não-governamentais que, através de diferentes setores da sociedade civil, trabalham pela cultura;

Que a cultura adquiriu uma importância econômica crescente no mundo atual, tanto pela exigência cada vez maior de qualificação intelectual polivalente e dinâmica exigida pelas novas tecnologias, quanto por constituir um setor de atividades que emprega um número importante de trabalhadores e mobiliza um volume considerável de investimentos;

Celebram a Primeira Reunião Especializada em Cultura do Mercosul e, neste marco, convencionam o presente Memorando de Entendimento:

ARTIGO PRIMEIRO

Constituir as Comissões Técnicas especificadas no Anexo I.

ARTIGO SEGUNDO

Designar dois membros titulares e dois membros suplentes por país para cada uma das Comissões Técnicas criadas pelo Artigo Primeiro.

ARTIGO TERCEIRO

Convidar as Autoridades Culturais da República da Bolívia e da República do Chile para que seja designada similar quantidade de especialistas que participarão das mencionadas Comissões Técnicas na qualidade de observadores.

ARTIGO QUARTO

Aconselhar que as Comissões Técnicas iniciem seu labor dentro dos dois meses, a partir da data de hoje, devendo cada Comissão se reunir pelo menos três vezes por ano.

ARTIGO QUINTO

Ratificar a importância do papel desempenhado pelos Organismos Internacionais na promoção da integração cultural regional e convidá-los a continuarem participando das Reuniões Especializadas e a se incorporarem ao trabalho das Comissões Técnicas em qualidade de observadores.

ARTIGO SEXTO

Definir, em curto prazo, os delineamentos básicos que deverão orientar o trabalho das diferentes Comissões Técnicas.

ARTIGO SÉTIMO

Instar as Comissões Técnicas a elaborarem relatórios sobre propostas e recomendações que tenham merecido consenso, devendo apresentá-los dois meses antes das Reuniões Especializadas.

ARTIGO OITAVO

Aceitar a proposta da parte argentina de apresentar na próxima Reunião Especializada, sob a consideração dos outros Estados Parte, um projeto de Convênio de Cooperação Cultural do Mercosul, com o objetivo de fortalecer institucionalmente o processo de integração cultural.

ANEXO 2

PROTOCOLO DE INTEGRAÇÃO CULTURAL DO MERCOSUL

Os Governos da República da Argentina, da República Federativa do Brasil, da República do Paraguai e da República Oriental do Uruguai, doravante denominados "Estados-Partes". Tendo em vista os princípios e os objetivos enunciados no Tratado de Assunção, assinado em 26 de março de 1991, e o Memorando de Entendimento, firmado em Buenos Aires, em 15 de março de 1995, no âmbito da Primeira Reunião Especializada de Cultura;

Conscientes de que a integração cultural constitui um elemento primordial dos Processos de integração e que a cooperação e o intercâmbio cultural geram novos fenômenos e realidades; Inspirados no respeito à diversidade das identidades e no enriquecimento mútuo;

Cientes de que a dinâmica cultural é fator determinante no fortalecimento dos valores da democracia e da convivência nas sociedades; Acordam:

ARTIGO I

1. Os Estados-Partes comprometem-se a promover a cooperação e o intercâmbio entre suas respectivas instituições e agentes culturais, com o objetivo de favorecer o enriquecimento e a difusão das expressões culturais e artísticas do Mercosul.
2. Para tanto, os Estados-Partes promoverão programas e projetos conjuntos no Mercosul, nos diferentes setores da Cultura, que definam ações concretas.

ARTIGO II

1. Os Estados-Partes facilitarão a criação de espaços culturais e promoverão a realização, prioritariamente em co-produção, de eventos culturais que expressem as tradições históricas, os valores comuns e as diversidades dos países-membros do Mercosul.
2. Os eventos culturais contemplarão, entre outras iniciativas, o intercâmbio de artistas, escritores, pesquisadores, grupos artísticos e integrantes de entidades públicas e privadas vinculadas aos diferentes setores da Cultura.

ARTIGO III

Os Estados-Partes favorecerão produções para cinema, vídeo, televisão, rádio e multimídia, sob o regime de co-produção e co-distribuição, abrangendo todas as manifestações culturais.

ARTIGO IV

Os Estados-Partes promoverão a formação comum de recursos humanos envolvidos na ação cultural. Para tanto, favorecerão o intercâmbio de agentes e gestores culturais dos Estados-Partes em suas respectivas áreas de especialização.

ARTIGO V

Os Estados-Partes promoverão a pesquisa de temas históricos e culturais comuns, incluindo aspectos contemporâneos da vida cultural de seus povos, de modo que os resultados dessas pesquisas possam servir como aporte para a definição de iniciativas culturais conjuntas.

ARTIGO VI

Os Estados-Partes incentivarão a cooperação entre seus respectivos arquivos históricos, bibliotecas, museus e instituições responsáveis pela preservação do patrimônio histórico e cultural, com vistas à harmonização dos critérios relativos à classificação, catalogação e preservação, para fins de criação de um registro do patrimônio histórico e cultural dos Estados-Partes do Mercosul.

ARTIGO VII

Os Estados-Partes recomendam a utilização de um Banco de Dados comum informatizado - confeccionado no âmbito do Sistema de Informação Cultural da América Latina e do Caribe - SICLAC - , que contenha calendários de atividades culturais diversas e relações de recursos humanos e estruturais disponíveis em todos os Estados-Partes.

ARTIGO VIII

Cada Estado-Parte protegerá, em seu território, os direitos de propriedade intelectual das obras originárias dos outros Estados-Partes, de acordo com sua legislação interna e com os tratados internacionais a que tenha aderido ou venha a aderir e que estejam em vigor em cada Estado Parte.

ARTIGO IX

Os Estados-Partes fomentarão a organização e a produção de atividades culturais conjuntas para sua promoção em terceiros países.

ARTIGO X

Os Estados-Partes envidarão seus melhores esforços para que a cooperação cultural do Mercosul envolva todas as regiões de seus respectivos territórios.

ARTIGO XI

Os Estados-Partes estimularão medidas que favoreçam a produção, a co-produção e a execução de projetos que sejam considerados de interesse cultural.

ARTIGO XII

1. Os Estados-Partes comprometem-se a buscar fontes de financiamento para as atividades culturais conjuntas do Mercosul, procurando a participação de organismos internacionais, da iniciativa privada, de fundações com programas culturais.
2. Na execução de empreendimentos comuns culturais, os Estados-Partes comprometem-se, ainda, a buscar, sempre que necessário, a cooperação e a assistência técnica dos organismos internacionais competentes.

ARTIGO XIII

Os Estados-Partes adotarão medidas tendentes a facilitar a admissão, em seus respectivos territórios, em caráter temporário, de material destinado à realização de projetos culturais aprovados pelas autoridades competentes dos Estados-Partes.

ARTIGO XIV

Os Estados-Partes estimularão a adoção de medidas que facilitem o trânsito de agentes culturais, vinculados à execução dos projetos de natureza cultural.

ARTIGO XV

Cada Estado-Parte favorecerá, em seu território, pelos meios de comunicação ao seu alcance, a promoção e a divulgação das manifestações culturais do Mercosul.

ARTIGO XVI

1. As controvérsias que surjam entre os Estados-Partes, em decorrência da aplicação, interpretação ou do não cumprimento das disposições contidas no presente Protocolo serão resolvidas mediante negociações diplomáticas diretas.

2. Se, mediante tais negociações, não se alcançar um acordo ou se a controvérsia for solucionada apenas em parte, serão aplicados os procedimentos previstos no Sistema de Solução de Controvérsias vigente entre os Estados-Partes do Tratado de Assunção.

ARTIGO XVII

O presente Protocolo, parte integrante do Tratado de Assunção, entrará em vigor, para os dois primeiros Estados que o ratifiquem 30 (trinta) dias após o depósito do segundo instrumento de ratificação. Para os demais signatários, entrará em vigência no trigésimo dia após o depósito do respectivo instrumento de ratificação e na ordem em que forem depositadas as ratificações.

ARTIGO XVIII

O presente Protocolo poderá ser revisto de comum acordo, por proposta de um dos Estados-Partes.

ARTIGO XIX

A adesão, por parte de um Estado ao Tratado de Assunção implicará, *ipso jure*, a adesão ao presente Protocolo.

ARTIGO XX

1. O Governo da República do Paraguai será o depositário do presente Protocolo e dos instrumentos de ratificação, e enviará cópias devidamente autenticadas dos mesmos aos Governos dos demais Estados Partes.

2. Da mesma forma, o Governo da República do Paraguai notificará os Governos dos demais Estados-Partes a data de entrada em vigor do presente Protocolo, bem como a data de depósito dos instrumentos de ratificação.

Feito em Fortaleza, em 16 de dezembro de 1996, em um original, nos idiomas espanhol e português, sendo ambos os textos igualmente autênticos.

ANEXO 3

LA RED CULTURAL MERCOSUR

EN 10 PUNTOS

1. La Red Cultural Mercosur surgió en 1998 como asociación civil sin fines de lucro. Está integrada por artistas, productores y gestores culturales reunidos bajo la convicción de que el trabajo en red constituye un concepto de gestión cultural que implica compartir información y capitalizar experiencias.
2. Su objetivo es dinamizar la interacción geográfica y cultural de la Región, entendiendo a la creación artística y la realización de proyectos socio-culturales como un factor fundamental de integración en un territorio de 14.875.113 km² con una población total de 282.876.634 habitantes.
3. Cuenta con más de 400 miembros individuales e institucionales de Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Paraguay, Uruguay y Venezuela.
4. La Red Cultural del Mercosur articula y facilita la circulación regional de productos y servicios artísticos, la coproducción de eventos y espectáculos, la formación y especialización artística técnica, la profesionalización de la gestión cultural y la realización de proyectos artístico culturales.
5. También forma parte de su misión estimular la formación y ampliación del público de las artes y la cultura, reforzando la construcción de una ciudadanía democrática en la que la inserción social se combine con la inserción cultural.
6. Los corredores geográfico-culturales son la herramienta elegida para crear circuitos alternativos de circulación de bienes culturales que favorecen la constitución de una geografía cultural regional más amplia que aquella que se constituye en el marco de los Estados-Nación.
7. Los corredores geográfico-culturales presentan la producción de artistas provenientes de los distintos países de la Región en varias ciudades. Se proyecta la existencia de tres tipos de corredores: Nacionales (en ciudades que se encuentran dentro de las fronteras de cada país),

Bilaterales (ciudades de dos países de la Región) y Multilaterales (en ciudades capitales o de equivalente envergadura de todos los países de la Región).

8. La RCM está creando el Centro Virtual de Información Cultural del Mercosur de una base de datos dinámica de libre acceso (en español y portugués) que brinde información sobre los servicios y productos culturales existentes en las instituciones de la Red.

9. El Centro Virtual de Información Cultural del Mercosur permitirá además visualizar información sobre las Instituciones, sus recursos y servicios culturales vía Internet, a través de la página web de la RCM, www.redculturalmercosur.org.

10. Las autoridades de la RCM para el período 2010-2012 son:

Presidencia: **Juan José De Mello**;
Coordinador Argentina: **Alfredo Mota**;
Coordinador Bolivia: **Roberto Aranibar**;
Coordinadora Brasil: **Lelia Nunes**;
Coordinadora Chile: **Hilda Arévalo**;
Coordinadora Paraguay: **Osvaldina Servián**;
Coordinador Uruguay: **Sergio Navatta**;
Coordinador Venezuela: **Régulo Pachano**

ANEXO 4

Cultura de Red Carta de Quito 2011

Reunidos en Quito, Ecuador, en el marco del encuentro “Cultura de red: dinámicas, innovación y acción para la cooperación regional” realizado del 30 de marzo al 2 de abril de 2011 y convocado por la Organización de Estados Iberoamericanos (OEI), Cultura Senda y Red Sudamericana de Danza, los abajo firmantes suscribimos la siguiente carta de intención.

Las redes son formas de trabajo que se caracterizan por su profundo compromiso por la transformación social de la realidad, con base en un trabajo horizontal, solidario y colaborativo. Dada la flexibilidad de sus formas organizativas, cuando hablamos de redes, lo hacemos tanto de organizaciones locales que trabajan de manera coordinada, hasta formas organizativas más complejas y de ámbitos de acción más amplios. Éstas se articulan en torno a objetivos comunes, que entienden a la cultura como un derecho colectivo adquirido como resultado de procesos históricos, cuyo ejercicio demanda un diálogo democrático entre Estado y ciudadanía.

En los últimos años se vienen impulsando una serie de iniciativas y acciones que articulan voluntades y esfuerzos para el desarrollo de alternativas innovadoras con las que enfrentar los múltiples desafíos del sector cultural en Latinoamérica. Constatamos con ellas el fortalecimiento de un importante movimiento de convergencia asociativa en la región, en vista de lo cual reconocemos y valoramos estas iniciativas que dan cuenta de ricos y diversos procesos de vocación democrática y participación ciudadana.

Consideramos indispensable generar las condiciones necesarias para conocer el trabajo que se realiza desde cada una de estas experiencias, así como sus sentidos y propósitos en función de identificar espacios de encuentro que favorezcan el intercambio y la colaboración entre éstas, y el fortalecimiento de su incidencia.

Del mismo modo, constatamos la existencia de desafíos compartidos entre los que destacan la sostenibilidad de los procesos culturales, el fortalecimiento de la participación ciudadana, además de las condiciones adversas generadas por la crisis financiera global que afecta tanto al sector público y privado, como a la cooperación en nuestro ámbito.

En este marco, acordamos:

- Iniciar un proceso de acercamiento y articulación entre nuestras redes y organizaciones que favorezca el actuar conjunto en función de la transferencia e intercambio de experiencias, aprendizajes, metodologías, movilidad y diálogo directo, además de todas las acciones que contribuyan a la consolidación de nuestro quehacer y el logro de estos propósitos.
- Identificar esfuerzos e iniciativas comunes que posibiliten la concreción de proyectos de acción en el campo de la cultura, las artes, la participación ciudadana, la organización comunitaria, entre otros, en función del fortalecimiento de la asociatividad en la región.

Para avanzar en esta dirección, nos comprometemos a articular nuestros esfuerzos para levantar un proceso de convergencia con otras redes y organizaciones ya existentes, teniendo como punto de partida el reconocimiento y valoración del quehacer de cada una de ellas, sus procesos y particularidades, en el marco de una relación de cooperación horizontal que contribuya a profundizar la integración regional desde la dimensión local a la continental, la sinergia de nuestros programas y el potenciamiento de nuestros recursos y resultados.

Como punto de partida visualizamos las siguientes líneas de acción:

- 1.La valorización y fortalecimiento de la participación ciudadana en la gestión pública en todos los niveles.
- 2.La construcción de conocimiento colaborativo y de innovación como una de nuestras características y fortalezas principales, además de los productos y procesos emanados de este quehacer.
- 3.El trabajo en red como estrategia colaborativa para compartir múltiples saberes, experiencias y sueños colectivos.

Como medidas inmediatas, que concreten esta voluntad, acordamos el desarrollo de las siguientes iniciativas:

1. Identificar la presencia de redes y organizaciones que trabajan en el ámbito local y global, en función de los propósitos arriba señalados.
2. Utilizar creativamente los medios digitales como plataforma para visibilizar y fortalecer las acciones de las diferentes experiencias asociativas.
3. Generar espacios de capacitación que permitan desarrollar las competencias necesarias para el trabajo colaborativo y en red.

4. La apertura de espacios de encuentro, intercambio de experiencias y comunicación entre las redes y organizaciones en futuros eventos.
5. Identificar coincidencias para el desarrollo y apoyo de iniciativas conjuntas en curso.
6. Estimular la participación e incidencia de los diversos agentes culturales y sociales en la generación, implementación y evaluación de las políticas y la institucionalidad cultural.
7. Compartir este proceso de encuentro y discusión con otras experiencias existentes, propiciando la generación de nuevos espacios e instancias a quienes invitamos a este espacio de mutuo reconocimiento y colaboración.

Este documento queda abierto a la socialización y a la incorporación de nuevas organizaciones que se sumen a estos esfuerzos.

Quito- Ecuador, al 2 de abril de 2011